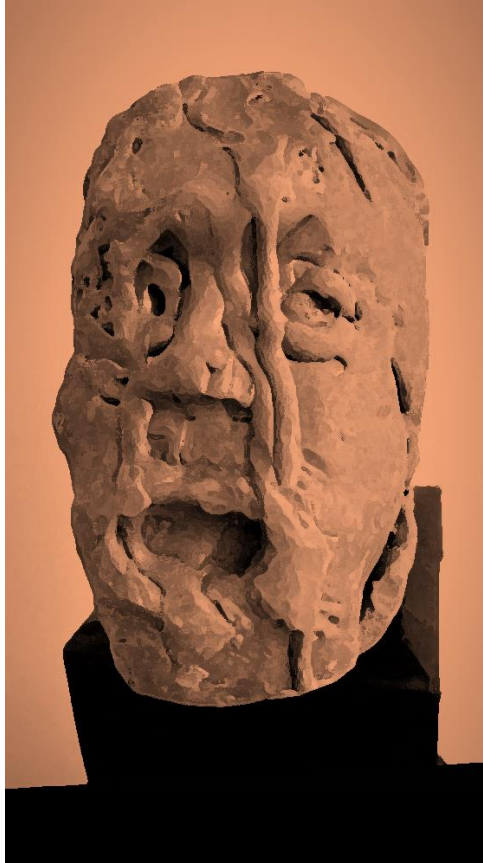


## SEMINÁRIO TEÓRICO

### PARADIGMA EXISTENCIAL E FENOMENOLÓGICO DA TEORIA WINNICOTTIANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS CLÍNICAS



#### OBJETO GRITANTE

*Palavra é objeto gritante não por dar sentido ou não aos gritos da existência, mas por ser o grito do estar sendo da existência, quando dito e ouvido como sons em forma de palavra. As palavras que doem fundo; as palavras, que estouram na boca por um acúmulo de existência, doem porque a palavra é ela mesma uma sonoridade vertiginosa que nem sequer precisa soar alto, já que ela é no corpo todo, por toda parte, ressonância pulsante do “estou sendo”.*

(Atrás do pensamento: a filosofia de Clarice Lispector / Marcia Cavalcante Schuback; p. 26)

## PARADIGMA EXISTENCIAL E FENOMENOLÓGICO DA TEORIA WINNICOTTIANA E SUAS CONSEQUENCIAS CLÍNICAS

### Docentes

Roberto Girola: psicanalista, pós-graduado em Teoria Psicanalítica pela Universidade São Marcos, licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL) e pela Facoltà Interregionale di Torino e Milano e bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade do Latrão (Roma). Autor dos livros "A Psicanálise Cura? Uma Introdução à Teoria Psicanalítica" e "Perguntas a um Psicanalista", ambos da editora Ideias & Letras e coautor do livro "A Supervisão Psicanalítica: Ofício e Transmissão", ed. Zagodoni. Atuou, por 20 anos, como editor e consultor editorial de várias editoras e participou, por dois anos, do Prêmio Jabuti como jurado na área de Psicologia e Pedagogia.

Andréia Graciano – Psicóloga, psicanalista e mestre em Psicologia – Área de Concentração em Psicossomática com a tese: O "Medo de Ser": Uma abordagem psicanalítica winnicottiana sobre dependência emocional e sofrimento na vida da mulher adulta. Doutoranda em Filosofia com a Investigação sobre a "A Psicanálise do Ser em Winnicott. Mutualidade entre a Filosofia e a Psicanálise", na Universidade Beira Interior, Portugal.

### Objetivo

Averiguar a teoria do desenvolvimento socioemocional de Donald Woods Winnicott a partir de uma leitura heideggeriana sobre o acontecer do humano (Dasein) baseada nas contribuições de Zeljic Loparic, incluindo no diálogo o pensamento atual do filósofo Byung-Chul Han. O curso pretende dialogar com os principais desafios da clínica contemporânea.

### Programa:

Aula 1. PSICANÁLISE WINNICOTTIANA E FREUDIANA – DIFERENÇAS OU UMA MUDANÇA PARADIGMÁTICA?

Aula 2. PSICANÁLISE ONTOLÓGICA

Aula 3. OS PRINCIPAIS CONCEITOS WINNICOTTIANOS

Aula 4. MUTUALIDADE

Aula 5. BYUNG-CHUL HAN E A PERSPECTIVA WINNICOTTIANA

Aula 6. CRIATIVIDADE: SER ANTES DE FAZER

Aula 7. A CAPACIDADE DE CRIAR O MUNDO

Aula 8. UMA TEORIA DA SAÚDE

Aula 9. PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DE AÇÃO NA ÁREA DA SAÚDE ESCOLAR

## PARADIGMA EXISTENCIAL E FENOMENOLÓGICO DA TEORIA WINNICOTTIANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS CLÍNICAS

### APRESENTAÇÃO DO CURSO

Este estudo tem como principal objetivo averiguar a teoria do desenvolvimento socioemocional de Donald Woods Winnicott (1896 – 1971) a partir de uma leitura heideggeriana sobre o acontecer do humano (*Dasein*), em particular sobre a conquista do Ser, e ampliar o conceito da mutualidade para a comunicação entre a filosofia e a psicanálise.

Winnicott construiu a tese sobre o desenvolvimento emocional humano a partir de suas experiências clínicas (vivas e observadas) nas relações mãe-bebê. O enfoque de sua investigação se dava nos encontros intersubjetivos entre o indivíduo e o ambiente. Os acontecimentos fenomenológicos ofereceram as bases empíricas para pesquisar sobre o que promoveria ou dificultaria os diferentes sentidos de ser e de participação criativa do indivíduo na realidade.

As afinidades teóricas do amadurecimento em Winnicott e o acontecimento em Heidegger sobre a constituição dos modos de ser do homem tem sido um tema estudado por filósofos, dentre eles Zeljic Loparic, que considera as duas teorias como quadros gerais para recolocar a pergunta decisiva do homem, a pergunta pelo sentido de ser.

A abordagem psicoterapêutica que trabalha com este pressuposto da constituição fundamental do ser humano como um *ser-o-aí – ser-no-mundo* (em alemão *Dasein*) é a *Daseinsanalyse*<sup>1</sup> ("Análise do *Dasein*"), também conhecida como Análise Existencial ou Fenomenológica-Existencial.

Segundo a Federação Internacional de Psicoterapia *Daseinsanalytica* (IFDA), a abordagem *daseinsanalítica* é fenomenológica, pois procura ver sem deformações aquilo que de si mesmo se mostra a nós. O existir não cessa nos limites da pele e não está contido nela. A existência é essencialmente aberta.

Para compor uma produção teórica de base filosófica, a apresentação incluirá, no diálogo com a teoria winnicottiana, o pensamento atual do filósofo Byung-Chul Han, cuja obra aborda o tema sobre o sentido de ser na sociedade do desempenho, onde o indivíduo passou a ser avaliado pela funcionalidade e não pela personalidade.

---

<sup>1</sup> A CONSTITUIÇÃO FUNDAMENTAL DO HOMEM À LUZ DA DASEINSANALYSE - Disponível em: <https://www.daseinsanalyse.org.br/historia-2.html> Acesso em 01/02/2024.

Os temas do Seminário Teórico “Paradigma Existencial e Fenomenológico da Teoria Winnicottiana e suas Consequências Clínicas” foram delineados pensando nos estudos entre a filosofia hiedeggeriana e a psicanálise winnicottiana para:

1. considerar a possibilidade da extensão do conceito de mutualidade do saber entre as áreas psicanalíticas e filosóficas;
2. investigar sobre o sentido do ser (o que queremos ser?);
3. apresentar a relevância da psicanálise ontológica na clínica contemporânea;
4. averiguar através da interlocução entre Han e Winnicott as questões do mal-estar contemporâneo, seus modos de sofrer distúrbios físicos e emocionais (WINICOTT, 1994, p. 283) ou “distúrbios neurais” (HAN, 2019) apresentados no transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe (*borderline*) e exaustão (*burnout*);
5. expor uma visão da questão da exigência performática e sua relação com o adoecimento e o bem-estar presentes na educação infantil e no trabalho.

A apresentação buscará tratar dos princípios fundamentais originários ontológicos nos quais a condição humana se assenta e é atravessada. O conhecimento de tal fenômeno tornou-se fundamental para observação, pois a humanidade vem enfrentando questões políticas, sociais e culturais que estão vivas no contexto da clínica e se o psicanalista não estiver atento se tornará ele mesmo um instrumento utilitarista esquecendo as questões fundamentais no tratamento analítico.

Os avanços dos estudos psicanalíticos pós-freudianos levaram a focar não apenas nos conflitos pulsionais, mas nas neuroses narcísicas, frutos de traumas primitivos, uma vez que, o psiquismo na sua fase arcaica é basicamente autoerótico e narcísico. Na visão da perspectiva winnicottiana estaríamos falando de adultos regredidos emocionalmente às condições de fases primárias, onde estariam as estruturas nascentes do ego (WINNICOTT, 1975, p. 155).

Khan (2000), no prefácio Da Pediatria à Psicanálise de Winnicott traz uma afirmação sobre um contexto, no qual à medida que novos casos de experiências clínicas com pacientes fronteirços (*borderlines*) começaram a se acumular, foi se tornando necessário complementar as hipóteses da psicanálise clássica com uma urgência cada vez maior (WINNICOTT, 2000, p. 39).

Tal questão chega à clínica quando o analista se vê inserido nesta lógica de objetificação e técnicas de dominação por uma “Psicopolítica neoliberal” (Han) do “não

funcionamento” ou “funcionamento” - em um mundo definido pela explicação das condutas humanas baseadas no interesse e utilidade - e não consegue chegar à questão primordial (*self*) do indivíduo com suas características e natureza.

Z. Bauman (2001) descreve a passagem para o atual contexto sociocultural, como a passagem da modernidade sólida, para a modernidade líquida. A sociedade de consumo, onde tudo se torna um “produto”, submete as relações humanas às regras de mercado, dominadas pelo princípio do prazer, mais do que pelo princípio de realidade, como pretendia Freud em *O mal-estar da civilização*.

Debord (2005) apresenta uma sociedade do espetáculo rigorosa por performances, geradora de dispositivos de simulacros, produtores daquilo que Winnicott denominou de falsos selves, num espetáculo que se apresenta como uma enorme positividade indiscutível e inacessível, onde «o que aparece é bom, o que é bom aparece». A atitude exigida por princípio é a aceitação passiva pelo monopólio da aparência.” (DEBORD, 2005, p. 12)

Thomas H. Ogden (2020), em seus estudos sobre a psicanálise baseada na obra dos autores Freud e Klein, denomina de “psicanálise epistemológica” a abordagem clínica cuja atenção está, principalmente, relacionada ao conhecimento e à compreensão, e cujo enfoque é a interpretação. Já as referências teóricas de Winnicott, Ogden chama de “psicanálise ontológica” pois está relacionada ao ser e ao tornar-se, e trata de valorizar a experiência que permita ao paciente descobrir sentidos de maneira criativa e que, nesse processo, se torne mais plenamente vivo.

## PARADIGMA EXISTENCIAL E FENOMENOLÓGICO DA TEORIA WINNICOTTIANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS CLÍNICAS

### Aula 1. PSICANÁLISE WINNICOTTIANA E FREUDIANA – DIFERENÇAS OU UMA MUDANÇA PARADGMÁTICA?

- **Contribuições de Loparic sobre o diálogo entre a filosofia heideggeriana e a psicanálise winnicottiana;**
- **O que é o inconsciente para Winnicott?**

#### SUGESTÕES DE LEITURA PARA AULA 1:

→ \* LOPARIC, Zeljko. Heidegger e Winnicott. Winnicott e-prints, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 1-18, 2006 . Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-432X2006000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2006000200002&lng=pt&nrm=iso) . acessos em 07 abr. 2024. (\* **texto principal**)

→ FULGENCIO, L. (2010). Aspectos gerais da redescrição winnicottiana dos conceitos fundamentais da psicanálise freudiana. Psicologia USP, 21(1), 99–125. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000100006>

→ FULGENCIO, L. (2018). Pode a psicanálise de Winnicott ser a realização de um projeto de psicologia científica de orientação fenomenológica? Psicologia USP, 29(2), 303–313. <https://doi.org/10.1590/0103-656420170048>

- **Contribuições de Loparic sobre o diálogo entre a filosofia heideggeriana e a psicanálise winnicottiana**

Há mais de 30 anos, Zeljko Loparic<sup>2</sup> tem se dedicado a interlocução entre a obra de Heidegger e Winnicott. No Brasil, o filósofo croata, naturalizado brasileiro, abriu a sequência da geração de autores da psicanálise e da filosofia que estudam as afinidades teóricas entre Heidegger e Winnicott, dentre eles: Elsa Oliveira Dias<sup>3</sup>, Caroline Vasconcelos Ribeiro<sup>4</sup>, Leopoldo Fulgêncio<sup>5</sup> e Eder Soares Santos<sup>6</sup>.

Segundo Loparic (1994), é importante que a teoria do amadurecimento winnicottiana seja analisada em estudos filosóficos, especialmente, nos temas aos quais apresentam aproximações com a teoria da acontecência humana de Heidegger sobre a perspectiva de homem como um Dasein (*ser-o-aí*) nos seus *diferentes modos de existir no tempo*.

A **teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott** nos leva a ver o homem em sua *necessidade de chegar a ser e continuar-a-ser*, chegar a se integrar como pessoa, tomar parte e responsabilidade junto à vida social e comum, procurando viver uma vida real e espontânea.

---

<sup>2</sup> Doutor em filosofia pela Universidade Católica de Louvain (1982), professor titular aposentado da Unicamp, preside a Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana (SBPW). Em 2013, fundou e assumiu a presidência da International Winnicott Association (IWA) e em 2015, promoveu a criação do Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicott e a Filosofia Winnicottiana (IBPW).

E-mail: [loparic3@gmail.com](mailto:loparic3@gmail.com)

<sup>3</sup> Psicanalista e terapeuta winnicottiana. Doutora em Psicologia Clínica pela PUCSP, com a tese “A teoria das psicoses de D. W. Winnicott”. Elsa Dias fundou, com Z. Loparic, em 2005, a Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana (SBPW) e, em 2015, o Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana (IBPW).

E-mail: [elsaoliveiradias@gmail.com](mailto:elsaoliveiradias@gmail.com)

<sup>4</sup> Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e doutorado e pós-doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e do Programa de Pós-graduação em Memória, Linguagem e Sociedade (PPGMLS/UESB). Tem experiência na área de Filosofia Contemporânea, Filosofia da Psicanálise e Psicanálise Winnicottiana. Organizou o livro “Ontologia e Psicanálise: diálogos possíveis” e, junto com Zeljko Loparic, organizou o livro “Winnicott and the future of Psychoanalysis”. Tem artigos e capítulos de livros que abordam a interface entre filosofia e psicanálise.

E-mail: [carolinevasconcelos@hotmail.com](mailto:carolinevasconcelos@hotmail.com)

<sup>5</sup> Professor no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade (desde 2014). Foi professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (de 2007 a 2014). Disponível em <https://www.ip.usp.br/site/leopoldo-fulgencio/> Acesso em 30/01/2024.

<sup>6</sup> Eder Soares Santos possui graduação em Filosofia (1997), mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (2001), doutorado sanduíche em Filosofia – Universität Freiburg (Albert- Ludwigs) (2005), doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas/SP (2006) e pós-doutorado na Bergische Universität Wuppertal (2015).

E-mail: [edersan@uel.br](mailto:edersan@uel.br)

A **teoria da acontecência humana de Heidegger** nos apresenta esse homem, *ser-o-aí*, nos seus diferentes modos de ser, apontando, sobretudo, que somos temporais e finitos. Na perspectiva heideggeriana, como Loparic realça, “o ser humano não é coisa alguma; num certo sentido, não é nem mesmo um ente, mas **um acontecente**, cujo acontecer não é um processo causal” (Loparic, 2001, p. 123).

A investigação de Loparic apresenta que ninguém na filosofia foi tão longe na elucidação do conflito essencial entre o ser e o fazer, constitutivo da acontecência que nos deixa existir como Heidegger. Tal formulação também foi apresentada por Winnicott ao afirmar que “A partir do ser, vem o fazer, mas não pode haver o fazer antes do ser” (WINNICOTT, 1999, p. 7).

- **O que é o inconsciente para Winnicott?**

“(…) uma pessoa não pode existir com simples ruídos que não se referem a nada, tampouco com o tempo como mera sequência de agoras.” (HEIDEGGER, Seminários de Zollikon p.81).

Para Heidegger, o investigador é um intérprete que necessita de uma reflexão crítica sobre as representações e os conceitos condutores que trabalha.

A filosofia heideggeriana questionou sobre o SER e reivindicou o lugar do pensamento nas disciplinas dos diversos saberes contemporâneos. Disse Heidegger: “A arte da interpretação é a arte de perguntar corretamente” (HEIDEGGER, Seminários de Zollikon p. 81).

Sua crítica se referia a uma tecnicidade tida como dada, absoluta e inquestionável das ciências naturais e psicológicas. Sua filosofia reivindicava que por trás da tradição, das teorias construídas ou dos dados ‘calculados-métricos-informativos’ deveria haver o exame singular (cada fenômeno em sua especificidade), suspenso de conhecimentos prévios/juízos (“epochê”), nos quais observaríamos como os fenômenos se mostravam por eles mesmos.

Pensamentos de aberturas aos acontecimentos estariam entre os compromissos fundamentais nos estudos fenomenológicos de Heidegger: “O estado de abertura para o presente é o traço fundamental do ser humano.” (p. 100).

Por sua vez, no campo da psicanálise freudiana pressupõe-se que os psicanalistas têm por orientação-guia alguns *Shibboleth*<sup>7</sup>, tais como: o conceito de inconsciente

---

<sup>7</sup> Shibboleth ou Xibolete é uma palavra hebraica que encontramos no Velho Testamento (Livro dos Juízes 12, 6), usada para distinguir os que pertencem ou não a uma determinada tribo: só os que conseguem pronunciar corretamente a palavra pertencem a um determinado grupo. Freud considerou xiboletes da



(reprimido), complexo de Édipo, transferência, dentre outros. Sob a base destes pressupostos o edifício teórico da psicanálise se construiu.

“PSICANÁLISE é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica.” (FREUD, DOIS VERBETES DE ENCICLOPÉDIA (1923 [1922]))

A pergunta “O que é o inconsciente para Winnicott?” suscita uma série de interesses que escapam aos paradigmas da teoria freudiana no que diz respeito a um “recalque originário”, trazendo um novo conceito sobre o “não-acontecido”, um “inconsciente clivado/cindido/dissociado” ou “pré-histórico” que não é consciente, mas que “foi vivido”.

De acordo com as observações clínicas de Winnicott, o ego se organizaria com defesas contra o colapso da organização do ego, quando era a organização do ego que estaria ameaçada. Mas o ego não poderia organizar nada contra a falência do ambiente facilitador enquanto a dependência for um fato da vida.

Neste sentido, Winnicott postulou que nos fenômenos mais psicóticos o que estaria em causa seria um colapso do estabelecimento da unidade do eu [self], uma vez que, - em um primeiro momento -, o eu (self) existia indiferenciado do ambiente.

“Dependência Absoluta - Deve ser recordado que no período de dependência absoluta, em que a mãe cumpre uma função de ego auxiliar, **o bebê ainda não separou o “distinto de mim” daquilo que faz parte de “mim”** – tal não pode acontecer sem o estabelecimento do “mim” [me].” (WINNICOTT – O Medo do Colapso - 1963, p. 72)

“**Num tal ambiente facilitador** o indivíduo adquire um desenvolvimento que pode ser classificado como **integrador**, ao qual é acrescentada a morada [indwelling] (ou **colusão psicossomática**) e depois **a relação com o objeto.**” (Idem)

A formação do ICs no pensamento winnicottiano partia, portanto, do princípio de uma fusão ‘bebê-ambiente’<sup>8</sup>.

---

psicanálise a noção de inconsciente (1923b, p. 258), a teoria dos sonhos (1933a, p. 37) e o Complexo de Édipo (1905d, p. 165n).

<sup>8</sup> Nas fases primitivas dos cuidados originários, a mãe é ambiente. “Foi no texto de 1963, *The Development of the Capacity for Concern*, que Winnicott funda a ideia de que para o bebê existem duas mães: a mãe-objeto e a mãe-ambiente. A primeira constitui-se na mãe experimentada pelo bebê em seu estado de excitação. A segunda é a mãe que é tomada como outro pelo bebê em um estado de paz e tranquilidade.” (A Linguagem de Winnicott-Jan Abran, p. 15)

“Aqui, **o inconsciente não é exatamente o inconsciente reprimido da psicose, nem o inconsciente da formulação freudiana** sobre a parte da psique que é muito próxima do funcionamento neurofisiológico. Tampouco é o inconsciente de Jung, que eu designaria assim: todas as coisas que decorrem em caves subterrâneas, ou (por outras palavras) a mitologia do mundo, em que há colusão entre as realidades psíquicas internas do indivíduo e da mãe.

Neste contexto particular, **o inconsciente significa que a integração do ego não é capaz de abarcar algo**. O ego é demasiado imaturo para acolher todos os fenómenos na área da onipotência pessoal.” (Idem , p. 73)

“O paciente precisa de o “recordar”, mas **não é possível recordar algo que ainda não aconteceu**, e essa coisa do passado ainda não aconteceu porque o paciente não estava lá para que lhe acontecesse. Neste caso, a única maneira de “recordar” é o paciente **experienciar essa coisa passada pela primeira vez no presente**, isto é, na transferência. Então, essa coisa passada e futura torna-se um assunto do aqui e agora, e é experienciada pelo paciente pela primeira vez. Tal é o equivalente a recordar, e este desfecho equivale ao levantamento da repressão que decorre na análise de um paciente psiconeurótico (análise freudiana clássica).” (Idem, p. 74)

Winnicott questionou o ‘sentido de Ser’ e ‘continuar sendo’, bem como, os impactos sofridos por algo “não acontecido”, que estaria “congelado”, “não catalogado”, “sem representação mental” e que foram ocorridos antes da formação do ego, oferecendo ao ambiente uma importância imprescindível nos processos de maturação.

Este pressuposto originário da relação indivíduo-ambiente trouxe formulações a respeito de um ICs corporal ou psicossomático (elaboração imaginativa das funções somáticas), acrescentando uma importante contribuição na solução de problemas para lidar com os fenômenos observados nos sintomas clínicos com psicóticos, antissociais e *borderline*.

Questões de ordem primária gerariam o falso self, o medo do colapso, o medo do vazio, as agonias impensáveis, a desintegração, a despersonalização e a desrealização, demandando confiabilidade na relação com o analista.

“Então, devemos questionar-nos: por que continua o paciente a preocupar-se com algo que pertence ao passado? A resposta deve ser que a experiência original da agonia primitiva **não consegue converter-se em algo passado enquanto o ego não a recolher dentro da sua experiência presente e do seu controlo onipotente atual** (assumindo que a mãe/analista cumpra a sua função auxiliar de suporte do ego).” (Idem, p. 73)

Deliberadamente, o analisando se permitiria regredir ambiental à dependência absoluta (“transferência psicótica”<sup>9</sup>) para reviver experiências de falhas ambientais primárias (que foram ele mesmo neste determinado tempo-espaço).

O analista também contribuiria reconhecendo suas falhas como forma de manejo para auxiliar o analisando no seu processo de integração do self.

Em outras palavras, na regressão analítica as falhas que provocaram as defesas neuróticas/psicóticas poderiam ser “cuidadas fornecendo certos elementos essenciais pelos próprios meios que as produziram: a experiência ambiental.” (MELLO FILHO, 2001, p. 42).

---

<sup>9</sup> WINNICOTT, Explorações Psicanalíticas – texto O Conceito de Regressão Clínica comparado com o de Organização Defensiva – 1967, p. 154)

# PARADIGMA EXISTENCIAL E FENOMENOLÓGICO DA TEORIA WINNICOTTIANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS CLÍNICAS

## Aula 2. PSICANÁLISE ONTOLÓGICA

- **O conceito de ser na psicanálise.**

### SUGESTÕES DE LEITURA PARA AULA 2:

→ \* WINNICOTT, O Medo do Colapso - Livro Explorações Psicanalíticas - Disponível em podcast: <https://na01.safelinks.protection.outlook.com/?url=https%3A%2F%2Fpodcasters.spotify.com%2Fpod%2Fshow%2Fandreia-graciano%2Fepisodes%2FO-Medo-do-Colapso--DWW-e1jjk02&data=05%7C02%7C%7C9c55a48d47e2492ffa308dc4c322055%7C84df9e7fe9f640afb435aaaaa%7C1%7C0%7C638469025392572399%7CUnknown%7CTWFpbGZsb3d8eyJWlloiMC4wLjAwMDAiLCJQIjoiV2luMzliLCJBTiI6IjEhaWwiLCJXVCi6Mn0%3D%7C0%7C%7C%7C&sdata=1j6S7tKwY67So5Silv7t1Ipk1WQkblrN2WE%2BkrL1xPo%3D&reserved=0> (\* **texto principal**)

→ OGDEN, Thomas H. Psicanálise ontológica ou "O que você quer ser quando crescer?". Traduzido por Fernanda Sofio. Rev. bras. psicanálise [online]. 2020 Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2020000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2020000100002&lng=pt&nrm=iso) ISSN 0486-641X

## PSICANÁLISE DO SER

A denominação “Psicanálise do Ser” (“Psicanálise Ontológica”) está fundamentada nos pressupostos ontológicos constitucionais e originários do desenvolvimento do ser humano. Sem estas bases, o psiquismo humano estaria exposto ao *breakdown*, que incluiriam a sensação de colapso, morte, vazio, futilidade (falso *self*) e inexistência. Sintomas presentes nas queixas e sofrimentos testemunhados na clínica psicanalítica contemporânea.

A teoria do amadurecimento de Winnicott tem sido analisada em estudos filosóficos, especialmente, nos temas aos quais apresentam afinidades e aproximações com a teoria da acontecência humana de Heidegger sobre a perspectiva de homem como um *Dasein* (*ser-o-aí*) nos seus diferentes modos de ser no tempo (LOPARIC, 1994).

Questões da clínica contemporânea confirmam a importância da “experiência de ser”, do “continuar sendo” e a “experiência de um verdadeiro *self*” como temas relevantes em uma psicanálise que tem sido exigida como predominantemente ontológica (Ogden, 2020).

De acordo com alguns autores da psicanálise e da filosofia, a contemporaneidade apresenta a necessidade, cada vez maior, de um tipo de reflexão filosófica e cuidado psicoterapêutico, que considere a constituição egóica e sentido do ser para o indivíduo exposto a uma exigência de performance e desempenho desde a infância (em época escolar) até à fase adulta de esgotamento e que o tem levado ao “esgarçamento do ego” (HAN, 2019).

Thomas H. Ogden (2020), em seus estudos sobre a psicanálise baseada na obra dos autores Freud e Klein, denomina de “psicanálise epistemológica” a abordagem clínica cuja atenção está, principalmente, relacionada ao conhecimento e à compreensão, e cujo enfoque é a interpretação. Já as referências teóricas de Winnicott, Ogden chama de “psicanálise ontológica” pois está relacionada ao ser e ao tornar-se, e trata de valorizar a experiência que permita ao paciente descobrir sentidos de maneira criativa e que, nesse processo, se torne mais plenamente vivo.

Loparic (2004) destaca que Heidegger desenvolveu uma fenomenologia do existir humano, cujo ponto central foi mostrar o modo de existir humano designado como “ser-aí-no-mundo” (*Dasein*), um ser presente, que é existência, lançado, como “liberdade encarnada” (LOPARIC, 2004, p. 21).

Através de inúmeros exemplos de casos verificados diariamente no seu consultório, Winnicott formulou considerações sobre as psicopatologias psiquiátricas por meio de

contribuições de que estas estariam relacionadas às falhas do cuidado ambiental nos três processos emocionais primitivos da primeira infância, a saber: a Integração, a Personalização e a Realização.

- **O conceito de ser na psicanálise**

*“Há pessoas que passam a vida não sendo, num esforço desesperado para encontrar uma base para ser”* (WINNICOTT, 1966 [2005], p 125)<sup>10</sup>.

Winnicott introduziu o conceito de Ser na psicanálise. Sua teoria considerava que ocorrências traumáticas nos estágios primitivos na fase de dependência absoluta causariam *“rupturas na continuidade do ser”* e comprometeriam o sentimento de confiança na experiência de ser. Estas vivências traumáticas sofridas na constituição psíquica promoveriam uma inibição no desenvolvimento emocional do indivíduo (WINNICOTT, 1990, p. 147).

Diferentemente de todas as espécies, a natureza humana possui um ser que não provém da biologia, que não é espontâneo — é uma aquisição. A constituição do ser, para Winnicott, está na possibilidade de continuar a ser, em um devir de um processo constante e gradual que depende absolutamente do ambiente favorável para se constituir. A “quebra de continuidade” provocada, por exemplo, pela intrusão ou pelo abandono de um ambiente desfavorável provoca traumas nessa continuidade do ser, que compromete o “vir a ser” do indivíduo (WINNICOTT, 2011, p.40).

“Gostaria de postular um estado de ser que é um fato no bebê normal, antes do nascimento e logo depois. Esse estado de ser pertence ao bebê, e não ao observador. A **continuidade do ser significa saúde**. Se tomarmos como analogia uma bolha, podemos dizer que quando a pressão externa está adaptada à pressão interna, a bolha pode seguir existindo. Se estivéssemos falando de um bebê humano, diríamos “sendo”. Se, por outro lado, a pressão no exterior da bolha for maior ou menor que aquela em seu interior, a bolha passará a reagir à intrusão. \* Ela se modifica como reação a uma mudança no ambiente, e não a partir de um impulso próprio. Em termos do animal humano, isto significa uma interrupção no ser, substituída pela reação à intrusão. Cessada a intrusão, a reação também desaparece, e pode haver, então, um retorno ao ser. Parece-me que é uma descrição capaz não apenas de nos levar até a vida intrauterina sem um grande esforço de imaginação, mas também de ser levada para a frente, podendo ser aplicada de modo útil como simplificação extrema dos processos muitíssimos mais complexos da vida posterior, em qualquer idade. Isto representa o

---

<sup>10</sup> Privação e Delinquência. Palestra Devon and Exeter Association for Mental Health - Ausência de um sentimento de culpa, apresentada em 1966. Editora Martins Fontes, 2005.

isolamento absoluto do indivíduo, enquanto parte de uma unidade original — o conjunto ambiente-indivíduo.” (WINNICOTT, 1990, p. 148, 149).

A teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott apresenta um bebê que nasce não integrado e necessita dos cuidados de um ambiente suficientemente bom para viver o seu *estado de ser e continuar-a-ser*.

Loparic apresenta inúmeros estudos sobre as correspondências entre a ontologia heideggeriana e winnicottiana quando, por exemplo, expõe a origem da palavra portuguesa “ser” a partir da antiga grafia “seer” derivada do latim *sedere* “estar sentado, assentar-se, ficar sentado”.

A tese lopariciana baseada em Winnicott diz que só pode *existir* quem primeiro se tornou capaz de ficar sentado num mundo primitivo das primeiras mamadas e dos primeiros brinquedos. Assim sendo, se tudo corre bem no início da vida, o recém-nascido desenvolve a capacidade de ficar sentado (de ser) no colo da mãe.

Loparic nota que a palavra portuguesa “existir” deriva do verbo latim *exsistere* (ou *existere*), “elevar-se para fora de ou por cima de, sair de, aparecer, mostrar-se”, o qual deriva de *sistere*, “parar, fazer repousar, reter, subsistir”, que é uma reduplicação de *stare*, “manter-se de pé, em posição vertical, firme” (LOPARIC, 2007, p. 266<sup>11</sup>).

Pela perspectiva teórica winnicottiana, a partir de uma dependência absoluta inicial, o bebê humano passaria a viver processos que denominou como fundamentais para a constituição psíquica, a saber: a integração, a personalização e a realização.

Por meio de uma relação interpessoal com um ambiente-cuidador favorável, o ser humano emocionalmente saudável poderia vir a conquistar o concernimento, a responsabilidade social, bem como, a aquisição de uma vida que valha a pena ser vivida, espontânea e que seja sentida como real.

Através de sua experiência como pediatra, psiquiatra infantil e psicanalista, Winnicott se diferenciou das premissas da psicanálise freudiana e formulou suas teorias a partir da sua própria clínica.

Baseado na observação a respeito da relevância nos cuidados ambientais no processo do desenvolvimento emocional para a experiência de continuidade de ser e continuar sendo do bebê humano, Winnicott considerou a necessidade de um modo de manejo que não priorizava a interpretação conforme a psicanálise padrão preconizava, mas uma análise modificada para lidar com “problemas de ser”

---

<sup>11</sup> LOPARIC, Origem em Heidegger e Winnicott, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v9n2/v9n2a02.pdf> Acesso em 03/02/2024.

apresentados nos casos difíceis, tais como as psicopatologias de estados limites (*borderlines*), psicoses, delinquência e comportamentos antissociais.

A crítica de Heidegger dirigida à metapsicologia de Freud é ressaltada no trabalho de Loparic, no que toca à recusa da legitimidade de mobilizar o princípio da causalidade para estudar o ser humano naquilo que o distingue (a esfera das suas vivências), envolve fundamentalmente, da parte de Heidegger, uma reafirmação da necessidade de reconhecer a singularidade, autonomia e irredutibilidade do âmbito do existir.

Heidegger, como mostra Loparic, critica também a concepção de aparelho psíquico proposta por Freud nas suas duas tópicas. Para Heidegger, o procedimento de Freud consiste numa tentativa de espacializar aquilo que não pode ser submetido ao esquema do espaço: o existir humano. Segundo a posição heideggeriana, a perspectiva tópica de Freud, implicando a transposição da existência para o espaço euclidiano<sup>12</sup>, favorece a mecanização daquela (Loparic, 2001, p. 123).

Assim, em contraposição a uma perspectiva abstracionista<sup>13</sup> como, por exemplo, são as descrições atuais dos transtornos do neurodesenvolvimento catalogadas nos manuais diagnósticos, a perspectiva fenomenológica existencial heideggeriana procura compreender as experiências humanas em sua totalidade.<sup>14</sup>

O filósofo hermenêutico<sup>15</sup> Wilhelm Dilthey (1833 – 1911) afirmava que as ciências naturais explicam, enquanto as ciências humanas compreendem (Dilthey, 2008)<sup>16</sup>.

---

<sup>12</sup> O espaço euclidiano é o espaço fundamental da geometria, destinado a representar o **espaço físico**. Os antigos geômetras gregos introduziram o espaço euclidiano para modelar o espaço físico. Seu trabalho foi reunido pelo antigo matemático grego Euclides em seus Elementos, com a grande inovação de provar todas as propriedades do espaço como teoremas, partindo de algumas propriedades fundamentais, chamados postulados, que ou eram considerados evidentes (por exemplo, há exatamente uma reta passando por dois pontos), ou pareciam impossíveis de provar (postulado paralelo). Disponível em: <https://academia-lab.com/enciclop%C3%A9dia/espaco-euclidiano/> Acesso em 13/02/2024.

<sup>13</sup> “E certamente a polêmica contra a Abstração. foi eficaz contra a tendência de entificar os produtos dela, isto é, de considerar como substâncias ou realidades, entidades que não têm outra função senão possibilitar a descrição, a classificação e o uso de um complexo de dados.” (Abbagnano Dicionário de Filosofia - Ano 2007 - (Português) PDF p. 16) Disponível em <https://pt.scribd.com/document/343461535/Abbagnano-Dicionario-de-Filosofia-Ano-2007-portugues-pdf> Acesso em 09/03/2024)

<sup>14</sup> Heidegger - em Busca de Sentido para A Existência Humana -Ana Marilda Andrade, 2022 Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/590638717/HEIDEGGER-EM-BUSCA-DE-SENTIDO-PARA-A-EXISTENCIA-HUMANA> Acesso em 09/03/2024

<sup>15</sup> O termo "hermenêutica" provém do verbo grego "hermêneuein" e significa "declarar", "anunciar", "interpretar", "esclarecer" e, por último, "traduzir". Significa que alguma coisa é "tornada compreensível" ou "levada à compreensão". O termo deriva do nome do deus da mitologia grega Hermes, o mensageiro dos deuses, a quem os gregos atribuíam a origem da linguagem e da escrita, e considerado o patrono da comunicação e do entendimento humano. O certo é que este termo originalmente exprimia a compreensão e a exposição de uma sentença "dos deuses", a qual precisa de uma interpretação para ser apreendida corretamente. Hermenêutica é qualquer técnica de



Heidegger (2012) parte da hermenêutica de Dilthey em sua tarefa de descrever a vida em sua complexidade e totalidade, compreendendo os fenômenos nas relações de significado que estabelece em seu campo de mostração, e articula tal perspectiva com a correlação fenomenológica entre ser e mundo, para descrever a dimensão ontológica da existência.

É na totalidade da existência que os dramas humanos se desenrolam e é no permanecer junto ao próprio vivido, iluminando o modo como nos encontramos na concreção fática do mundo que é o nosso que transitamos pelas possibilidades de ser que se abrem no próprio acontecimento do existir.

O procedimento das ciências naturais, ao estabelecer um sistema de conexões de causa e efeito, busca ser passível de generalização a todos os casos singulares, excluindo outras possibilidades explicativas. Tal operação, sendo necessariamente abstrativa, retira os fenômenos de seu campo de mostração no cotidiano, em que as relações estão sempre inscritas em planos contextuais, possuindo o risco de desconsiderar aspectos da totalidade da vida que não se deixam reduzir ao sistema explicativo generalista, sejam de ordem histórica, psicológica, ética, estética, cultural.

Winnicott, no texto “Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? (1959 – 1964)” afirma que os psicanalistas se tornaram pioneiros em tomar a história do paciente e que a parte mais importante da obtenção da história vem do material emergente no decorrer dos encontros analíticos/psicoterapêuticos.<sup>17</sup>

Em *Natureza Humana*, Winnicott reforça o valor histórico para as avaliações dos quadros psicopatológicos: “Como em História, uma situação atual tem um passado e um futuro que lhe pertencem. Esta é uma observação de importância fundamental, visto que foi por intermédio deste princípio que o psicanalista livrou-se das amarras da psicologia acadêmica, da psiquiatria e da medicina” (WINNICOTT, 1988, p. 55).

A historicidade será o ponto de partida dos estudos winnicottianos sobre os modos do indivíduo de ser mundo.

---

interpretação. (Abbagnano Dicionário de Filosofia - Ano 2007 - (Português) PDF p. 507) Disponível em <https://pt.scribd.com/document/343461535/Abbagnano-Dicionario-de-Filosofia-Ano-2007-portugues-pdf> Acesso em 09/03/2024

<sup>16</sup> Dilthey - Ideias acerca de uma Psicologia Descritiva e Analítica – p. 15 Disponível em: [file:///C:/Users/55119/Downloads/IDEIAS\\_ACERCA\\_DE\\_UMA\\_PSICOLOGIA\\_DESCRITI.pdf](file:///C:/Users/55119/Downloads/IDEIAS_ACERCA_DE_UMA_PSICOLOGIA_DESCRITI.pdf) Acesso em 10/03/2024.

<sup>17</sup> Winnicott – O Ambiente e os Processos Maturacionais, p. 115

Winnicott destaca que nas formulações teóricas iniciais, Freud estava interessado no Id, “nome pelo qual se referia aos impulsos instintivos” e no Ego, “nome pelo qual, ele chamava aquela parte do Eu total que se relaciona com o ambiente.” (WINNICOTT, 1958 [1983], p. 20).

Já, as teses de Winnicott apresentam mudanças significativas em relação ao quadro de referência teórico da psicanálise freudiana: não é mais a teoria da sexualidade (teoria do id) que está na questão central de atenção dos problemas psíquicos da natureza humana, mas sim a teoria do amadurecimento pessoal.

A denominação “Psicanálise do Ser” (“Psicanálise Ontológica”) está fundamentada nos pressupostos ontológicos constitucionais e originários do desenvolvimento do ser humano. Sem estas bases, o psiquismo humano estaria exposto ao *breakdown*, que incluiriam a sensação de colapso, morte, vazio, futilidade (falso self) e inexistência. Sintomas presentes nas queixas e sofrimentos testemunhados na clínica psicanalítica contemporânea.

Loparic (2004) destaca que Hiedegger desenvolveu uma fenomenologia do existir humano, cujo ponto central foi mostrar o modo de existir humano designado como “ser-aí-no-mundo” (Dasein), um ser presente, que é existência, lançado, com “liberdade encarnada” (LOPARIC, 2004, p. 21).

# PARADIGMA EXISTENCIAL E FENOMENOLÓGICO DA TEORIA WINNICOTTIANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS CLÍNICAS

## Aula 3. OS PRINCIPAIS CONCEITOS WINNICOTTIANOS

### 1. DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL

- **Processo de amadurecimento: dependência absoluta, dependência relativa, rumo à independência;**
- **O processo de não integração primária à integração;**
- **Realidade Interna - Personalização – Psicossomática;**
- **Ego - Eu – Self.**

### 2. O DESENVOLVIMENTO HUMANO E A SITUAÇÃO TERAPÊUTICA

- **Aspectos do manejo clínico**

## SUGESTÕES DE LEITURA PARA AULA 3:

→ \* WINNICOTT, Desenvolvimento Emocional Primitivo (1945). Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000. Podcast: <https://bra01.safelinks.protection.outlook.com/?url=https%3A%2F%2Fanchor.fm%2Fandrea-graciano%2Fepisodes%2FDesenvolvimento-emocional-primitivo-1945-e1p68im&data=05%7C01%7C%7Cd51eff271a744a0b76608db35162860%7C84df9e7fe9f640afb435aaaaa%7C1%7C0%7C638162141504669831%7CUnknown%7CTWFpbGZsb3d8eyJWljoiMC4wLjAwMDAiLCJQIjoiV2luMzliLCJBTil6k1haWwiLCJXVCi6Mn0%3D%7C3000%7C%7C%7C&sdata=L5To4fsxT3yeY%2Fq6vbQ2mNYdXgTxRo3hYQQh%2B6S5acU%3D&reserved=0> (\* **texto principal**)

→ DETHIVILLE, Laura. O direito ao segredo do self. Winnicott e-prints, São Paulo , v. 5, n. 2, p. 55-68, 2010 . Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-432X2010000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2010000200004&lng=pt&nrm=iso) . acessos em 08 abr. 2024.

→ O capítulo 2 do livro “O Ser e o Viver – uma visão da obra de Winnicott” (Editora Artes Médicas), do psiquiatra, psicanalista e médico dedicado à psicossomática Júlio de Mello Filho.

## 1. DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL

- **Processo de amadurecimento: dependência absoluta, dependência relativa, rumo à independência.**

Na obra de Winnicott, a teoria do desenvolvimento emocional da criança é anunciada através de pressupostos baseados nas relações ambientais/objetais. Nesses pressupostos estão os principais conceitos sobre a tendência inata do bebê ao desenvolvimento e a influência do ambiente sobre o psiquismo (WINNICOTT, 2011, p.19)<sup>18</sup>. Entende-se por ambiente, a mãe ou uma pessoa substituta que cuide bem o suficiente do bebê.

Do *holding* satisfatório de uma mãe suficientemente boa, procede as fundações da saúde mental do indivíduo.

O *holding* é descrito por Winnicott como uma fase em que a mãe ou substituta executa uma série de cuidados, conjuntamente importantes, dentre eles: 1) proteger o bebê de agressões fisiológicas, 2) dar atenção a sua sensibilidade cutânea, 3) cumprir uma rotina completa de cuidados durante dia e noite adequada a cada bebê e 4) perceber as mudanças instantâneas, tanto físicas quanto psicológicas, no dia a dia que fazem parte do crescimento e do desenvolvimento do lactente. “O *holding* (segurar) inclui especialmente o *holding* físico do lactente...” (WINNICOTT, 2011, p. 26).

- **O processo de não integração primária à integração**

O tema do Desenvolvimento Emocional Humano em Winnicott é profundo e revolucionário. Para ele, o bebê funciona logo após o seu nascimento como se fosse um somatório de partes físicas e psíquicas não integradas, necessitando do contato com a mãe para, aos poucos, adquirir a noção de ser um todo unitário e coeso. Ou seja, Winnicott postula que o processo de ser/ continuidade do ser do bebê, parte da não integração primária que dependerá absolutamente de um ambiente para existir como uma pessoa inteira (integrada) (MELLO FILHO, 1995, p. 33).

“Ao examinarmos as raízes mais precoces do desenvolvimento emocional, encontramos uma dependência cada vez maior. Nos estágios iniciais a dependência do ambiente é

---

<sup>18</sup> A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

tão absoluta que não há utilidade alguma em pensarmos no novo indivíduo humano como sendo ele a unidade. Nesse estágio, a unidade é o conjunto ambiente-indivíduo (ou um nome mais adequado que se lhe possa dar), unidade da qual o novo indivíduo é apenas uma parte. Neste estágio tão inicial não é lógico pensarmos em termos de um indivíduo, e não apenas devido ao grau de dependência ou apenas porque o indivíduo ainda não está em condições de perceber o ambiente, mas também porque ainda não existe ali um self individual capaz de discriminar entre o EU e o não-EU.” (WINNICOTT, 1990, p. 153)<sup>19</sup>

- **Realidade Interna - Personalização – Psicossomática**

A “realidade psíquica interna” é resultado, portanto, de um processo psicossomático formado pela elaboração imaginativa das funções somáticas (fantasias) que localiza de forma saudável a psique no corpo. Estas experiências fantasiosas, não verbais, primitivas e de memórias corporais constituem a histologia da psique, ou seja, produzem a “pele psíquica”, a membrana limitadora entre uma parte de dentro (eu) e outra de fora (não eu).

Pode-se dizer, que a partir daí se inicia a formação de um mundo interno com uma realidade psíquica interna do bebê que irá se relacionar com uma realidade externa. Só aos poucos, o indivíduo em desenvolvimento terá um reconhecimento completo da distinção entre a realidade externa e a realidade psíquica interna.

“(…) o estudioso do psicossoma preocupa-se com as fantasias conscientes e inconscientes que constituem, por assim dizer, a histologia da psique, a elaboração imaginativa de todos os funcionamentos somáticos que são específicos do indivíduo.” (WINNICOTT, 1990, p.45)

“Pode-se dizer a respeito de cada indivíduo que alcançou um estado de ser, uma unidade com uma membrana limitadora a uma parte de dentro e outra de fora, que existe uma realidade interna para este indivíduo, um mundo interno que pode ser rico ou pobre e pode estar em paz ou estado de guerra” (WINNICOTT - Objetos Transicionais e Fenômeno Transicional – 1951, p. 317, 318)<sup>20</sup>.

- **Ego - Eu – Self**

EGO - Winnicott relaciona os três fenômenos do crescimento do Ego com os três aspectos do cuidado da criança: a integração se relaciona com o cuidado, a

---

<sup>19</sup> Natureza Humana. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

<sup>20</sup> Livro Da Pediatria a Psicanálise.

personalização com o manejo e as relações de objeto com a apresentação dos objetos. (WINNICOTT, 1962, p.59)<sup>21</sup>

O Ego aloja o Id ou como diz Winnicott “Não há Id antes do Ego” (Idem, p. 55), pois, não faz sentido usar a palavra “Id” para fenômenos que não são registrados, catalogados, vivenciados e, eventualmente, interpretados pelo funcionamento do ego. Conforme explica Fulgêncio:

“Winnicott diz isto de outra maneira mais conceitual, afirmando que o inconsciente (aqui, o Id) só pode existir depois que houver um Eu (ego) que possa constituí-lo como reprimido: Nos estágios mais precoces do desenvolvimento da criança, portanto, o funcionamento do ego deve ser considerado um conceito inseparável daquele da existência da criança como pessoa. Qualquer vida instintiva que possa existir à parte do funcionamento do ego pode ser ignorada, porque a criança não é ainda uma entidade viva que tenha experiências. Não há id antes do ego. (Winnicott, 1965n, p. 55, itálicos nossos)”. (FULGENCIO, 2010, p. 108)<sup>22</sup>

EU – Conceito já apresentado acima como a ideia de uma membrana limitadora entre o mundo interior (Eu) e exterior (não Eu). Existem agora conteúdos do Eu que dependem em parte das experiências instintivas (elaboração imaginativa na formação da psique). (WINNICOTT, 1990, p.88)<sup>23</sup>

SELF – Conceito psicanalítico que inclui o eu (ego) e o não-eu. É a experiência de ser na totalidade da própria pessoa. Inclui também o corpo com todas as suas partes, a estrutura psíquica com todas as suas partes, o vínculo com os objetos internos e externos e o sujeito como oposto ao mundo dos objetos. (WINNICOTT, 2011, p. 7)<sup>24</sup>

Uma vez que o mundo interno da criança já atingiu a integração e assumiu a responsabilidade por uma coleção de memórias, sentimentos e instintos, pode-se dizer que se constitui um self. (Idem, p. 110)

## 2. O DESENVOLVIMENTO HUMANO E A SITUAÇÃO TERAPÊUTICA

O capítulo 2 do livro *O Ser e o Viver* do psiquiatra, psicanalista e médico dedicado à psicossomática Júlio de Mello Filho apresenta a importância do  *Holding* na teoria winnicottiana como o suporte fundamental para o desenvolvimento humano.

---

<sup>21</sup> A Integração do Ego no Desenvolvimento da Criança (1962). O ambiente e os processos de maturação. Ed. Artes Médicas: Porto Alegre, 1983.

<sup>22</sup> <https://www.scielo.br/j/pusp/a/F4xcijVCXp4sf8QYZs69mps/?lang=pt&format=pdf>

<sup>23</sup> Natureza Humana. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

<sup>24</sup> A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

Suporte este que necessita ser adequado, sensível e suficientemente bom, primordial na fase da Dependência Absoluta do bebê, oferecido pela mãe-ambiente, através de uma condição que Winnicott chamou de Preocupação Materna Primária (MELLO FILHO, 2001, p. 32).

A ambiência funda o processo do desenvolvimento maturacional do bebê que, segundo Winnicott, ocorre através da integração, da personalização e da realização. São estes três processos que constituem os primórdios da realidade interna e têm início muito cedo. No entanto, são aquisições do ser humano nunca de todo completadas, acompanhando nosso desenvolvimento por toda vida.

Segundo Júlio de Mello, Winnicott nunca escreveu um tratado de técnica analítica, apesar do muito que deixou em sua obra a este respeito.<sup>25</sup>

Possivelmente, para que uma série de regras ou recomendações não inibissem aquilo de mais valioso que possuímos, a saber, nosso arsenal terapêutico: espontaneidade, toque pessoal e criatividade.<sup>26</sup>

A teoria sobre o “Desenvolvimento Emocional Primitivo” (1945), que antes foi polidamente rejeitada pelos seus pares, passou a ser respeitada e aceita pela Psicanálise da Escola Inglesa. Como o próprio Winnicott disse, sua intenção era expor seus pontos de vista e submetê-los a um teste de ideias que lhe ocorreram ao longo do seu trabalho clínico.<sup>27</sup>

Silva (2016) se refere a obra de Winnicott destacando que se há algum conceito que pode ser colocado no núcleo da revisão psicanalítica, certamente diz respeito ao paradoxo essencial no início da vida humana e centrado eminentemente na provisão do cuidado ambiental, tão necessário ao desenvolvimento de todo indivíduo a partir do nascimento. Esse paradoxo foi denominado por Winnicott de processo maturacional ou emocional e não começa com o nascimento, e sim com as primeiras relações, as mais primitivas que toda mãe e todo bebê vão estabelecer, ainda no ventre materno.<sup>28</sup>

- **Aspectos do manejo clínico**

---

<sup>25</sup> Mello Filho, J. (2001). O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott. São Paulo: Casa do Psicólogo.

<sup>26</sup> Idem, p.37

<sup>27</sup> Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

<sup>28</sup> SILVA, Sergio Gomes da. Do feto ao bebê: Winnicott e as primeiras relações materno-infantis. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 29-54, 2016 . Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652016000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000200003&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em 04 abr. 2023.

Winnicott trouxe, com a sua dialética teórica, contribuições não só para a compreensão da relação mãe-bebê, como também para a relação analista-paciente, muitas dessas, sob forma de paradoxos insolúveis.

A escuta, percepção, interpretação e análise da narrativa e comportamento no setting se valem de um conjunto de conceitos teóricos que trouxeram para o cerne da teoria psicanalítica aspectos fenomenológicos até então impensáveis para compreender o desenvolvimento humano a partir da relação materno-infantil, da ideia de paradoxo, do conceito de self, da transicionalidade e principalmente das relações de objetos.<sup>29</sup>

Existe um arsenal de possibilidades e hipóteses teóricas que contam com a espontaneidade, o toque pessoal e a criatividade do analista para captar as pistas daquilo que se refere aos primórdios da vida e que pela visão de Winnicott se repete na situação analítica.

Em outras palavras, para Winnicott, na regressão analítica as falhas que provocaram as defesas (neuróticas/psicóticas) poderiam ser “cuidadas fornecendo certos elementos essenciais” pelos próprios meios que as produziram: a experiência ambiental.<sup>30</sup>

Para tanto, de acordo com Winnicott, a função do holding é o principal atributo do setting analítico (MELLO FILHO, 2001, p. 42).

---

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Mello Filho, J. (2001). O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott. São Paulo: Casa do Psicólogo P.32



# PARADIGMA EXISTENCIAL E FENOMENOLÓGICO DA TEORIA WINNICOTTIANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS CLÍNICAS

## Aula 4. MUTUALIDADE

- **O início da comunicação – a experiência de mutualidade;**
- **Estágios primitivos, iniciais e rumo à independência;**
- **A responsabilidade pelo existir**

## SUGESTÕES DE LEITURA PARA AULA 4:

→ \* WINNICOTT, Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos (1963) – O Ambiente e os Processos Maturacionais. Podcast: <https://bra01.safelinks.protection.outlook.com/?url=https%3A%2F%2Fanchor.fm%2Fandrea-graciano%2Fepisodes%2FComunicacao-e-falta-de-comunicacao-levando-ao-estudo-de-certos-opostos-1963-e1i9spb&data=05%7C01%7C%7C70bd7d5f521243a86af808db36c0b200%7C84df9e7fe9f640afb435aaaaa%7C1%7C0%7C638163973472313280%7CUnknown%7CTWFpbGZsb3d8eyJWljiMC4wLjAwMDAiLCJQIjoiV2luMzliLCJBTil6lk1haWwiLCJXVCi6Mn0%3D%7C3000%7C%7C%7C&sdata=9TTfHC5Ru39PT%2BoMMTtlKGu4Hq1O%2FCnzoFbDBc8%2BqPg%3D&reserved=0> (\* **texto principal**)

→ WINNICOTT, “Um Estado Primário do Ser: Os Estágios Pré-Primitivos”. Cap. 5 Livro Natureza Humana

→ Zeljko Loparic (1999) - Origem e sentido da responsabilidade em Heidegger – Disponível em: <https://ibpw.org.br/wp-content/uploads/1999/01/Origem-e-sentido-da-responsabilidade-em-Heidegger%E2%80%9D.-Veritas-vol.-40-n.-1-pp.-201-220-1999.pdf> Acesso em 04/02/2024.

## MUTUALIDADE

Dentro das relações humanas que a psicanálise chama de relações objetais, Winnicott apresenta o encontro da comunicação entre o inconsciente da mãe com seu conglomerado de experiências (de já ter sido um bebê antes) e o seu bebê que está sendo um bebê pela primeira vez.

Ampliando o conceito da mutualidade mãe-bebê winnicottiano para a comunicação com a filosofia, os autores Caroline Vasconcelos Ribeiro e Eder Soares Santos (2021), organizadores da coletânea “Winnicott e a Filosofia”, nos traz que a psicanálise de Winnicott apresenta potência filosófica e tomam emprestado a expressão “clareira” de Martin Heidegger para ressaltar a capacidade teórica dos pensamentos winnicottianos para aqueles que lidam com a filosofia poderem pensar a condição humana considerando as conquistas do amadurecimento e dos relacionamentos, bem como as suas falhas.

Alguns conceitos winnicottianos parecem estar muito próximos, ainda que não idênticos, às concepções reconhecíveis no campo da filosofia, tais como as “noções de ser, continuidade de ser, verdadeiro e falso self, trauma como quebra na linha do ser, lugar em que vivemos, vida que vale a pena ser vivida, espontaneidade” (FULGENCIO, 2018, p. 305).

Para Winnicott (1975) o problema da vida humana é o ser (*being*) no sentido do sentimento vivido de existir, que se dá em um processo que começa num bebê humano, que necessita seguir dentro de condições suficientemente boas de cuidado ambiental para poder tornar-se um ser existente. A noção de saúde está totalmente vinculada à questão da constituição do ser, da autonomia e da maturidade emocional para ser no mundo, na sua responsabilidade pelo existir.

## COMUNICAÇÃO PELA FALA E COMUNICAÇÃO SILENCIOSA

Conforme nota do editor inglês do texto O Inconsciente (1915), Freud forneceu à humanidade “o único farol nas trevas da psicologia profunda”<sup>31</sup>. Este farol foi construído pela teoria e técnica da terapia psicanalítica que se dá através da fala num processo de interpretações verbais colocando em evidência: o conceito do complexo edipiano, a ideia da sexualidade infantil e o inconsciente.

---

<sup>31</sup> NOTA DO EDITOR INGLÊS DAS UNBEWUSSTE - O INCONSCIENTE (1915) – FREUD  
<http://psicanaliseconec1.hospedagemdesites.ws/site/?p=318>

Sua teoria e prática conduziu uma área de pesquisa que pôde lançar luz sobre o grupo de transtornos afetivos ou aqueles denominados de psiconeuróticos.

“Posso, no entanto, seguramente supor que sabem ser a psicanálise uma forma de executar o tratamento médico de pacientes neuróticos. (...) Nada acontece em um tratamento psicanalítico além de um **intercâmbio de palavras entre paciente e o analista. O paciente conversa, fala de suas experiências passadas e de suas impressões atuais, queixas, reconhece seus desejos e seus impulsos emocionais.** O médico escuta, procura orientar os processos de pensamento do paciente e exorta, dirige sua atenção em certas direções, dá-lhe explicações e observa as reações de compreensão ou rejeição que ele analista suscita no paciente. (...)As informações que uma análise requer serão dadas pelo paciente somente com **a condição de que ele tenha uma ligação emocional especial com o seu médico;** (...) **essas informações dizem respeito àquilo que é mais íntimo em sua vida mental, a tudo aquilo que como pessoa socialmente independente, deve ocultar de outras pessoas, e ademais, a tudo o que, como personalidade homogênea<sup>32</sup>, não admite para si próprio.**” (CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS SOBRE PSICANÁLISE - PARTE I – PARAPRAXIAS (1916 [1915])<sup>33</sup>

“Finalmente, **nosso interesse foi tomado pelas pesquisas sexuais das crianças,** e partindo daí pudemos reconhecer a ampla aproximação do **desfecho final da sexualidade na infância (por volta do quinto ano de idade) para a forma definitiva por ela assumida no adulto.** Esse foi o ponto em que deixei as coisas na última (1922) edição de meus Três Ensaios.” (A ORGANIZAÇÃO GENITAL INFANTIL: UMA INTERPOLAÇÃO NA TEORIA DA SEXUALIDADE (1923)<sup>34</sup>

Winnicott, por sua vez, teve seu enfoque nos estudos e no exame das sutilezas do relacionamento genitor<sup>35</sup>-bebê. Nesta perspectiva teórica e prática, a origem da comunicação humana fundamental se localiza nos estágios iniciais (dependência absoluta e relativa) do desenvolvimento humano. Winnicott reconduziu a área de pesquisa para além dos transtornos psiconeuróticos e lançou luz sobre o grupo de transtornos que são rotulados de psicóticos ou esquizoides<sup>36</sup>.

“Estou dizendo que estes bebês que não recebem este tipo de cuidados suficientemente bons não conseguem se realizar, nem mesmo como bebês. Os genes não são suficientes.” (OS BEBÊS E SUAS MÃES - A COMUNICAÇÃO ENTRE O BEBÊ E A MÃE E ENTRE A MÃE E O BEBÊ: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS, p. 84)

<sup>32</sup> Lógica consciente que se considera coesa e coerente sem aceitação do conflito

<sup>33</sup> <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-15-1915-1916.pdf>

<sup>34</sup> Interpolação é o método de aproximar funções complicadas por funções mais simples.  
<https://pt.scribd.com/document/64502696/Freud-A-Organizacao-Genital-Infantil>

<sup>35</sup> Ou substituto/cuidador

<sup>36</sup> De acordo com o DSM 5: TRANSTORNO DA PERSONALIDADE ESQUIZOIDE é um padrão de distanciamento das relações sociais e uma faixa restrita de expressão emocional.

“Desta maneira, assistimos concretamente a uma mutualidade que é o começo de uma comunicação entre duas pessoas”. (Explorações Psicanalíticas - A Experiência Mãe-Bebê de Mutualidade, 1969, p. 198)

Segundo Winnicott, Freud intuía isto, talvez inconscientemente, recriando no seu consultório condições de aconchego, conforto e previsibilidade do analista, similares aos cuidados ambientais iniciais.

Assim, parecia óbvio para Freud, que trabalhava com pessoas totais – neuróticos – que a análise se desenvolvesse com base nas associações livres dos pacientes e no trabalho interpretativo do analista, considerando o setting como o pano de fundo do processo.

Entretanto, com pacientes *borderline* e psicóticos, que tiveram que reagir a falhas ambientais severas, sofrendo rupturas traumáticas, o setting analítico, que duplica a ambiência inicial, deixa de funcionar como pano de fundo e passa a ser o eixo do trabalho terapêutico.

“No trabalho que estou descrevendo, o contexto (setting) torna-se mais importante que a interpretação. A ênfase é transferida de um aspecto para o outro” (Formas clínicas da transferência. Da pediatria à psicanálise, p. 395).

“O contexto (setting) reproduz as técnicas de maternagem da primeira infância e dos estágios iniciais” (Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico. Da pediatria à psicanálise, p. 384).

Winnicott dizia que embora a psicanálise se baseasse na verbalização, todo analista sabia que, junto ao conteúdo das interpretações, a atitude por trás da verbalização tinha sua própria importância, e que esta atitude se refletia nas nuances, no ritmo e em milhares de outras formas que poderiam ser comparadas à “variedade infinita da poesia”.

- **O início da comunicação – a experiência de mutualidade**

Em suas observações como pediatra e psicanalista, Winnicott avaliou que seria possível dizer que alguma forma poderosa de comunicação ocorria já desde o início da vida de cada indivíduo.

Para tanto, descreve que com 12 semanas de idade, alguns bebês quando mamam observam o rosto da mãe de maneira significativa e coloca um dedo na sua boca como se a alimentasse também.

“Embora os bebês normais variem consideravelmente em seu ritmo de desenvolvimento (especialmente quando medido através de fenômenos observáveis), pode-se dizer que

com doze semanas eles são capazes de brincar assim: instalado para mamar, o bebê olha para o rosto da mãe e a sua mão se levanta, de maneira que, de brinquedo, ele está amamentando a mãe por meio de um dedo que coloca na sua boca.” (Explorações Psicanalíticas - A Experiência Mãe-Bebê de Mutualidade, 1969, p. 198)

Desta maneira, pela sua perspectiva, assistimos concretamente a uma mutualidade que é o começo de uma comunicação entre duas pessoas; isto (no bebê) é uma conquista desenvolvimental, uma conquista que depende dos seus processos herdados que conduzem para o crescimento emocional e, de modo semelhante, depende da mãe e de sua atitude e capacidade de tornar real aquilo que o bebê está pronto para alcançar, descobrir, criar.

Dentro das relações humanas que a psicanálise chama de relações objetais, Winnicott apresenta o encontro da comunicação entre o inconsciente da mãe com seu conglomerado de experiências (de já ter sido um bebê antes) e o seu bebê que está sendo um bebê pela primeira vez.

Ou seja, para Winnicott, a comunicação e a capacidade de se comunicar está intimamente ligada às relações objetais.

Devido esta assimetria de maturidade emocional, será a mãe que conduzirá este encontro de comunicação das necessidades em constante processo de mutação e desenvolvimento do bebê. Somente ela pode identificar-se até mesmo com um bebê não-nascido ou no processo de nascer, e de maneira altamente sofisticada, o bebê traz para a situação a sua capacidade em desenvolvimento.

Portanto, a comunicação entre o bebê e a mãe contém uma dicotomia fundamental — a mãe pode retroceder a formas de experiência infantil, mas para o bebê é impossível apresentar a sofisticação característica de um adulto. Desta forma, a mãe pode, ou não, falar com seu bebê. No caso do processo analítico, a comunicação segue o desafio de uma sensibilidade apurada para o encontro entre o analista e o analisando.

O desenvolvimento do bebê só pode ocorrer no contexto da confiança que decorre do fato de ele ser segurado e manipulado. O bebê passa, com muita facilidade, da integração ao conforto descontraído da não-integração, e o acúmulo destas experiências torna-se um padrão e forma uma base para as expectativas do bebê. Ele passa a confiar nos processos internos que levam à integração em uma unidade (self).

É valioso para o estudioso da natureza humana conhecer a etiologia da psicopatologia dos estados esquizoides e os aspectos especiais da transferência esquizoide ou psicótica que conduz o paciente ao retorno imediato à reorganização de defesas de

qualidade primitiva que se segue à experiência de estados agudos de confusão na primeiríssima infância.

Estes analisandos devem poder tomar a confiabilidade como certa. A expressão holding é uma sustentação confiável e é algo que precisa ser comunicado na mutualidade da experiência.

Da mesma forma que o holding materno, o holding analítico depende particularmente da sensibilidade do analista em se adaptar às necessidades do paciente, porque é capaz de se identificar com ele. O analista confiável é aquele que tem capacidade de oferecer um ambiente de holding; que é capaz de sobreviver aos ataques do paciente, sem retaliar; que não invade o paciente e que se adapta a suas necessidades, por mais regredidas que sejam.

- **Estágios primitivos, iniciais e rumo à independência**

**Nos estágios primitivos** da dependência absoluta estão presentes no processo: a solidão essencial, a experiência do nascimento e o estágio da primeira mamada teórica.<sup>37</sup>

- ✓ A solidão essencial

No princípio há uma solidão essencial. Ao mesmo tempo, tal solidão somente pode existir em condições de dependência máxima. Este é um estágio pré-primitivo de não-ser para ser. É a “primeira morte” (não-estar-vivo), aquela que todos experienciaram e que pode servir de referência para o segundo estado de não-ser, a “segunda morte”. Para Winnicott, a vida de uma pessoa consiste num intervalo entre dois estados de não-estar-Vivo. Somos todos sós na presença do outro. Este é o estágio mais primitivo do núcleo do self humano.

“Qual é o estado do indivíduo humano quando o ser emerge do interior do não-ser? Onde fica a base da natureza humana em termos do desenvolvimento individual? Qual o estado fundamental ao qual todo ser humano, não importa a sua idade ou experiências pessoais, teria que retornar se desejasse começar tudo de novo?” (WINNICOTT, 1988, p. 152)<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> Livro A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott. Elsa Oliveira Dias, 2003, p. 97 e 98

<sup>38</sup> UM ESTADO PRIMÁRIO DO SER: OS ESTÁGIOS PRÉ-PRIMITIVOS. Cap. 5 Livro Natureza Humana

## ✓ A experiência do nascimento

O estado de ser é um fato para o bebê antes do nascimento.

”É possível assumirmos com certeza que a partir da concepção, o corpo e a psique desenvolve-se juntos, a princípio fundidos, e gradualmente tornando-se distinguíveis um do outro. Seria certamente possível dizer da psique (independentemente do soma) que antes do nascimento existe um estar-aí pessoal, uma continuidade da capacidade de ter experiências. Essa continuidade, que poderia ser vista como o início do eu, é periodicamente interrompida por fases de reação a intrusões. O eu começa então a incluir memória dos curtos períodos em que a reação à intrusão perturba a continuidade. À época do nascimento o bebê está preparado para esse tipo de situação, e minha sugestão é de que nos casos não-traumáticos a reação à intrusão implícita no nascimento não excede o nível de reação para o qual o feto já se encontra preparado.” (WINNICOTT, 2000, p. 274)<sup>39</sup>

Winnicott postulou que o estado de ser é um fato no bebê normal, antes do nascimento e logo depois. Ele diz que esse estado de ser pertence ao bebê, não ao observador e que a continuidade do ser significa saúde. Para ilustrar, compara esse estado de ser do bebê a uma bolha e diz que quando a pressão externa é igual a pressão interna, ela (a bolha) segue existindo. Por outro lado, se a pressão externa for maior ou menor que a interna, a bolha passará a reagir à intrusão. Esta reação interrompe a continuidade do ser. Cessada a intrusão, cessa a reação e pode retornar ao estado do ser. Por esta razão, é o ambiente que deve se adaptar ao bebê, não o bebê ao ambiente.

[...] Se estivéssemos falando de um bebê humano, diríamos “sendo”. Se, por outro lado, a pressão no exterior da bolha for maior ou menor que aquela em seu interior, a bolha passará a reagir à intrusão. Ela se modifica como reação a uma mudança no ambiente, e não a partir de um impulso próprio. Em termos do animal humano, isto significa uma interrupção no ser substituída pela reação à intrusão. Cessada a intrusão, a reação também desaparece, e pode haver, então, um retorno ao ser. (WINNICOTT, 1988, p. 147).

## ✓ O estágio da primeira mamada teórica

A primeira mamada teórica é um conceito de Winnicott que se refere a muitas experiências iniciais, em que o bebê vive com a/o mãe-ambiente-cuidador e que quando são suficientemente boas e adequadas permitem a criação pela ilusão de onipotência do seio.

---

<sup>39</sup> Texto Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade (1949). Livro Da Pediatria à Psicanálise

“A primeira mamada teórica é representada na vida real pela soma das experiências iniciais de muitas mamadas. Após a primeira mamada teórica, o bebê começa a ter material com o qual criar. É possível dizer que aos poucos o bebê se torna capaz de alucinar o mamilo no momento em que a mãe está pronta para oferecê-lo. As memórias são construídas a partir de inúmeras impressões sensoriais, associadas à atividade da amamentação e ao encontro do objeto.” (WINNICOTT, 1988, p. 125)<sup>40</sup>

**Nos estágios iniciais** da dependência relativa estão presentes no processo: a desilusão (desmame) e o início dos processos mentais; o estágio da transicionalidade, o uso do objeto e o estágio do EU SOU.

Os estudos psicanalíticos realizados por Winnicott sobre o desenvolvimento emocional estão fundamentados nas experiências vividas intersubjetivamente nas relações mãe-bebê, que promovem ou dificultam os diferentes sentidos de ser e de participação criativa do indivíduo na realidade, através dos fenômenos transicionais, no espaço potencial.

- ✓ O estágio da desilusão e o início dos processos mentais

Retomamos neste estágio, o texto “Objetos Transicionais e fenômenos Transicionais”<sup>41</sup>. É importante reforçarmos que na passagem da “relação bebê-mãe-ambiente” para “uso da mãe-objeto”, o lactente vive uma transição da dependência absoluta para a dependência relativa, o que corresponderia ao movimento da teoria freudiana do princípio do prazer ao princípio da realidade (“... o princípio da realidade é uma afronta.”)<sup>42</sup>.

Neste processo, a/o mãe-cuidador-ambiente suficientemente boa começa a diminuir gradativamente sua adaptação ao bebê que também, por sua vez, inicia uma capacidade crescente de conhecer o fracasso da adaptação materna e passa a tolerar os resultados da frustração. Segundo Winnicott, se tudo correr bem neste processo gradativo de desilusão, o palco estará pronto para as frustrações que ele chamou de “desmame”.

Seguindo esta ideia, o bebê pode vir a lucrar com a experiência da frustração, já que a adaptação incompleta da mãe/cuidador torna reais os objetos, o que equivale dizer

---

<sup>40</sup> ESTABELECIMENTO DA RELAÇÃO COM A REALIDADE EXTERNA RELACIONAMENTO EXCITADO E RELACIONAMENTO TRANQUILO. Cap. 1 Livro Natureza Humana

<sup>41</sup> Este texto de 1951 está no livro Da Pediatria à Psicanálise (p. 316 a 331) e no livro O Brincar e a Realidade escrito em 1969 (p. 140 a 152). Optamos por este último para nosso estudo.

<sup>42</sup> Definição de criatividade, 1970, p. 24 – livro Tudo Começa em Casa



que ele passa a usá-los “tão odiados quanto amados”. Isto é saudável, uma vez que, a mãe/cuidador que iniciou bem uma adaptação quase completa permitiu que o bebê, após repetidas mamadas, criasse a ilusão de que o seio fazia parte dele mesmo e, portanto, existia segundo seu controle mágico.

“No decorrer do tempo surge um estado no qual o bebê sente confiança em que o objeto do desejo pode ser encontrado, e isto significa que o bebê gradualmente passa a tolerar a ausência do objeto. Desta forma inicia-se no bebê a concepção da realidade externa, um lugar de onde os objetos aparecem e no qual eles desaparecem. Através da magia do desejo, podemos dizer que o bebê tem a ilusão de possuir uma força criativa mágica, e a onipotência existe como um fato, através da sensível adaptação da mãe. o reconhecimento gradual que o bebê faz da ausência de um controle mágico sobre a realidade externa tem como base a onipotência inicial transformada em fato pela técnica adaptativa da mãe. No dia-a-dia da vida do bebê, podemos observar como ele explora esse terceiro mundo, um mundo ilusório que nem é sua realidade interna, nem é um fato externo, e que toleramos num bebê, ainda que não o façamos com adultos ou mesmo com crianças mais velhas. Vemos o bebê chupando os dedos ou adotando alguma técnica de mexer o rosto ou murmurando um som ou agarrando algum pano, e sabemos que nesse momento o bebê está declarando seu controle mágico sobre o mundo por meio desses diversos instrumentos, prolongando (e nós permitimos que ele o faça) a onipotência originalmente satisfeita pela adaptação realizada pela mãe. (WINNICOTT, 1988, p. 125)<sup>43</sup>

#### ✓ O estágio da transicionalidade

Entre esta criatividade primária (vivida na ilusão de onipotência de ter criado o seio) e a percepção objetiva baseada no teste da realidade (através das falhas gradativas do ambiente, desilusão e frustração) surge uma 3ª zona intermediária de experiência, chamada de área dos fenômenos transicionais. Este campo serve como um “lugar de repouso” criado para diminuir as tensões entre a subjetividade e o mundo.

---

<sup>43</sup> Livro Natureza Humana

Considerarei útil denominar os objetos e fenômenos que pertencem a este tipo de experiências de “transicionais”. Aos objetos chamei de “objetos transicionais”, e às técnicas empregadas nessas situações de “fenômenos transicionais”. Estes termos implicam na existência de um estado temporário próprio da primeira infância em que ao bebê é permitido pretender um controle mágico sobre a realidade externa, um controle que, nós sabemos, foi tornado real pela adaptação da mãe, mas disto o bebê ainda não sabe. O “objeto transicional”, ou primeira possessão, é um objeto que o bebê criou ainda que, ao mesmo tempo em que nós assim dizemos, na realidade sabemos que se trata da ponta de um cobertor ou da franja de um chale ou de um brinquedo.” (WINNICOTT, 1988, p. 125)<sup>44</sup>

Este lugar faz a ponte entre a fantasia e a realidade, a passagem da ilusão para a desilusão. Para tanto, como foi dito, é necessário que a ilusão de onipotência tenha sido anteriormente permitida ao bebê.

“Minha reivindicação é a de que, se existe necessidade desse enunciado duplo, há também a de um triplo: a terceira parte da vida de um ser humano, parte que não podemos ignorar, constitui uma área intermediária de experimentação, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto à vida externa. Trata-se de uma área que não é disputada porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como um **lugar de repouso** para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionados.” (texto Objetos Transicionais e fenômenos Transicionais, p. 12)

#### ✓ O uso do objeto

Para viver a experiência da transicionalidade, a professora Elsa Oliveira Dias ressalta a importância da questão da agressividade neste processo. Quando o bebê lança o objeto para fora do controle da sua onipotência, concedendo um lugar para o objeto fora de seu mundo subjetivo, ele o faz através de uma “destrutividade *no anger*”. Winnicott nomeou esta operação como “destruição do objeto” (na fantasia).

---

<sup>44</sup> Livro Natureza Humana

“Note-se que é o bebê que, expulsando o objeto para fora do âmbito da onipotência, concede a ele o seu caráter de externo. Essa operação de expulsão do objeto como não mais pertencendo ao mundo subjetivo é chamada por Winnicott de destruição do objeto. Se, na teoria freudiana, é o princípio de realidade que envolve o indivíduo em raiva e destruição reativa, a tese de Winnicott é a de que há uma destruição anterior a qualquer entrada do princípio de realidade que desempenha um papel na criação da realidade, com o bebê colocando o objeto fora de si mesmo. O objeto que é destruído pelo bebê é o objeto subjetivo, ou seja, o material de projeção (criação).” (DIAS, 2000, p. 32 e 33)<sup>45</sup>

Ou seja, antes de entrar no princípio da realidade, o bebê “destrói o objeto” para usá-lo e participa da criação da realidade. A partir de então, na sequência do processo de desenvolvimento, o infante poderá eleger sua primeira possessão não-eu: o objeto transicional.

O objeto (ou fenômeno) transicional criado e eleito pela criança, dentro do espaço da ilusão (espaço potencial) ocupa uma área neutra da experiência que não será contestada (questionar se “foi criado ou já existia?”). É uma experiência paradoxal para a qual esta pergunta não deve ser formulada. O fator fundamental para que o paradoxo seja mantido é a presença da mãe. Se a mãe se ausenta, o objeto transicional perde o seu valor, e a criança se depara com os objetos do mundo externo que se tornam muito perigosos, pois a área intermediária do brincar não está completamente bem formada e o contato direto com a objetividade das coisas se torna insuportável.

“Este uso compulsivo do objeto é exatamente uma tentativa de resgatar sua subjetividade, que só é alcançada novamente quando a mãe retorna. Na adolescência, as novas separações fazem o menino utilizar a droga que oferece sensações corporais que dão a ele a ilusão de recuperar aquilo que foi perdido relacionamento com o objeto transicional.” (UCHOA, 2010, p.98)<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> <file:///C:/Users/55119/Downloads/Winnicott%20agressividade%20e%20teoria%20do%20amadurecimento.pdf>

<sup>46</sup> UCHOA, 2010, Um estudo sobre drogadição como problema relativo a falhas na fase de transicionalidade. Disponível em: <file:///C:/Users/55119/Downloads/Lucas%20Cortelletti%20Uchoa.pdf> Acesso em 04/02/2024.



Estes objetos “não-eu” são levados à boca e passam a ser eleitos e transformados pela predileção estética do bebê nos objetos transicionais (uma parte do lençol, babador, ursinhos, bonecas) ou nos fenômenos (sons, balbucios, ruídos anais, primeiras notas musicais). Os objetos ou fenômenos transicionais materializam o próprio self e o mundo. Eles funcionam como objeto parcial da mãe, são eleitos para conservar um estado tranquilo ou serem excitadamente amado e mutilado, bem como dão início ao processo de simbolismo.

O objeto transicional reúne um pedaço do bebê, um pedaço da mãe, um pedaço do mundo. Ele possui qualidades estéticas e sensíveis (textura, forma, cheiro) que são ao mesmo tempo reais e fantasiosas. São a materialização das elaborações imaginativas. Os objetos transicionais são escolhidos para representar materialmente e simbolicamente, as qualidades do amor e da familiaridade. Por esta razão, possuem um valor psíquico tão especial.

O objeto transicional conserva certa sacralidade e qualquer ação de outra pessoa sobre ele pode ser sentido como uma ruptura na continuidade da existência ou da experiência de separação mãe-bebê.<sup>47</sup>

Não é possível precisar por quanto tempo o objeto transicional se fará presente na vida da criança. Seu destino é sofrer um desinvestimento gradual, não sendo necessariamente esquecido, mas relegado ao limbo. Pode ocorrer algumas patologias

<sup>47</sup> Livro Agressividade na clínica com crianças: uma perspectiva winnicottiana. Maria Carolina Signorelli, p.58

na fase de uso dos objetos transicionais, tais como: a drogadição, o fetichismo e o roubo.

✓ O estágio do EU SOU

Winnicott compreendia que alcançar a conquista de ser uma unidade individual era algo que soava como uma infâmia, afinal, este foi o primeiro nome hebraico dado para Deus (EU SOU). Numa de suas publicações em que divergiu sobre uma posição de Melanie Klein a respeito da inveja na primeira infância encerrou o artigo com a frase: “EU = D.W.W. = DEUS”.

Pela sua perspectiva, alcançar este “eu sou” significaria dizer que o indivíduo conseguiu agrupar isto e aquilo e reivindicou que “isto sou eu, e que repudiei todo o resto; ao repudiar o não-eu, insultei o mundo, por assim dizer, e posso aguardar um ataque”. Winnicott interpretava que isso retrataria de modo preciso a ansiedade inerente à chegada de todo ser humano ao estágio EU SOU, pois esta alçada é uma capacitação audaciosa, arriscada e agressiva:

“As mais agressivas e por isso mais perigosas palavras do mundo são encontradas na afirmação EU SOU. É preciso admitir, no entanto, que só aqueles que alcançaram o estágio de fazer essa afirmação é que estão realmente qualificados para serem membros adultos da sociedade.” (A criança no grupo familiar – 1966, p. 136 - Tudo Começa em Casa)

**Nos estágios rumo à independência** segue um longo processo do ciclo vital: o estágio do concernimento, e em seguida um estágio de independência relativa, o estágio edípico, o da latência, a adolescência, o início da vida adulta, a adultez, a velhice e a morte. Na velhice, algo da dependência absoluta ou relativa retorna.

✓ O estágio do concernimento

A relação objetal propriamente dita começa neste estágio, o self começa emergir e a relação passa a ser a dois corpos (o bebê e a mãe). O bebê alcança o estágio do concernimento quando desenvolve a discriminação entre dois estados, o tranquilo e o excitado. O “ataque” impiedoso ao objeto, deflagrado pelo instinto, cede lugar a um crescente reconhecimento da mãe como a pessoa que cuida do EU, ao mesmo tempo que é a pessoa que oferece uma parte de si para ser comida.

“O estágio do concernimento tem uma longa duração. Pode-se encontrar sinais de preocupação e culpa antes de um ano e o processo atinge o auge aproximadamente

aos dois anos e meio, embora jamais se estabeleça de forma consistente antes dos cinco.” (DIAS, 2000, p.38)<sup>48</sup>

Gradualmente vai ocorrendo uma integração entre a forma tranquila de relacionamento e a forma excitada, e o reconhecimento de que ambos os estados (e não apenas um) constituem uma relação total com a mãe-pessoa.

É a isto que se denomina “A Posição Depressiva no Desenvolvimento Emocional”, um estágio importante que envolve o bebê em sentimento de culpa, levando-o a preocupar-se com os relacionamentos, em razão de seus componentes instintivos ou excitados.

As ansiedades da criança são de uma complexidade muito elevada. Existe não só a preocupação quanto aos efeitos sobre a pessoa da mãe por causa dos elementos instintivos no relacionamento entre o EU e ela, duas pessoas, (culpa); mas também a preocupação quanto às mudanças internas (sintoma de prisão de ventre, por exemplo) que decorrem das experiências de excitação, e de experiências motivadas pelo ódio.

O benefício é percebido clinicamente na capacidade do bebê saudável de se deprimir, de carregar sentimento de culpa até o momento em que a elaboração imaginativa dos últimos acontecimentos no inconsciente tenha produzido o material para alguma coisa construtiva no relacionamento, no sorriso, no brincar ou no trabalho.

Como resultado do êxito das ideias e atos reparadores, o bebê torna-se mais audacioso ao permitir-se novas experiências instintivas; a inibição diminui e isto leva a consequências ainda mais ricas da experiência instintiva; surge, assim, uma tarefa ainda maior para a próxima fase de digestão ou contemplação, mas quando o bebê conta, felizmente, com a existência de um cuidado materno contínuo e pessoal, ele cria uma capacidade de reparação também maior, e a isto se segue um novo patamar de liberdade na experiência instintiva. Deste modo, estabelece-se um **círculo benigno**, que forma a base para a vida do bebê por um longo período.

Podemos compreender com facilidade, neste momento, quão importante é a continuidade do relacionamento entre o bebê e a mãe verdadeira (ou sua substituta).

Numa instituição, onde a “mãe” que alimenta de manhã não é a “mãe” que dá o banho e arruma à tarde, a capacidade diária do bebê de fazer a reparação é desperdiçada, e o círculo benigno não pode ser construído. Pior ainda, quando a própria alimentação é

---

<sup>48</sup>Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento Elsa Oliveira Dias  
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v2n1/v2n1a01.pdf>

impessoal e mecânica (e isto pode ocorrer inclusive no próprio lar), não há espaço para o desenvolvimento aqui descrito. (WINNICOTT, 1988, p. 91)<sup>49</sup>

- **A responsabilidade pelo existir**

Zeljko Loparic (1999) apresenta no texto “Origem e sentido da responsabilidade em Heidegger” que Heidegger se autodefine como pensador do sentido do ser e fala sobre a responsabilidade humana não imposta pelas leis da natureza ou da moral, mas pela exigência de dar sentido à presença (LOPARIC, 1999, p.201,203<sup>50</sup>).

Em seu trabalho “Ética e Finitude” (2004), Loparic destaca que Heidegger desenvolveu uma fenomenologia do existir humano, cujo ponto central foi mostrar o modo de existir humano designado como “ser-aí-no-mundo” (*Dasein*), um ser presente, que é existência, lançado, com “liberdade encarnada” (LOPARIC, 2004, p. 18<sup>51</sup>).

O ser é um peso a suportar. Este peso, revelado na disposição, é o **ter-que-ser responsável pelo sentido do ser**, que é desdobrado, em seguida, como ocupação preocupada. Como projeto lançado, o ser-o-aí (*Dasein*), cada vez que escolhe certas possibilidades, deixa de escolher outras (Idem, p. 208,209).

Loparic coloca que ser culpado/devedor não significa, originalmente, ofender aos interesses ou direitos dos outros e, sim, estar-com outros de modo a "ameaçar, confundir ou mesmo quebrar a sua existência". Trata-se de uma **negatividade originária**, de **um não no eu sou** que gera **um não no ser dos outros** (Idem, p.209).

A responsabilidade humana não decorreria, portanto, de um ideal, mas do "**fato/feito do ente que ele é**, que já tem sido e permanece **respondendo pelo existir**"(Idem, 207).

- ✓ Responsabilidade pelo existir em Winnicott

“CAPACIDADE DE SE PREOCUPAR - Em algum momento da segunda metade do primeiro ano de vida da criança normal, essa começa a demonstrar certa capacidade de se preocupar, certa habilidade de ter sentimento de culpa. Trata-se aqui de um estado de coisas altamente complexo que depende da integração da personalidade infantil numa unidade e está vinculado à aceitação,

---

<sup>49</sup> Texto A POSIÇÃO DEPRESSIVA CONCERN, CULPA E REALIDADE PSÍQUICA PESSOAL INTERNA. Cap. 1. Livro A natureza Humana

<sup>50</sup> Zeljko Loparic (1999) - Origem e sentido da responsabilidade em Heidegger – Disponível em: <https://ibpw.org.br/wp-content/uploads/1999/01/Origem-e-sentido-da-responsabilidade-em-Heidegger%E2%80%9D-Veritas-vol.-40-n.-1-pp.-201-220-1999.pdf> Acesso em 04/02/2024.

<sup>51</sup> Zeljko Loparic (2004) - Ética e Finitude – Disponível em: <https://ibpw.org.br/wp-content/uploads/2019/11/%C3%89tica-e-Finitude.-S%C3%A3o-Paulo-Educ-1995-1.pdf> Acesso em 04/02/2024.

por parte da criança, da responsabilidade por toda a fantasia sobre o que pertence ao momento instintivo. A presença contínua da mãe (ou sua substituta) é pré-condição necessária a essa realização altamente sofisticada, e a atitude da mãe deve comportar um elemento de estar atenta a ver e aceitar os esforços imaturos feitos pela criança no sentido de contribuir, isto é, cabe a mãe reparar, amar construtivamente. Esse importante estágio do desenvolvimento emocional foi detalhadamente estudado por Melanie Klein em sua ampliação da teoria psicanalítica freudiana que engloba o sentimento de culpa pessoal, a ânsia de agir de forma construtiva e de dar. Assim, a potência (e a aceitação da potência) tem uma de suas raízes no desenvolvimento emocional que ocorre antes (bem como depois) do primeiro aniversário.” (WINNICOTT, A FAMÍLIA E DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL)

Em Winnicott, o reconhecimento da dívida, da existência do outro, do “não-eu” fazem parte do processo do desenvolvimento maturacional quando se conquista o concernimento, a identificação cruzada, a responsabilidade e a ética. Aquisições que Winnicott traz em sua teoria do desenvolvimento emocional primitivo sobre o devir da natureza humana em termos de relacionamentos interpessoais.

Um dos problemas da técnica psicanalítica para Winnicott consistia em saber qual a idade do desenvolvimento emocional o paciente teria no interior da relação transferencial (WINNICOTT, 2000, p. 263)<sup>52</sup>.

A técnica psicanalítica winnicottiana tem como importância primordial que o trabalho do analista tente perceber qual a coisa específica que o paciente traz para ser interpretada ou revivida a cada sessão (Idem, p. 275).

Sua tese, por exemplo, traz que um indivíduo em cujo desenvolvimento emocional a posição depressiva (Klein) não foi alcançada com toda solidez (fase pré-concernimento), este não será, portanto, capaz de sentir culpa, responsabilidade, concernimento de modo profundo e não conseguirá perceber o trabalho do analista.

Numa situação pré-concernimento, o analisando não tem como se identificar com o analista, da mesma forma que “um feto ou um bebê recém-nascido é incapaz de sentir simpatia pela mãe.” (WINNICOTT – O Ódio na Contratransferência, 1947 - p. 286).

O analista, neste caso, assim como a mãe devotada comum “deve dispor de toda paciência, tolerância e confiabilidade” (Idem, p. 287), reconhecendo objetivamente seu ódio sem sentimentalismo, mas com legitimidade.

A psicanálise, segundo a teorização winnicottiana, é um método de tratamento “cuidar-curar” pela experimentação e reparação das possibilidades de ser no mundo a partir

---

<sup>52</sup> Texto Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade (1949). Livro Da Pediatria à Psicanálise



de si mesmo. A psicanálise tradicional da cura pela palavra (interpretação) também entra na articulação do método de tratamento.

Winnicott introduziu o conceito de Ser na psicanálise. Sua teoria diz que o que impulsiona e caracteriza a natureza humana é a “necessidade de ser” e “continuar sendo” (WINNICOTT, 1988, p. 147)<sup>53</sup>.

As experiências de ser, pelo ponto de vista do bebê, são apresentadas pela teoria desenvolvimentista, tanto pelo conhecimento de Winnicott como pediatra, como pela sua experiência clínica no trabalho psicanalítico com bebês, crianças, adultos, neuróticos, casos limites (*borderline*), antissociais e psicóticos.

---

<sup>53</sup> Texto OS ESTADOS INICIAIS DIAGRAMA DO CONJUNTO AMBIENTE-INDIVÍDUO. Cap. 4 Livro Natureza Humana

# PARADIGMA EXISTENCIAL E FENOMENOLÓGICO DA TEORIA WINNICOTTIANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS CLÍNICAS

## Aula 5. BYUNG-CHUL HAN E A PERSPECTIVA WINNICOTTIANA

- **A crise de liberdade (HAN);**
- **Vivendo de modo criativo (WINNICOTT);**
- **O “nós” como conquista – identificação cruzada - democracia e maturidade.**

### SUGESTÕES DE LEITURA PARA AULA 5:

→ \* WINNICOTT, Vivendo de modo criativo – Livro Tudo Começa em Casa – Disponível em: <https://na01.safelinks.protection.outlook.com/?url=https%3A%2F%2Fanchor.fm%2Fandrea-graciano%2Fepisodes%2Fvivendo-de-modo-criativo--Winnicott-e2fc3g5&data=05%7C02%7C%7C07df384432894d517e0308dc25d59e20%7C84df9e7fe9f640afb435aaaa%7C1%7C0%7C638426846628640291%7CUnknown%7CTWFpbGZsb3d8eyJWIjoiMC4wLjAwMDAiLCJQIjoiV2luMzIiLCJBTiI6IjEhaWwiLCJXVCi6Mn0%3D%7C0%7C%7C%7C&sdata=JFMkAaWBfOZBCIbMQhIqhhFu2PNk2nAbRcFvd%2BNjxy0%3D&reserved=0> Acesso em 04/02/2024.

Em podcast: <https://podcasters.spotify.com/pod/show/andrea-graciano/episodes/Vivendo-de-modo-criativo--Winnicott-e2fc3g5> (\* **texto principal**)

→ HAN, Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder – Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/51330/30082> Acesso em 04/02/2024.

→ WINNICOTT - Livro A Família e o Desenvolvimento Individual– Disponível em: <https://na01.safelinks.protection.outlook.com/?url=https%3A%2F%2Fanchor.fm%2Fandrea-graciano%2Fepisodes%2Falgumas-consideraes-sobre-o-significado-da-palavra-democracia--Winnicott-e2fdatv&data=05%7C02%7C%7C8929df97ea3b4b7a3f3a08dc269f004a%7C84df9e7fe9f640afb435aaaa%7C1%7C0%7C638427711553955928%7CUnknown%7CTWFpbGZsb3d8eyJWIjoiMC4wLjAwMDAiLCJQIjoiV2luMzIiLCJBTiI6IjEhaWwiLCJXVCi6Mn0%3D%7C0%7C%7C%7C&sdata=z1khdEVQWzmNCjvnQkSfNHalPRH8L%2B8yAnS1K3dH0Q0%3D&reserved=0> Acesso em 05/02/2024.

## APRESENTAÇÃO DE BYUNG-CHUL HAN E A PERSPECTIVA WINNICOTTIANA

“Herdeiro de Hiedegger”, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (nascido em 1959) irá compor o corpo de pensadores deste estudo. O enfoque se dará, especialmente, nos questionamentos propostos no livro *Psicopolítica* que trata sobre a técnica de dominação psicológica presente no sistema neoliberal.

O livro *Psicopolítica* fala sobre uma crise de liberdade do indivíduo em relação a fantasia onipotente do “poder fazer”.

“Vivemos uma fase histórica particular em que a própria liberdade dá lugar à coações. A liberdade do poder fazer engendra até mais coações do que o *dever* disciplinar. O *dever fazer* tem um limite. O *poder fazer*, pelo contrário, não tem limite algum.” (HAN, 2015<sup>54</sup>, p. 11).

As técnicas de poder do sistema capitalista usarão (e abusarão) desta fantasia onipotente para dominar, oprimir, e seduzir de forma inteligente homens e mulheres a se submeterem a si mesmos à estas forças psicológicas de dominação.

O capítulo “Para Além do Sujeito”, Han trará uma possibilidade do sujeito ser arrancado da submissão do sistema através da experiência: “*Ser-sujeito* significa *estar-submetido*. A experiência arranca o sujeito à sua submissão.” (HAN, 2015, p. 86).

Han denuncia a psicopolítica neoliberal como a técnica de dominação que estabiliza e reproduz o sistema dominante por meio de uma programação e de um controle psicológico (o Big Data, por exemplo, é uma forma de controle muito eficaz citada no livro).

O *inconsciente digital*, por exemplo, exposto por Byung-Chul Han no capítulo Big Data do livro *Psicopolítica* é extremamente importante para os profissionais que cuidam do psiquismo humano.

O texto apresenta um fato atual perturbador, no qual as pessoas são vendidas como mercadorias por empresas de dados (Acxiom), apresentadas em catálogos e organizadas por categorias desde *Waste* (Lixo – pessoas com escasso valor econômico) até *Shooting Star* (Estrela Cadente – consumidores com valor de mercado

---

<sup>54</sup> HAN, Livro “*Psicopolítica – Neoliberalismo e novas técnicas de poder*” – Relógio D’Água Editores, junho de 2015.

superior, levantam-se cedo para fazer caminhadas, não tem filhos e assistem *Seinfeld*<sup>55</sup>).

“Des-psicologizar-se” seria uma forma de libertação e saída deste sistema de vida submissa em que o indivíduo está inserido, mas não tem consciência e não pensa a respeito de sua autoexploração.

- **A crise de liberdade**

Autor de uma dezena de ensaios de críticas à sociedade do trabalho e à tecnologia<sup>56</sup>, Byung-Chul Han deu passos importantes após os pensamentos do Foucault, como por exemplo, a análise do neoliberalismo como uma forma de mutação do capitalismo, quando deixa a concepção foucautiana da ocupação “biológica-somática-corporal” da sociedade disciplinar e orienta sua direção para a psique (alma) como força produtiva autoimposta e hiper exposta.

Esta é a virada da Biopolítica para uma Psicopolítica que passa a otimizar processos psíquicos e mentais para aumentar a produtividade.

O *homo economicus*, “empresário de si mesmo”, sofre uma nova torção do poder do regime neoliberal para o “escravo de si mesmo”, de tal modo que, o indivíduo passa a reproduzir uma estrutura de dominação que interpreta como liberdade.

Segundo Han, vivemos uma fase histórica particular onde a liberdade dá lugar às coações. O *poder fazer* causa mais coações que o *dever fazer*, uma vez que, este último tem limites regulamentados e o *poder fazer* é do campo do imaginário e, portanto, ilimitado<sup>57</sup>. Paradoxalmente, o sujeito do rendimento é um *escravo absoluto*: é simultaneamente um senhor que explora - não mais o outro -, mas a si mesmo como escravo.

Para Han, o “eu como projeto” que acredita ter se libertado das coerções externas (superego social) passou a estar submetido a coerções internas (superego cruel) que exige de si mesmo alta performance, rendimento e sucesso.

---

<sup>55</sup> Seinfeld é uma comédia americana de situação corriqueira (Sitcom) onde o fator determinante no destaque de Seinfeld entre outras sitcoms de sua época foi o fato de os personagens principais jamais aprenderem lições de moral. De fato, eles eram indiferentes ao mundo exterior e insensíveis frente a desconhecidos e parentes, e mesmo às vezes entre eles; um mantra seguido pelos produtores do programa era: “sem abraços, sem aprendizados”. Houve também poucos finais felizes, exceto quando estes eram alcançados às custas de outra pessoa. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Seinfeld>

<sup>56</sup> Byung-Chul Han é filósofo e ensaísta, professor da Universidade de Artes de Berlim. Estudou Filosofia na Universidade de Friburgo e Literatura Alemã e Teologia na Universidade de Munique. Em 1994, doutorou-se em Friburgo com uma tese sobre Martin Heidegger. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Byung-Chul\\_Han](https://pt.wikipedia.org/wiki/Byung-Chul_Han) Acesso em 07 Jan 2024.

<sup>57</sup> HAN, 2015. Psicopolítica – Neoliberalismo e novas técnicas de poder, p. 12

O neoliberalismo, neste sentido, passa a explorar a liberdade para gerar rendimento máximo e não permite mais uma luta de classe como trazia Marx, mas trava uma batalha contra seus próprios Ideais de Eu, responsabilizando-se e envergonhando-se a si próprio.

Tal cenário torna impossível uma revolução social, uma vez que, no isolamento do sujeito do rendimento neoliberal *não existe um nós* comum que permita surgir uma resistência frente ao sistema<sup>58</sup>. O sujeito se torna como um lobo solitário mesmo em meio uma alcateia, é um espetáculo, está exposto às câmeras, é assistido e vigiado o tempo todo como um animal no canal National Geographic<sup>59</sup>.

A diferença entre o lobo da Net Geo e o sujeito contemporâneo é que o lobo não possui a liberdade de escolher a vigilância, ao passo que o homem, em nome da liberdade de comunicação elege o smartphone como seu dispositivo neoliberal de transparência, aprisionando-se no seu próprio aparelho de Big Brother, seu panóptico digital, seu confessionário móvel, sua congregação digital<sup>60</sup>.

Como uma cascata de eventos que se retroalimentam, as informações voluntariamente entregues e constantemente atualizadas do nosso hábito digital oferecem dados da nossa vida que ficam registrados, o Big Data<sup>61</sup> cria uma espécie de *inconsciente digital* tornando legíveis os desejos dos quais não estamos explicitamente conscientes e proporciona uma representação extremamente exata da nossa pessoa, da nossa alma – “uma representação talvez mais precisa ou completa do que a imagem que fazemos de nós mesmos”<sup>62</sup>.

Deste modo, a crise de liberdade do sujeito neoliberal para Han seria uma constelação de fatores que abrangem um modo de subjetivação dentro de uma Psicopolítica na qual sujeitos se submetem a coações internas em nome do rendimento e da otimização e, para tanto, se expõem voluntariamente à sedução do regime neoliberal até o esgotamento.

A questão que se ergue como fio para tecelagem desta apresentação é o ponto em que Han constata quando diz que o sujeito neoliberal, empresário/escravo de si mesmo, não é capaz de estabelecer e manter relações despreziosas, diferentes de si mesmo (alteridade), livres de qualquer finalidade, comprometendo assim o princípio

---

<sup>58</sup> HAN, 2015. Psicopolítica – Neoliberalismo e novas técnicas de poder, p. 16

<sup>59</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/National\\_Geographic\\_\(canal\\_de\\_televis%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/National_Geographic_(canal_de_televis%C3%A3o))

<sup>60</sup> HAN, 2015. Psicopolítica – Neoliberalismo e novas técnicas de poder, p. 22

<sup>61</sup> <https://pubsonline.informs.org/doi/10.1287/LYTX.2013.01.03/full/>

<sup>62</sup> Idem, p. 71

de que liberdade é, fundamentalmente, uma palavra relacional. “Liberdade” e “amigo” têm a mesma raiz indo-europeia<sup>63</sup>.

A pergunta que Han levanta é muito importante para a reflexão aqui proposta que problematiza as questões filosóficas-políticas em relação ao psiquismo e o convívio político-social; ele indaga: Queremos realmente ser livres?

Outra obra importante de Han é o livro *A Sociedade do Cansaço*, onde caracteriza o mal-estar da sociedade atual com um cenário patológico, que apresenta “distúrbios neurais”, tais como: depressão, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, transtorno de personalidade limítrofe e exaustão (burnout).

A crítica da obra de Han direciona-se à psicanálise freudiana, cuja eficácia, segundo o autor, ocorreu em uma sociedade repressiva, que baseava sua organização na negatividade das proibições. Pela sua perspectiva, a sociedade de hoje não é primordialmente uma sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho, que está cada vez mais se desvinculando da negatividade das proibições e se organizando como sociedade da liberdade (HAN, 2019, p.54).

Diferentemente de Byung-Chul Han, que não dialoga com a psicanálise winnicottiana (mas, critica a psicanálise freudiana), a relação entre Heidegger e Winnicott tem sido o núcleo da obra de Loparic, cuja apresentação da ontologia fundamental de Heidegger visa ajudar a lançar luz sobre as suposições filosóficas da psicanálise winnicottiana.

Dentre estas ideias, a criatividade da teoria winnicottiana será apresentada como contraponto à Han como “a capacidade de criar o mundo” (WINNICOTT, 1999, p.24), a capacidade de ser criativo, brincar e de “ter uma visão pessoal de tudo” conserva uma certa ilusão de onipotência dentro da crueza da realidade.

Pela perspectiva winnicottiana, a mulher e o homem saudáveis seriam criativos, desejariam viver experiências de uma vida que valeria a pena ser vivida, experimentando diversas formas de ser no mundo, criando a si mesmo com possibilidades variadas nos modos de ser.

Diferentemente de todas as espécies, a natureza humana possui um ser que não provém da biologia, que não é espontâneo — é uma aquisição. A constituição do ser, para Winnicott, está na possibilidade de continuar a ser, em um devir de um processo constante e gradual que depende absolutamente do ambiente favorável para se constituir. A “quebra de continuidade” provocada, por exemplo, pela intrusão ou pelo

---

<sup>63</sup> Idem, p. 12

abandono de um ambiente desfavorável provoca traumas nessa continuidade do ser, que compromete o “vir a ser” do indivíduo (WINNICOTT, 2011, p.40).

- **Vivendo de modo criativo**

“Ser criativo em arte ou em filosofia depende muito do estudo de tudo o que já existe, e o estudo do ambiente é uma chave para se entender e apreciar qualquer artista (e acrescentaria “filósofo e psicanalista também”).” (WINNICOTT, 1999, p. 39 – acrescento meu).

No texto “Vivendo de modo criativo” escrito em 1970 para a Liga Progressista, Winnicott apresenta a definição de criatividade integrada à condição de existir (SER) e de dar sentido a existência (uma vida que valha a pena ser vivida). Ou seja, criatividade não é fazer; é antes de tudo SER para fazer (“Ser, antes de Fazer”). É a posição básica a partir da qual operar: “a criatividade é o fazer que, gerado a partir do ser, indica que aquele que é está vivo.” (WINNICOTT, 1999<sup>64</sup>, p. 23).

A criatividade para Winnicott é a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil da “capacidade de criar o mundo” para enfrentar a “afrota” do princípio da realidade. O bebê normal precisa crescer em complexidade e tomar-se um “existente” estabelecido, para que possa experimentar a procura e o encontro de um objeto como um ato criativo.

Em sua teoria do Desenvolvimento Maturacional, a criança conserva a onipotência, sob o pretexto de ser criativa e de ter uma visão pessoal de tudo, “descobrimo-se equipada com alguma capacidade para ver tudo de um modo novo, para ser criativa em todos os detalhes do viver” (Idem, p. 25).

O próprio Winnicott é um exemplo de vida criativa. Antes de conferir a palavra “criar” (“trazer à existência”) no dicionário, primeiramente, definiu seu sentido.

“Sinto necessidade de falar como se ninguém jamais tivesse examinado o assunto antes, e é natural que isso pode fazer com que minhas palavras pareçam ridículas. Mas eu acho que vocês podem ver nisso minha necessidade de deixar claro que não estou soterrado pelo tema. Trabalhar em cima dos conceitos concordantes que existem a respeito da criatividade poderia me matar. Evidentemente, preciso estar sempre lutando para me sentir criativo, com a desvantagem de que, se for o caso de descrever uma palavra simples, como “amor”, preciso começar do zero (talvez esse seja o ponto de onde se deve começar). Vou retornar a esse tema quando chegar à distinção entre o viver criativo e a arte criativa.” (Idem, p. 25).

---

<sup>64</sup> livro Tudo Começa em Casa.

Deste modo, a criatividade é própria do estar vivo e de ser. Aquele que não é apenas reage a estímulos, “Retire os estímulos e o indivíduo não tem vida.” (Idem, p.23).

O tema é importante para o bem-estar psíquico, uma vez que, é no viver criativo que descobrimos que tudo aquilo que fazemos fortalece o sentimento de que estamos vivos, de que somos nós mesmos. O contrário promoveria sentimento de vazio existencial, compulsão e uma onipotência infantil não vivida que leva a uma exacerbação de posicionamento, onde não aceita fazer parte da engrenagem da vida, mas precisa ser “o volante” e a “caixa de marchas inteira” (Idem, p. 35).

“O sintoma de uma vida não-criativa é o sentimento de que nada tem significado, o sentimento de futilidade, de que nada importa.” (Idem, p. 36)

“Quando surpreendemos a nós mesmos, estamos sendo criativos e descobrimos que podemos confiar em nossa inesperada originalidade. (...) As pessoas que se aferram a modismos são por definição entediadas e submissas...(...) experimentar o viver criativo é sempre mais importante do que “se sair bem”.” (Idem, p. 36, 37 e 38).

- **O “nós” como conquista – identificação cruzada - democracia e maturidade**

Na sucessão histórica da psicanálise, o psicanalista e pediatra inglês Donald Woods Winnicott (1896 – 1971) foi quem mais modificou e se aproximou da relação entre filosofia e psicanálise.

Os estudos psicanalíticos realizados por Winnicott sobre o desenvolvimento socioemocional estão fundamentados nas experiências vividas intersubjetivamente nas relações mãe-bebê, que promovem ou dificultam os diferentes sentidos de ser e de participação criativa do indivíduo na realidade, através dos fenômenos transicionais, no espaço potencial.

As afinidades teóricas do amadurecimento em Winnicott e o acontecimento em Heidegger sobre a constituição dos modos de ser do homem tem sido um tema estudado por filósofos, dentre eles Zeljic Loparic, que considera as duas teorias como quadros gerais para recolocar a pergunta decisiva do homem, a pergunta pelo sentido de ser.

No texto “Algumas reflexões sobre o significado da palavra ‘democracia’”, presente nos livros “A família e o desenvolvimento individual” e “Tudo começa em casa”, Winnicott pensa sobre novas categorias da democracia a partir dos termos: cuidado, dependência e identificação cruzada.



Segundo Winnicott, o uso da palavra “democracia” pode ser estudado do ponto de vista psicológico, com base no que esse uso implica em termos de maturidade. Sendo assim, uma sociedade democrática seria uma sociedade saudável formada por um grupo de pessoas maduras emocionalmente.

Dizendo de outra forma, democracia seria maturidade, e maturidade seria saúde<sup>65</sup>. No entanto, para Winnicott nem a democracia nem a maturidade poderiam ser implantadas numa sociedade; elas seriam conquistadas.

A conquista do amadurecimento socioemocional deveria advir de um bom lar comum, onde um cuidador-ambiente, a “mãe suficientemente boa”, favoreceria desde a origem a matriz sobre confiabilidade, segurança e sustentação (*holding*): “Dos braços da mãe nasce o sujeito democrático”, diz o filósofo Loparic<sup>66</sup>.

Este bebê que recebeu um bom acolhimento do seu ambiente cuidador pôde, desde o início, viver seus gestos espontâneos (sua força vital, sua agressividade sem cólera, seu “amor-impiedoso”, seu “amor-boca”) porque sua mãe suficientemente boa não o retalhou e sobreviveu aos seus ataques, apresentando-lhe gradativamente como descobrir o mundo externo. Tal cuidado ambiental contribui para que o bebê comece a perceber que existe um Eu e um Outro, até então desconhecidos.

Neste processo, sinteticamente explicitado, Winnicott diz que a criança descobre o “Nós”, através de uma depressão de compreensão, passa a viver o concernimento, que é a preocupação com o outro. Aqui nasce a identificação cruzada, que é a gênese da empatia, da capacidade de calçar o sapato do outro, de socializar.

A partir de então, diria Winnicott, a criança sentiria necessidade da responsabilidade como uma forma de reparação pelo uso e dano que teria causado a mãe - contribuir então passaria a ser uma necessidade do amadurecimento. Por estes motivos, nem maturidade nem democracia se ensinam, mas se conquistam.

Se o contrário acontecesse neste processo, ou seja, caso o ambiente-cuidador fracassasse, fosse um fator negativo, de privação e provocador de rupturas significativas na continuidade do ser do bebê/criança, estaríamos diante de uma grande possibilidade deste novo ser humano sofrer psicopatologias graves ou se tornar um antissocial. Sendo assim, a sociedade também padeceria e estaria comprometida com indivíduos adoecidos, antissociais, imaturos, irresponsáveis, antidemocráticos e incapazes de contribuição social.

---

<sup>65</sup> WINNICOTT. Tudo Começa Em Casa. São Paulo. Editora Martins Fontes, 1999 p. 257

<sup>66</sup> Há uma quebra de paradigma em Winnicott com relação a psicanálise freudiana clássica? Prof. Loparic [https://youtu.be/T0aOx5dtG\\_Q?si=wC5hKE\\_o5vYOURu0](https://youtu.be/T0aOx5dtG_Q?si=wC5hKE_o5vYOURu0) Acesso em 04/02/2024.

A obra de Winnicott e a teoria do amadurecimento socioemocional é extensa, aparentemente simples, mas complexa, potente, contribuindo também com a prevenção. Winnicott acreditava que poderíamos descobrir que, em qualquer época, nada poderíamos fazer para aumentar a quantidade do fator democrático, comparativamente ao que foi feito (ou não) pelos pais e lares dos indivíduos quando bebês, crianças e adolescentes.

Os bons lares comuns forneceriam, portanto, o único contexto em que se poderia criar o fator democrático. Ele mesmo reconhecia, em seu equilíbrio e modéstia característicos em seu modo de ser e se apresentar, que haveria uma complexidade surpreendente desta teoria em sua aplicação.

Pensar sobre o que foi exposto é indagar sobre a decifração do *sujeito do desejo* na sua condição histórica e sociológica, é pensar sobre a raiz do comportamento humano, é experimentar a inquietude sobre o que estamos nos tornando dentro do sistema do neoliberalismo, dentro da lógica do capital humano, na sociedade do desempenho.

Este esforço de reflexão buscou levantar questões política-filosóficas específicas e importantes para os cuidadores do psiquismo humano (psicanalistas, psicoterapeutas e psicólogos).

Para finalizar, não deixarei respostas, mas proponho algumas perguntas a partir do enunciado: “Estaríamos nós também” ...

- no lugar *da nossa escuta como clínicos* comprometidos e aprisionados dentro da lógica neoliberal?
- fomentando o *desempenho do Eu*, tanto como analistas, como para os analisandos?
- tornando-nos funcionais ou “maquínicos” como dizia Winnicott, não aceitando a falha humana como recurso terapêutico?
- afastando-nos do “Nós” no encontro analítico-terapêutico?

# PARADIGMA EXISTENCIAL E FENOMENOLÓGICO DA TEORIA WINNICOTTIANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS CLÍNICAS

## Aula 6. CRIATIVIDADE: SER ANTES DE FAZER

- **O brincar e a realidade;**
- **A criatividade e suas origens;**
- **Elementos masculinos puros e elementos femininos puros - Especulação sobre o contraste em tipos de relações de objeto**

## SUGESTÕES DE LEITURA PARA AULA 6:

→ \* WINNICOTT – texto A CRIATIVIDADE E SUAS ORIGENS - Livro: O Brincar e a Realidade. (\* **texto principal**)

→ Livro pdf Winnicott e a Filosofia – Disponível em <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/31112/1/Winnicot-e-a-filosofia.pdf> acesso em 08 abr. 2024

→ RIBEIRO, Caroline Vasconcelos. A realidade como questão em Heidegger e Winnicott. Nat. hum., São Paulo, v. 7, n. 1, p. 95-128, jun. 2005. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302005000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302005000200003&lng=pt&nrm=iso) . acesso em 08 abr. 2024

## CRIATIVIDADE: SER ANTES DE FAZER

Para Winnicott, criatividade é um impulso originado nas relações primordiais mãe-bebê e completado com o processo de individuação. O bebê deve ser capaz de manter a experiência de sentir-se real, proporcionada pela ilusão de onipotência. Sendo a criatividade o tema central, definida por Winnicott como “o fazer que emerge do ser”, isto é, para ser criativa, uma pessoa tem de existir, e ter um sentimento de existência. Winnicott traz a máxima: “Ser, antes de Fazer”.

Ser e se sentir real dizem respeito essencialmente à saúde. O viver criativamente não consiste em criar no vácuo ou fora da realidade, mas na capacidade de criar aquilo que existe na realidade. Nas palavras de Winnicott: “Quando estamos em gozo de nossa sanidade, realmente só criamos aquilo que descobrimos” (WINNICOTT, 1970 [1999], p. 38).

A criatividade é, portanto, a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo. Para o bebê, isso não é difícil; se a mãe for capaz de se adaptar às necessidades do bebê, ele não vai perceber o fato de que o mundo estava lá antes que ele tivesse sido concebido ou concebesse o mundo. O princípio da realidade é o fato da existência do mundo, independentemente de o bebê tê-lo criado ou não.

O princípio da realidade é muito ameaçador, mas, com o passar do tempo, de acordo com Winnicott, a criança é chamada a dizer “tá”, uma vez que, foi capaz de “viver a ilusão” para “viver a desilusão”, no princípio da realidade. Afinal, segundo o autor, “a realidade é uma afronta” (WINNICOTT, 1970 [1999], p. 24).

Brincando, a criança/adulto se fortalece para aguentar os “nãos” que o “mundo” impõe porque sente-se como fazendo parte da engrenagem do mundo. É a capacidade de desenvolver a “arte de sorrir cada vez que o mundo diz ‘não!’”.

Embora seja fácil perceber que as crianças brincam por prazer é muito mais difícil perceber que as crianças brincam também para dominar angústias, controlar ideias ou impulsos que conduzem a ansiedades que não foram dominados pelo ego frágil. A angústia é um fator na brincadeira infantil e, frequentemente, um fator dominante.

- **O brincar e a realidade**

A criatividade que interessava para Winnicott era uma criatividade como proposição universal, que dizia sobre o estar vivo e a realidade externa: o brincar e a realidade.

“A criatividade que estamos estudando relaciona-se com a abordagem do indivíduo à realidade externa. Supondo-se uma capacidade cerebral razoável, inteligência suficiente para capacitar o indivíduo a tornar-se uma pessoa ativa e a tomar parte na vida da comunidade, tudo o que acontece é criativo, exceto na medida em que o indivíduo é doente, ou foi prejudicado por fatores ambientais que sufocaram seus processos criativos.” (WINNICOTT, p. 112).

Em sua teoria, o princípio do desenvolvimento inicial do indivíduo implicaria num continuar a ser, no qual o psicossoma necessitaria que este sentimento não fosse perturbado. Para que tal expediente acontecesse seria preciso que o ambiente se apresentasse como suficientemente bom e se adaptasse ativamente às necessidades do psicossoma do bebê.

O ambiente ruim seria aquele que se transformaria em intrusão ao psicossoma do bebê que passaria a reagir a esta intrusão. Esta reação perturbaria a continuidade do ser do indivíduo.

Winnicott postulou que o estado de ser é um fato no bebê normal, antes do nascimento e logo depois. Um estado de ser que pertencia ao bebê, não ao observador e que a continuidade do ser significaria saúde. Para ilustrar, compara esse estado de ser do bebê a uma bolha e diz que quando a pressão externa é igual a pressão interna, ela (a bolha) segue existindo.

Por outro lado, se a pressão externa fosse maior ou menor que a interna, a bolha passaria a reagir à intrusão. Esta reação interromperia a continuidade do ser. Cessada a intrusão, cessaria a reação e poderia retornar ao estado do ser. Por esta razão, seria o ambiente que deveria se adaptar ao bebê, não o bebê ao ambiente.

A teoria winnicottiana apresenta um postulado de unidade inicial entre a criança pequena e o seu próprio lar (ambiente). No que se refere a isso, seria um verdadeiro desastre a quebra de continuidade do cuidado do bebê pelo ambiente familiar.

Nos primeiros estágios desse processo, o bebê é extremamente dependente do cuidado materno, da presença contínua e da própria sobrevivência da mãe. Esta deve realizar em si uma adaptação ativa suficientemente boa às necessidades da criança, sem a qual esta não pode evitar desenvolver defesas que distorcem o processo.

Caso o infante não viesse a receber os cuidados adequados, deveria assumir ele mesmo a função ambiental, de modo que se constituiria nele um self verdadeiro escondido. Assim sendo, o que estaria voltado para fora seria um falso self engajado

na dupla tarefa de esconder o self verdadeiro e ceder às exigências que o mundo lhe impõe a todo momento (WINNICOTT, 2011, p. 214).

Por estes motivos, o brincar seria a expressão do verdadeiro self diante da realidade da vida.

[...] todo o meu interesse está centrado na busca do eu (self). Insisto em que certas condições se fazem necessárias, se é que sequer alcançar sucesso nessa busca. Essas condições estão associadas àquilo que é geralmente chamado de criatividade. É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self) (WINNICOTT, 1975, p. 89).

- **A criatividade e suas origens**

“Objetividade é um termo relativo, porque aquilo que é objetivamente percebido é, por definição, até certo ponto, subjetivamente concebido.” (WINNICOTT, A criatividade e suas origens<sup>67</sup>, p. 109)

A ideia de criatividade em Winnicott significa um colorido de toda a atitude com relação à realidade externa.

“É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que **a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação.** A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à ideia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida. **Muitos indivíduos experimentaram suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos à criatividade de outrem, ou de uma máquina.**” (Idem, p.108)

Winnicott estava interessado em entender a etiologia (origens) da criatividade. Em sua concepção, tudo que acontecia na vida seria criativo, ou seja, tudo que levaria o indivíduo a se tornar uma pessoa ativa e a tomar parte na vida da comunidade seria criativo, como por exemplo, “a inspiração de um arquiteto ao descobrir subitamente o que deseja construir, e pensa em termos do material a ser utilizado, de modo que seu impulso criativo possa tomar forma e o mundo seja testemunha dele” (Idem,p.114).

Existe, portanto, um estabelecimento, um vínculo entre o viver criativo e o viver propriamente dito. A psicanálise winnicottiana buscava estudar as causas da perda desse viver criativo e o que levava a desaparecer o sentimento que o indivíduo tem de

---

<sup>67</sup> Livro O Brincar e a Realidade

que a vida é real ou significativa. Winnicott esperava que a psicanálise fosse capaz de utilizar a teoria dos fenômenos transicionais, a fim de descrever o modo como uma provisão ambiental suficientemente boa, nos estádios mais primitivos, tornaria possível ao indivíduo enfrentar o imenso choque da perda da onipotência.

Winnicott chamava de '**objeto subjetivo**' (Winnicott, 1962) aquilo que se tornava gradualmente relacionado a objetos que são **objetivamente percebidos**: mas isso sucederia apenas quando uma provisão ambiental fosse suficientemente boa, ou um 'ambiente expectável médio' (Hartmann, 1939), capacitaria o bebê à loucura específica permitida aos bebês.

Essa loucura só se transformaria em loucura verdadeira se aparecesse na vida posterior. No estágio da tenra infância deveria existir a aceitação do paradoxo, que acontece quando um bebê cria um objeto: mas o objeto não teria sido criado como tal se já não se encontrasse ali.

- **Elementos masculinos puros e elementos femininos puros - Especulação sobre o contraste em tipos de relações de objeto**

“...a relação de objeto do elemento feminino puro estabelece o que é talvez a mais simples de todas as experiências, a experiência de ser.” (Idem, p. 131)

“O elemento masculino faz, ao passo que o elemento feminino (em homens e mulheres) é.” (Idem, p. 132).

A partir deste texto veremos um postulado importante de Winnicott sobre as origens da criatividade nas relações objetivas, que apresentam o nascedouro do ser como núcleo de formação da **identidade primária do indivíduo**.

Winnicott utilizou o termo **objeto subjetivo** para descrever **o primeiro objeto**, o objeto ainda não repudiado como um fenômeno não-eu. Aqui, nesse relacionamento do elemento feminino puro com o 'seio', encontrasse uma aplicação prática da ideia de objeto subjetivo, e a experiência a esse respeito abre caminho para o sujeito objetivo, isto é, a ideia de um eu (self) e a sensação de real que se origina do sentimento de possuir uma identidade.

Por complexa que se torne a psicologia do sentimento do eu (self) e do estabelecimento de uma identidade, na teoria winnicottiana à medida que o bebê cresce, nenhum sentimento do eu (self) surge, exceto na base desse relacionamento no **sentimento de SER**. Este último é algo que **precede a ideia de estar-em-união-com**, porque **ainda não houve nada mais**, exceto identidade.

Duas pessoas separadas podem sentir-se em união, mas aqui, nessa área que Winnicott examinou, **o bebê e o objeto seriam um**. O termo “**identificação primária**” talvez tenha sido usado para designar exatamente isso que descrevia, além de tentar demonstrar **quão vitalmente importante seria essa primeira experiência para o início de todas as experiências subsequentes de identificação**.

Tanto a identificação projetiva quanto a introjetiva originam-se dessa área em que cada um é o mesmo que o outro. No crescimento do bebê humano, à medida que o ego começa a organizar-se, aquilo que chamou de **relação de objeto do elemento feminino puro estabelece o que é talvez a mais simples de todas as experiências, a experiência de ser**.

Winnicott critica que a psicanálise talvez tenha concedido atenção especial ao elemento masculino ou aspecto impulsivo da relação de objeto, e negligenciado, contudo, a **identidade sujeito-objeto** para a qual chamava a atenção, **identidade que se encontra na base da capacidade de ser**. “O elemento masculino faz, ao passo que o elemento feminino (em homens e mulheres) é.” (Idem, p. 132).

Em um contexto de provisão suficientemente boa de elemento feminino - que se constitui uma questão de manejo sutil nas suas minúcias -, poderia se conceder significação total ao conceito de adaptação, com a **mãe ou fornecendo ao bebê a oportunidade de achar que o seio é ele, ou deixando de fazê-lo. O seio aqui constitui um símbolo, não de fazer, mas de ser**).

A mãe que fosse capaz de realizar essa tarefa muito sutil a qual Winnicott se referia, evitaria que o eu (self) 'feminino puro' do filho se tornasse invejoso do seio, visto que, para esse filho, o seio seria o eu (self) e o eu (self) seria o seio. “Inveja é um termo que poderia ser aplicável à experiência de um fracasso tantalizante do seio como algo que É.” (Idem, 134).

Por fim, quando o elemento feminino no bebê ou paciente masculino ou feminino encontra o seio, é o eu (self) que foi encontrado: 'esse elemento feminino é o seio, compartilhado das qualidades de seio, e mãe, e é desejável' (Idem, p. 135).

Concluimos que a identidade primária do “Eu (Self) sou o seio” levaria a um “eu sou eu” para poder posteriormente alcançar o concernimento (capacidade de se preocupar com o outro) do “eu sou com os outros”.

A capacidade de se preocupar é um importantíssimo nó maturativo que recebendo compreensão e oportunidade de reparação da/o mãe-cuidador-ambiente-bom possibilita que o desenvolvimento maturacional prossiga para as demais etapas.



“Na teoria winnicottiana, é assim que se constitui o fundamento de uma moralidade pessoal, que não é imposta de fora nem ensinada, que não é simplesmente intelectual e aprendida, mas que emerge naturalmente a partir da experiência da “bondade originária”, ou seja, da confiabilidade ambiental. É essa experiência que dando sustentação ao crescimento pessoal, leva à consciência da existência do outro e à capacidade para a identificação cruzada, que é pôr-se no lugar do outro.” (Dias, 2003, p. 264 e 265).

Ambos (a criança e ambiente) ampliam o espaço potencial da subjetividade. De onde se desenrola e se desenvolve uma experiência de si mesmo, partindo para toda complexidade do conceito de self.

Loparic lembra que é **um não no eu sou** que gera **um não no ser dos outros** (LOPARIC, 2004, p.209). A responsabilidade humana não decorreria, portanto, de um ideal, mas do **"fato/feito do ente que ele é**, que já tem sido e permanece **respondendo pelo existir"**(Idem, 207).

# PARADIGMA EXISTENCIAL E FENOMENOLÓGICO DA TEORIA WINNICOTTIANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS CLÍNICAS

## Aula 7. A CAPACIDADE DE CRIAR O MUNDO

- **Brincando de ser Deus – a capacidade de criar o mundo novamente;**
- **O Espaço Potencial;**
- **A clínica do self (verdadeiro e falso self)**

## SUGESTÕES DE LEITURA PARA AULA 7:

→ \* WINNICOTT – “Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self.”. In: O Ambiente e os Processos de Maturação. Artmed, 1983. Podcast: <https://bra01.safelinks.protection.outlook.com/?url=https%3A%2F%2Fanchor.fm%2Fandrea-graciano%2Fepisodes%2FDistoro-do-ego-em-termos-de-falso-e-verdadeiro-self-1960---D--W--Winnicott-e1gpok2&data=05%7C01%7C%7C7c4f6ad083f04cafd0508db36ad5441%7C84df9e7fe9f640afb435aaaaa%7C1%7C0%7C638163890303382582%7CUnknown%7CTWFpbGZsb3d8eyJWIjoiMC4wLjAwMDAiLCJQIjoiV2luZlIiLCJBTiI6IjEkaWwiLCJXVCi6Mn0%3D%7C3000%7C%7C%7C&sdata=oTS4dQXXxN081fyTIkhyTdMTusBBwA0GBX8M%2Fwa7hK0%3D&reserved=0> (\* **texto principal**)

→ Eder Soares Santos - Criação em Winnicott e recri(e)ação filosófica – Disponível em [file:///C:/Users/55119/Downloads/Criacao em Winnicott e recri e acao filo.pdf](file:///C:/Users/55119/Downloads/Criacao%20em%20Winnicott%20e%20recri%20e%20acao%20filo.pdf) acesso em 09 abr. 2024

→ Livro “A Matriz da Mente – Relações Objetais e o Diálogo Psicanalítico”. Thomas Ogden Editora Blucher, 2018.

- **Brincando de ser Deus – a capacidade de criar o mundo novamente**

Criatividade- Estado de mente necessário para criar-brincar-transformar algo assustador, corriqueiro ou entediante em algo maleável, possível, pessoal, significativo.

Um aspecto central da teoria do desenvolvimento maturacional de Winnicott é chegar e manter a conquista do EU SOU.

Winnicott compreendia que alcançar a conquista de ser uma unidade individual era algo que soava como uma infâmia, afinal, este foi o primeiro nome hebraico dado para Deus (EU SOU)<sup>68</sup>. Numa de suas publicações em que divergiu sobre uma posição de Melanie Klein a respeito da inveja na primeira infância encerrou o artigo com a frase: “EU = D.W.W. = DEUS”.<sup>69</sup>

Pela sua perspectiva, alcançar este “eu sou” significaria dizer que o indivíduo conseguiu agrupar isto e aquilo e reivindicou que “isto sou eu, e que repudiei todo o resto; ao repudiar o não-eu, insultei o mundo, por assim dizer, e posso aguardar um ataque”.

Winnicott interpretava que isso retrataria de modo preciso a ansiedade inerente à chegada de todo ser humano ao estágio EU SOU, pois esta alçada é uma capacitação audaciosa, arriscada e agressiva:

“As mais agressivas e por isso mais perigosas palavras do mundo são encontradas na afirmação EU SOU. É preciso admitir, no entanto, que só aqueles que alcançaram o estágio de fazer essa afirmação é que estão realmente qualificados para serem membros adultos da sociedade.” (A criança no grupo familiar – 1966, p. 136 - Tudo Começa em Casa)

---

<sup>68</sup>Relato sobre a convocação de Moisés para libertar o povo de Israel do Egito: “Então disse Moisés a Deus: Eis que quando eu for aos filhos de Israel, e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me disserem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: **EU SOU** me enviou a vós.” Êxodo 3:13,14

<sup>69</sup> Livro Limite e Espaço: Uma introdução à obra de D.W.Winnicott/ Madeleine Davis e David Wallbridge, p. 30

Segundo Winnicott, certas condições se fazem necessárias para alcançar sucesso a busca do self. Essas condições estão associadas àquilo que é geralmente chamado de criatividade.

“É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self).” (WINNICOTT, 1975, p.89)<sup>70</sup>

No texto *Vivendo de Modo Criativo*, escrito em 1970, Winnicott palestrou para a organização britânica de reforma social e promoção do humanismo científico chamada Liga Progressista.

A Liga Progressista forneceu ao movimento progressista uma plataforma para a defesa de ideias, cujos manifestos definiam programas de revogação das leis de divórcio, de leis discriminatórias contra a homossexualidade, difusão do conhecimento sobre controle de natalidade (incentivo pílula anticoncepcional), legalização do aborto, dentre outros temas sociais (muitos destes temas presentes nos textos de Winnicott)<sup>71</sup>.

A ideia winnicottiana de uma “vida que vale a pena ser vivida”, por exemplo, estava alinhada com a abordagem dos humanistas seculares “Humanistas acreditam que o sentido da vida é viver uma vida de significado”<sup>72</sup>.

O fato é que Winnicott trouxe ideias de uma moralidade humanista baseada no conhecimento da natureza humana e do mundo real. Dentre estas ideias, a criatividade como “a capacidade de criar o mundo” (WINNICOTT, 199, p.24).

Ao contrário da submissão impensada, a capacidade de ser criativo, brincar e de “ter uma visão pessoal de tudo” conserva uma certa ilusão de onipotência dentro da crueza da realidade.

“Através de um processo de crescimento extremamente complexo, geneticamente determinado, e da interação do crescimento individual com fatores externos que tendem a ser positivamente facilitadores — ou então não-adaptadores e produtores de reação -a criança torna-se você ou eu, descobrindo-se equipada com alguma capacidade para ver tudo de um modo novo, para ser criativa em todos os detalhes do viver.” (WINNICOTT, 1999, p. 25).

Winnicott é claro quando valoriza o fato de alguém ver tudo como se fosse a primeira vez. Uso a palavra “apercepção”, oposta a “percepção” (Idem p.25).

---

<sup>70</sup> Livro *Brincar e a Realidade*

<sup>71</sup> Ver o texto *Este feminismo* - Rascunho de uma palestra proferida na Progressive League, 20 de novembro de 1964 – Livro *Tudo Começa em Casa*.

<sup>72</sup> [https://web.archive.org/web/20150512153115/http://www.secularhumanism.org/library/fi/cherry\\_18\\_1.01.html](https://web.archive.org/web/20150512153115/http://www.secularhumanism.org/library/fi/cherry_18_1.01.html)

Em psicologia, “apercepção” é o processo pelo qual a nova experiência é assimilada e transformada pelo resíduo da experiência passada de um indivíduo para formar um novo todo. O conceito “perceber”, no entanto, é sustentado como elevado significado por Winnicott, pois significa um sujeito engajado no processo de interpretação da experiência (self intérprete criativo).

“O processo maturacional impulsiona o bebê a relacionar-se com objetos; no entanto, isso só pode ocorrer efetivamente quando o mundo é apresentado ao bebê de modo satisfatório. A mãe que consegue funcionar como um agente adaptativo apresenta mundo de forma a que o bebê comece com um suprimento da experiência de onipotência, que constitui o alicerce apropriado para que ele, depois, entre em acordo com o princípio da realidade. Há um paradoxo aqui na medida em que, nessa fase inicial, o bebê cria o objeto, mas o objeto já está lá, e o bebê não pode, portanto, tê-lo criado. Deve-se aceitar o paradoxo, não resolvê-lo” (Idem, p.13)

Sua exposição reconhece as atividades rotineiras, entediadas e sufocantes, porém, enfatiza a necessidade de uma organização, de forma que, a atividade psicológica alimente a imaginação e o indivíduo gere espaço potencial no trabalho, no casamento, no ensino, na arte, na bagunça das crianças, na cozinha, na vida sexual, na engrenagem da vida política.

“Em algum lugar do esquema de coisas pode haver espaço para que alguém viva criativamente. Isso envolve preservar algo de pessoal, talvez algo de secreto, que é inconfundivelmente você mesmo. Tente respirar pelo menos — é algo que ninguém pode fazer por você.” (p. 27)

“Pode ser que uma mulher limpe o chão sem se aborrecer porque sente prazer em fazer uma lameira, através de uma identificação com sua terrível criança que, em momentos de vida criativa, faz lama no jardim e fica pulando nela. A criança supõe que as mães adoram limpar tudo quanto é chão...” (p. 27)

“No viver criativo, tanto você como eu descobrimos que tudo aquilo que fazemos fortalece o sentimento de que estamos vivos, de que somos nós mesmos. Uma pessoa pode olhar para uma árvore (não precisa ser necessariamente um quadro) e fazê-lo criativamente.” (p. 28)

“Ainda que aliadas ao viver criativo, as criações artísticas dos escritores de cartas, escritores, poetas, artistas, escultores, arquitetos, músicos, são diferentes. Vocês concordarão que, se alguém está engajado numa criação artística, espera-se que tenha algum talento especial. Mas para uma existência criativa não precisamos de nenhum talento especial. Trata-se de uma necessidade universal, de uma experiência universal, e mesmo os esquizofrênicos retraídos e aprisionados ao leito podem estar vivendo criativamente uma atividade mental secreta, e, portanto, em certo sentido, feliz. Infelizes somos você e eu que, em certa fase, estamos conscientes da falta daquilo que é essencial ao ser humano, que é muito mais importante do que comer ou do que a sobrevivência física.” (p.28)

“O sintoma de uma vida não-criativa é o sentimento de que nada tem significado, o sentimento de futilidade, de que nada importa.” (p.36)

“(…) experimentar o viver criativo é sempre mais importante do que “se sair bem”.” (p. 38)

- **O Espaço Potencial**

Foi em termos da “área de ilusão” ou, como também denominou “espaço potencial”, que Winnicott fez a sua contribuição mais original para o estudo da natureza humana.

Esta parte da sua teoria deve a sua evolução a uma observação direta, simples e sensível. Ele viu que, muitas vezes, o primeiro objeto possuído e adotado pelo bebê tem uma importância especial que é permitida pelos pais. Chamou isso de “primeira posse não-eu”. traçando sua origem a formas muito primitivas de se relacionar e de brincar.<sup>73</sup>

Estes objetos “não-eu” são levados à boca e passam a ser eleitos e transformados pela predileção estética do bebê nos objetos transicionais (uma parte do lençol, babador, ursinhos, bonecas) ou nos fenômenos (sons, balbucios, ruídos anais, primeiras notas musicais).

Os objetos ou fenômenos transicionais materializam o próprio self e o mundo. Eles funcionam como objeto parcial da mãe, são eleitos para conservar um estado tranquilo ou serem excitadamente amado e mutilado, bem como dão início ao processo de simbolismo.

“Entre o lactente e o objeto existe algo, ou alguma atividade ou sensação. À medida que isto une o lactente ao objeto (como o objeto parcial materno), se torna a base da formação de símbolos. Por outro lado, à medida que a algo separando ao invés de unir, sua função de levar a formação de símbolos fica bloqueada”. (Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self - 1960, p. 133 - livro O ambiente e os Processos de Maturação)

O objeto transicional reúne um pedaço do bebê, um pedaço da mãe, um pedaço do mundo. Ele possui qualidades estéticas e sensíveis (textura, forma, cheiro) que são ao mesmo tempo reais e fantasiosas. São a materialização das elaborações imaginativas.

Os objetos transicionais são escolhidos para representar materialmente e simbolicamente, as qualidades do amor e da familiaridade. Por esta razão, possuem um valor psíquico tão especial.

---

<sup>73</sup> Livro Limite e Espaço: Uma introdução à obra de D.W.Winnicott/ Madeleine Davis e David Wallbridge, p. 72

O objeto transicional conserva certa sacralidade e qualquer ação de outra pessoa sobre ele pode ser sentido como uma ruptura na continuidade da existência ou da experiência de separação mãe-bebê.<sup>74</sup>

Não é possível precisar por quanto tempo o objeto transicional se fará presente na vida da criança. Seu destino é sofrer um desinvestimento gradual, não sendo necessariamente esquecido, mas relegado ao limbo.

O espaço potencial na teoria winnicottiana propõe um paradoxo. Ao mesmo tempo em que é uma terceira área da experiência faz parte tanto da realidade externa quanto da realidade interna.

Diante desse paradoxo, Winnicott desafia a aceitação, mas não a busca por uma solução, uma vez que, o próprio paradoxo é a principal característica do conceito de fenômenos e objetos transicionais.

Esta terceira área é a área do “entre”. É a articulação entre o intrapsíquico e o intersubjetivo, que permite os encontros humanos por meio da área da ilusão, que é o espaço potencial e a criatividade do si mesmo, que se reencontra e se reconhece na realidade do objeto. Nesta teoria dos processos intermediários, Winnicott chamou atenção para o lugar da cultura, da arte, da religião, da filosofia e da ciência no mundo dos adultos, equivalente ao brincar nas crianças.

Por fim, Winnicott com sua teoria pensada pelo ponto de vista do bebê, diz que a principal função do objeto transicional e dos fenômenos transicionais é a ideia de intercâmbio baseado numa ilusão. Isto é uma área neutra de experiência que não será contestada. Do objeto transicional pode-se dizer que se trata de uma questão de concordância entre nós e o bebê de que nunca formularemos a pergunta ‘você concebeu isso ou foi apresentada a partir do exterior?’. O importante é que não se espere decisão alguma sobre esse assunto. A pergunta não é para ser formulada (WINNICOTT, 1969 [1975], p. 27).

O espaço potencial é, portanto, o solo fértil entre a mãe e o bebê de onde florescerá a atividade criativa do brincar, onde frui a liberdade e o indivíduo descobre o verdadeiro self. O brincar é uma extensão do uso dos fenômenos transicionais, pertencendo também ao espaço potencial entre o eu individual e o ambiente.

---

<sup>74</sup> Livro Agressividade na clínica com crianças: uma perspectiva winnicottiana. Maria Carolina Signorelli, p.58

- **A clínica do self (verdadeiro e falso self)**

“A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é.” (WINNICOTT, O Brincar, p. 65)

Winnicott dizia que, sempre que possível, desenvolvia um trabalho que incluía um colorido, onde seu setting funcionava também como oportunidade de ser um espaço potencial - um *playground* ofertado para a busca do verdadeiro *self* do analisando (experiência psicossomática).

Caso contrário, o analista poderia passar anos realizando uma psicoterapia de ordem mental, atendendo a fachada de um falso self.

Winnicott insistia que certas condições se faziam necessárias para alcançar sucesso nessa busca. Essas condições estariam associadas àquilo que chamava de criatividade.

“É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self) (WINNICOTT, 1975, p. 89).

No texto de Winnicott, *Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self (1960)*<sup>75</sup> vimos que o autor associa estes conceitos aos fundamentos iniciais de Freud, o que significa dizer que: o verdadeiro self estaria relacionado com a parte dos instintos (satisfações do Id, sexualidade, pré-genital, genital) e o falso self seria a parte voltada para o exterior (a “fachada da casa”) relacionada com o mundo.

Estudar o self é, fundamentalmente, compreender como ele acontece no mundo com os outros, ou seja: no tempo, no espaço e no fluxo da experiência humana.

A noção de self, portanto não pode ser confundida em Psicanálise com a noção de ego, que é um conceito estrutural do aparato psíquico ligado à segunda tópica freudiana, cuja função é mediar as exigências do id, do superego e da realidade.

“O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões.” (FREUD, Vol. XIX - O ego e o id, p.61)

**“Para mim o self, que não é o ego, é a pessoa que é eu, que é apenas eu, que possui uma totalidade baseada no funcionamento do processo de maturação.”** (WINNICOTT, *Explorações Psicanalíticas*, p. 210)

---

<sup>75</sup> Livro *O Ambiente e os Processos de Maturação*.



Para Winnicott, o self verdadeiro está intimamente ligado à ideia do processo primário freudiano, que conforme o próprio nome diz, significa o primeiro movimento no processo de encadeamento das imagens e pensamentos latentes do inconsciente, que no curso (por condensação ou deslocamento das catexias) em conexão com elementos que pertencem ao Pcs podem se tornar conteúdos manifestos (conscientes).<sup>76</sup>

“O self verdadeiro provém da vitalidade dos tecidos corporais e da atuação das funções do corpo, incluindo a ação do coração e a respiração. Está intimamente ligado à idéia de processo primário e é, de início, essencialmente não-reativo aos estímulos externos, mas primário.”  
(WINNICOTT, 1960,135)<sup>77</sup>

O self, portanto, é uma experiência de ser, é o gesto espontâneo, a ideia pessoal, ligado à criatividade, à estética, à personalidade unitária e sadia. Enfim, é um espaço humano único.

Como disse Winnicott é uma conquista descobrir “um self para chamar de seu”.<sup>78</sup>

Pelos estudos de Winnicott sobre a natureza humana, o indivíduo emerge self, como unidade psicossomática, mente pensante, ser consciente e autônomo a partir da sua interação com o ambiente afetivo e social.

O processo de constituição do self é complexo e segue por toda vida. Dentro das propriedades do bebê humano, Winnicott observa o funcionamento corporal, sensório-motor, a elaboração imaginativa do funcionamento corporal (fantasia) e a faculdade de catalogar, categorizar e comparar exercida pela mente na relação com a realidade externa (sociedade).

“Com referência a este artigo, o principal tem a ver com a palavra self. Fico pensando se poderia escrever algo a respeito desta palavra, mas naturalmente, assim que me ponho a fazê-lo, descubro que há muita incerteza, mesmo em minha própria mente, sobre o que quero dizer. Descobri que havia escrito o seguinte: Para mim o self, que não é o ego, é a pessoa que é eu, que é apenas eu, que possui uma totalidade baseada no funcionamento do processo de maturação. Ao mesmo tempo, o self tem partes e, na realidade, é constituído dessas partes. Elas se aglutinam desde uma direção interior para exterior no curso do funcionamento do processo maturacional, ajudado como deve ser (maximamente no começo) pelo meio ambiente humano que sustenta e maneja e, por uma maneira viva, facilita. O self se descobre naturalmente localizado no corpo, mas pode, em certas circunstâncias, dissociar-se do último, ou este dele. O

---

<sup>76</sup> Freud, O INCONSCIENTE (1915) – VII – Avaliação do Inconsciente

<sup>77</sup> Livro O Ambiente e os Processos de Maturação. Texto Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro “self” (1960).

<sup>78</sup> Livro Explorações Psicanalíticas. Texto C. G. Jung Resenha de Memories, Dreams, Reflections, p. 371

self se reconhece essencialmente nos olhos e na expressão facial da mãe e no espelho que pode vir a representar o rosto da mãe. O self acaba por chegar a um relacionamento significativo entre a criança e a soma das identificações que (após suficiente incorporação e introjeção de representações mentais) se organizam sob a forma de uma realidade psíquica interna viva.” (Explorações Psicanalíticas, p. 210)

Espaço Potencial é o espaço em que o lactente inicia um processo de separação mental da mãe-cuidador-ambiente, se torna livre do apoio do ego dela e passa a ter uma diferenciação de um self pessoal e diferenciado. Neste espaço potencial passa se revelar e apresentar um repertório dos símbolos, dos pensamentos, da mente e da criatividade na constituição do self, que vem se construindo ao longo do desenvolvimento maturacional, num processo contínuo de experiências existenciais.

Winnicott não se debruçou sobre o tema do simbolismo e do pensamento como outros autores (como Jung e Bion, respectivamente), mas, ele mesmo afirmou que descobriu (sem reivindicar originalidade) que temos de presumir que nada do que foi registrado se perde, pelo menos a partir da data do nascimento e, provavelmente, exatamente antes dessa data. Naturalmente, o que não é registrado não se acha em consideração (e há muito a dizer-se a respeito da maneira pela qual coisas, acontecimentos ou sensações só podem ser registradas tal como foram experienciados).<sup>79</sup>

✓ Organizações simbólicas reveladas do self na linguagem e outras formas

“Alguns bebês especializam-se no pensar e buscam palavras; outros especializam-se em experiências auditivas, visuais ou outras experiências sensoriais, e em lembranças e imaginação criativa do tipo alucinatório; estes últimos podem não buscar palavras. Não se discute se um é normal e o outro, anormal. Pode ocorrer um mal-entendido no debate, devido ao fato de que determinada pessoa que fala pertence ao tipo pensante e verbalizante, enquanto que outra pertence ao tipo que alucina no campo visual ou auditivo, ao invés de expressar o self em palavras. De alguma maneira, as pessoas que usam palavras tendem a reivindicar sanidade e os que têm visões não sabem como defender sua posição quando são acusados de insanidade. O argumento lógico, em realidade, pertence aos que verbalizam. O sentimento ou um sentimento de certeza, ou verdade, ou "real" pertence aos outros.”<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup> Uma Nova Luz sobre o Pensar Infantil Palestra introdutória, pronunciada em uma conferência para membros do magistério realizada no Centro de Educação Adicional de Devon, em 3 de janeiro de 1965, p. 120 – Livro Explorações Psicanalíticas

<sup>80</sup> (Idem, p. 120)

O Ser se inicia com a mãe-cuidador-ambiente sendo “o primeiro ícone do ser” do bebê (SAFRA, 2021, p. 143). O seio é o primeiro símbolo da mãe, que também é o bebê. Neste período primário de ego incipiente do bebê em que vive a ilusão de onipotência, o símbolo não é simbolizado e não é pensado, mas é: sensorial, estético e elaborado imaginativamente no corpo (fantasia).

“o elemento feminino puro relaciona-se com o seio (ou com a mãe) no sentido de o bebê tornar-se o seio (ou a mãe), no sentido de que o objeto é o sujeito.” (WINNICOTT, 1975, p. 133)<sup>81</sup>

“Em nosso contexto imediato, podemos conceder significação total ao conceito de adaptação, com a mãe ou fornecendo ao bebê a oportunidade de achar que o seio é ele, ou deixando de fazê-lo. O seio aqui constitui um símbolo, não de fazer, mas de ser.” (Idem, p. 135)

Ao longo do desenvolvimento emocional do bebê, um processo contínuo de criação de símbolos sofre metamorfoses no decorrer das experiências existenciais cada vez mais amplas e mais sofisticadas.

Os símbolos - como objetos e fenômenos transicionais - são criados a partir da falta das falhas maternas e são gerados no espaço potencial. “O objeto transicional é um símbolo para este estar separado em unidade, unidade em estar separado” (OGDEN, 2018, p.216).

Transformamos as experiências emocionais com a insuficiência humana para adquirir instrumentos para simbolização.

Gilberto Safra em seu livro *A Face Estética do Self* fala sobre o encontro humano como uma experiência estética que constitui a capacidade de articulação de “símbolos de self”, que “constituem e apresentam as vivências de seu existir em seu estilo singular de ser” (p. 42). São imagens que adquirem importância pois são “presenças de ser”:

“O estilo de ser compõe-se das características da manifestação na forma expressiva utilizada pelo indivíduo. O estilo apresenta a singularidade da pessoa. Ele é estabelecido pelo campo sensorial mais importante na Constituição do self do indivíduo, da biografia e dos enigmas de vida característicos de seu grupo familiar. Esses enigmas são transmitidos de uma geração à outra dentro de uma história familiar, de maneira tal que os diferentes membros de um grupo familiar procuram dar solução àquela questão por meio de seu percurso de vida pessoal” (Idem, p. 42)

Safra cita A. Bosi para dizer que o SIGNO vem marcado “em toda laboriosa gestação, pelo escavamento do corpo” (p. 120).

---

<sup>81</sup> Livro *O Brincar e a Realidade – ELEMENTOS MASCULINOS PUROS E ELEMENTOS FEMININOS PUROS*

Signo é uma unidade da comunicação constituída de expressão e conteúdo, de significante (palavra) e significados (sentidos para entendimento).

Existem experiências corporais antes dos símbolos simbolizados/pensados, antes do discurso verbal da fala. Ele salienta: a voz tem alma (“*anima vocis*” = a alma da voz) ...” O signo é a forma de expressão de que o som do corpo foi potência, estado virtual” (Safra citando Bosi, p. 120).

Safra destaca que na clínica, o que se observa é a ausência da capacidade de simbolizar, de significar e dar sentido. As perguntas dos analisandos que chegam aos consultórios apresentam angústias existenciais sobre um ser que se sente descentralizado de si, esvaziado, fragmentado e impossibilitado de encontrar na cultura, nos relacionamentos afetivos ou no trabalho os elementos e o amparo necessários para conseguir a superação de suas necessidades psíquicas.

O analista e o analisando, num “relacionamento potencial” precisam lidar com dimensões não necessariamente discursivas, mas com a presença um do outro.

O texto O Self e a Linguagem de Safra traz outras formas e possibilidades de compreender a maneira pela qual o self se revela, além da linguagem discursiva. Ou seja, existem outras formas de apresentação do self com suas organizações simbólicas a partir da sensorialidade, num discurso de luz, cor, tom, expressões gestuais, cheiro.

Do ponto de vista da linguagem como reveladora do self, o autor ressalta um fenômeno articulado ao redor da sonoridade. A fala de um indivíduo é um idioma singular, que possui seu modo singular de dizer e “**comunicar o seu self em poesia**” (p. 122).

- ✓ A mente como forma explorada em defesa (O Pensar como substituto materno\*)

A etiologia da palavra pensamento vem do Latim PENSARE, “formar uma ideia”, mas originalmente querendo dizer “pendurar para avaliar o peso de um objeto”, de PENDERE, “pendurar, pesar”. Metaforicamente, quando pensamos, “pesamos” uma contra a outra cada parte da ideia.

Para Winnicott, a mente é uma especialização do psicossoma. A mente é responsável pelo pensamento e o intelecto. O intelecto é um aspecto da função de catalogar,

categorizar e comparar, permitindo que as lembranças se tornem acessíveis até elas se perderem na repressão primária ou secundária.

“O intelecto, então, possui seu próprio funcionamento, dependente da qualidade do aparelho eletrônico e, também, da maneira pela qual o desenvolvimento emocional do indivíduo está se formando.” (p, 121, 122)

Em sua teoria do desenvolvimento emocional, o self está alojado no psicossoma e a mente tem uma função especializada de tornar o “ambiente perfeito” cobrindo as falhas da mãe através das experiências de confiança que foram apresentadas anteriormente na adaptabilidade suficientemente boa da mãe-cuidador-ambiente, que permitiu a ilusão de onipotência e a criatividade primária (criar e ser o seio).

O ambiente falha e precisa falhar para a mente cumprir sua função. O que se torna patológico, de acordo com Winnicott, é a mente usurpar o lugar da psique na unidade psicossoma.

O caso apresentado no texto O Pensar e a Formação de Símbolos (1968) trouxe uma mulher adoecida pela mente. Sua patologia estava associada a dificuldade de o ambiente reconhecer que fracassou e que explorou seu funcionamento mental.

Winnicott resume da seguinte forma:

1. O verdadeiro eu e o continuar a ser têm como base, na saúde, o desenvolvimento do psicossoma.
2. A atividade mental é um caso especial do funcionamento do psicossoma.
3. O funcionamento intacto do cérebro é a base para a existência a partir da psique, e da atividade mental.
4. A mente não se localiza em lugar algum, e não existe algo que se possa chamar de 'mente'
5. É possível descrever duas diferentes bases para o funcionamento mental normal: a) a conversão do ambiente suficientemente bom num ambiente perfeito (adaptado), permitindo um mínimo de reação à intrusão, e um máximo de desenvolvimento natural (contínuo) do eu; b) a catalogação das intrusões (trauma do nascimento etc.) para assimilação num estágio posterior do desenvolvimento.
6. É preciso notar que o desenvolvimento do psicossoma é universal e que suas complexidades são inerentes, enquanto o desenvolvimento mental depende até certo ponto de fatores variáveis, tais como as características de certos fatores ambientais, os incidentes aleatórios do parto e o manejo logo após o nascimento etc.
7. É lógico contrapor soma e psique, e, portanto, contrapor o desenvolvimento emocional ao desenvolvimento corporal do indivíduo, Não é lógico, porém, opor o mental ao físico, pois não são da mesma ordem. Os fenômenos mentais são

complicações de importância variável na continuidade do ser do psicossoma, na medida em que contribuam para formar o eu individual.

(A Mente e sua Relação com o Psicossoma - 1949 - p. 332 a 346)

Inspirada no texto A arquitetura do self de Gilberto Safra<sup>82</sup> e em um esforço de tentar encontrar uma analogia, segue aqui uma ideia.

Ao pensar na diferenciação entre o Ego e o Self na teoria winnicottiana gostaria de propor como recurso didático comparativo, as diferenças entre Engenharia Civil e Arquitetura.

As duas áreas têm alguns pontos em comum e muitas vezes complementares, o que leva as pessoas a confundirem as atividades. A principal semelhança é que tanto o engenheiro civil quanto o arquiteto trabalham em projetos de obras e construções.

No entanto, existem particularidades cruciais que devem ser levadas em conta em cada profissão. De modo geral, o engenheiro civil atua de forma mais técnica nas construções, calculando, dimensionando fundações e cuidando de toda a infraestrutura. Já o arquiteto faz a planta, organiza os espaços internos e usa a criatividade pensando na estética e no conforto do ambiente.

Mal comparando, uma vez que a complexidade da subjetividade humana possui dimensões incomensuráveis, a engenharia faria a vez do ego e a arquitetura, do self.

No caso da teoria winnicottiana, o funcionamento do ego deve ser considerado um conceito inseparável da existência da criança como pessoa (self)<sup>83</sup>. Da mesma forma que, complementarmente, o engenheiro se responsabiliza pelos cálculos estruturais (“ego”) a fim de concretizar o projeto arquitetônico realizado pelo arquiteto (“self”).

Para nossa compreensão da comparação, as estruturas e fundações dependem na sua saída da matriz do relacionamento mãe-filho, quando a mãe é capaz de ser suficientemente boa e dar ao bebê a experiência de onipotência. Quando esta operação é bem-sucedida, a mãe faz a função de ego auxiliar, para que mais tarde – zelosamente -, seja mantido no self da criança, o núcleo da personalidade de uma pessoa inteira<sup>84</sup>.

Em suma, a organização do ego depende da integração e da proteção do ego proporcionada pelo elemento materno na parêntese materno-infantil no início do

---

<sup>82</sup> Livro A Face Estética do Self. P. 78 a 98

<sup>83</sup> Livro O Ambiente e os Processos de Maturação. Texto A integração do ego no desenvolvimento da criança (1962), p. 55

<sup>84</sup> Idem, p. 56

desenvolvimento emocional da criança. Disto, resulta o estabelecimento de um self unitário.

Já o self não é uma estrutura; o self é uma experiência.

“Isto tudo tende ao estabelecimento de um se/f unitário; mas não é demais ressaltar que o que acontece neste estágio precoce depende da proteção do ego proporcionada pelo elemento materno da parêntese materno-infantil. Pode-se dizer que uma proteção do ego suficientemente boa pela mãe (em relação a ansiedades inimagináveis) possibilita ao novo ser humano construir uma personalidade no padrão da continuidade existencial. Todas as falhas que poderiam engendrar a ansiedade inimaginável acarretam uma reação da criança, e esta reação corta a continuidade existencial: Se há recorrência da reação desse tipo de modo persistente, se instaura um padrão de fragmentação do ser. A criança cujo padrão é o de fragmentação da continuidade do ser tem uma tarefa de desenvolvimento que fica, desde o início, sobrecarregada no sentido da psicopatologia. Assim, pode haver um fator muito precoce (datando dos primeiros dias ou horas de vida) na etiologia da inquietação, hipercinesia e falta de atenção (posteriormente designada como incapacidade de se concentrar)”.<sup>85</sup>

Seguindo a analogia, as áreas de atuação em Arquitetura ficam responsáveis pelos estudos urbanísticos e, para tanto, é importante conhecer a legislação e as demandas políticas do local; são encarregados pelo planejamento estético; pelos ambientes internos; e, por fim, uma das mais importantes áreas de atuação em Arquitetura é a elaboração de projetos, com base na combinação entre técnica, estética e funcionalidade.

O texto de Safra explora muito bem esta ideia sobre a experiência de espacialidade do self no mundo. O pensamento sobre um espaço sem fim que é organizado pela mãe, de modo que a criança possa habitá-lo de maneira satisfatória é imprescindível para o caminho do desenvolvimento maturacional que precisa acontecer.<sup>86</sup>

O autor destaca que, inicialmente, uma a organização do self se faz por registros estéticos-sensoriais estabelecidos no encontro entre o corpo do bebê e o corpo materno. As experiências se organizam em formas sensoriais de calor, sons, cheiro, tato, ritmo, motilidade, entre outros. Estas experiências do encontro entre os corpos mãe-bebê darão as condições de um repertório imaginativo que capacitará elaborar imaginativamente as funções somáticas. Ou seja, trata-se de um repertório que é fruto da presença humanizadora do outro.<sup>87</sup>

“O self para Winnicott está muito ligado a questão do corpo. Não tem como existir um sujeito sem ele passar pela experiência, vivenciada do corpo no ambiente. Os sentidos

---

<sup>85</sup> Idem, p.59

<sup>86</sup> Livro A Face Estética do Self, p. 77,78

<sup>87</sup> Idem, p. 79

com suas séries de canais perceptivos vão apreender este ambiente. O self vai se dando, gradativamente, a partir deste contato. O self não vem pronto; ele se dá pelo corpo, pela matéria em relação a atmosfera (que o bebê está imerso)” (Cecília Gobeth, Terapeuta Corporal)

Quando este início ocorre de forma satisfatória, se estabelece a confiança para explorar o mundo, uma vez que, a criança pode sentir que teve lugar e morada no interior do corpo materno e em seu próprio corpo (personalização). O espaço do mundo é visto como bom, porque contém também, analogamente, o aconchego do colo e do interior da mãe. Caso contrário, o mundo será vastidão infinita, lugar de horror.<sup>88</sup>

Sobre isto, confirma Clarice Lispector: “Mãe é: não morrer.”.<sup>89</sup>

De volta para a analogia da Arquitetura, existem demandas que podem inibir a efetivação do planejamento e elaboração do projeto adequado, digno e bom. Na carência de recursos, por exemplo, predomina a preservação do básico e do mínimo que cumpra funcionalidade. Ou ainda, a fachada pode aparentar ser rica por fora como uma cidade cenográfica: parece que é, mas não é.

O falso self, diz Winnicott, não faz mais que reunir os pormenores da experiência de viver.<sup>90</sup> Ou seja, o falso self possui pouca capacidade de simbolizar, é empobrecido na vida cultural, valoriza o status e executa as tarefas do mundo de forma submissa, adaptativa, defendido, num “como se”, um simulacro, mimetizado e funcional.

Winnicott destaca que, apesar do intelecto poder ser muito criativo, não é raro a ligação da intelectualidade e o falso self. O resultado desta combinação pode ser um caso clínico peculiar, onde quanto mais o indivíduo se torna bem-sucedido, mais se sente falso.

O autor classifica as organizações do falso self num gradiente de 1 a 5, assim dispostas:

- 1- **Extremo** – o falso self se implanta como real e o verdadeiro self permanece oculto;
- 2- **Menos extremo** – o falso self defende o verdadeiro self, que é potencial e vive secretamente ou sintomaticamente;
- 3- **Mais para a normalidade** – o falso self tem como interesse principal a procura de condições que tornem possível ao self verdadeiro emergir. No entanto, a

---

<sup>88</sup> Idem, p. 84

<sup>89</sup> Livro Felicidade Clandestina, p. 139

<sup>90</sup> Idem, p. 135



condição ainda é frágil e o suicídio pode ser uma defesa do self verdadeiro contra insultos;

- 4- **Ainda mais para o lado da normalidade** – o falso self é construído por identificações (self ama-seca);
- 5- **Na normalidade** – há um aspecto submisso do self verdadeiro no viver normal. É um falso self conciliador, adaptável aos códigos sociais de comportamento e conduta. No entanto, o verdadeiro self não sofre demasiadamente a perda de si e, caso isto ocorra, se sobrepõe ao self conciliador.

Como dito, um self verdadeiro começa a ter vida, através da força dada ao fraco ego do lactente pela complementação da mãe com as expressões de onipotência que o bebê experiencia na ilusão.

Winnicott afirma que o self verdadeiro não se torna uma realidade viva exceto como resultado do êxito repetido da mãe em responder ao gesto espontâneo ou a alucinação sensorial do bebê, permitindo a realização simbólica (poder sonhar, alucinar, usar símbolos, simbolizar e interpretar seus símbolos criados).

Somente o self verdadeiro pode ser criativo e se sentir real. Esta formulação está em consonância com a concepção freudiana sobre a produção psíquica consciente, mas especialmente inconsciente. Freud afirma que muitas produções realizadas na execução dos sonhos estão presentes nos pensamentos inconscientes durante o dia.

No texto O Inconsciente e a Consciência – A Realidade, do livro A Interpretação dos Sonhos (1900), Freud traz exemplos de homens altamente produtivos e criativos:

“A própria produção intelectual resulta das mesmas forças psíquicas que realizam todas as produções desse tipo durante o dia. Provavelmente também tendemos por demais a superestimar o caráter consciente da produção intelectual e artística. Das comunicações de alguns homens altamente produtivos, como Goethe e Helmholtz, ficamos sabendo, isso sim, que o essencial e o novo de suas criações lhes foi dado sob a forma de lampejos e chegou à sua percepção quase pronto. A colaboração da atividade consciente não tem nada de surpreendente em outros casos em que existia um empenho de todas as forças Intelectuais. Mas é um privilégio da atividade consciente, do qual muito se abusa, permitir que ela possa nos ocultar todas as outras atividades onde quer que ela tome parte.” (p. 641)

- Consequências do falso self na clínica

- a) O analista falará ao falso self do analisando sobre seu verdadeiro self (self ama-seca);
- b) A regressão à dependência é esperada quando o analista começa a entrar em contato com o verdadeiro self do analisando;
- c) Analistas que não podem atender às necessidades de analisandos regredidos devem evitar este tipo de atendimento.

Por fim, o analista deve estar atento para não estar iludido tomando o analisando como uma pessoa integral e na verdade estar analisando (por anos) um falso self.

## PARADIGMA EXISTENCIAL E FENOMENOLÓGICO DA TEORIA WINNICOTTIANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS CLÍNICAS

### Aula 8. UMA TEORIA DA SAÚDE

- **Da pediatria à psicossomática;**
- **Transtorno psicossomático;**
- **Problema do corpo e a Psicossomática: a crítica fenomenológica da Psicossomática.**

### SUGESTÕES DE LEITURA PARA AULA 8:

→ \* WINNICOTT – “A Mente e sua Relação com o Psicossoma (1949)”. In: Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2000. Podcast: <https://anchor.fm/andreia-graciano/episodes/A-Mente-e-sua-Relao-com-o-Psicossoma-1949-e1ms88r> (\* **texto principal**)

→ Seminário de Zollikon 14 de Maio de 1965, na casa de Boss – Disponível em <file:///C:/Users/55119/Downloads/Heidegger-Seminarios-Zollikon.pdf> acesso em 09 abr. 2024

→ Feijoo, A. M. L. C. de ., & Mattar, C. M.. (2015). A desconstrução da psicossomática na análise existencial de Heidegger e Boss. Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental, 18(4), 651–662. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n4p651.5>

- **Da pediatria à psicossomática**

O trabalho de Winnicott apresenta uma teoria desenvolvimentista.

“Tenho uma tendência natural para considerar esse assunto em termos do desenvolvimento do indivíduo, desenvolvimento que começa no início de tudo e vai até o momento da morte, na velhice.

Desenvolvimento é minha especialidade.” (WINNICOTT, 1964, p. 183)<sup>91</sup>

Em termos de desenvolvimento, pode-se dizer que para Winnicott, maturidade emocional significa saúde, o que não quer dizer ausência de distúrbios psiconeuróticos. A seu ver, saúde é possuir uma liberdade dentro da personalidade - mesmo diante dos medos, dificuldades e desafios do viver -, capaz de sentir criatividade e riqueza enquanto qualidade da realidade psíquica pessoal (WINNICOTT, 1999, p. 9, 10).<sup>92</sup>

Pela sua perspectiva, pessoas saudáveis experienciam três vidas: a primeira vida é a vida no mundo (relações interpessoais); a segunda é a vida intrapsíquica e a terceira vida é a área da experiência cultural (que é a mais variável das três vidas). A experiência cultural **se inicia no espaço potencial** entre uma criança e a mãe, quando a experiência produziu na criança um alto grau de confiança na mãe, no fato de que ela não faltou quando a criança dela teve necessidade (Idem, p. 19).

Ou seja, o conceito do espaço potencial se originaria em um (potencial) espaço de bom suprimento ambiental (físico e mental) *entre* mãe e bebê. No entanto, Winnicott também considera uma amplitude do espectro de pessoas — que conseguem vencer apesar daquilo que carregam consigo (genes, desapontamentos precoces e experiências infelizes) —cujo desconforto e cuja ansiedade os impelem a realizações excepcionais. Pode ser que o convívio com elas se revele muito difícil, mas elas impulsionam o mundo em alguma área da ciência, da arte, da filosofia, da religião ou da política (WINNICOTT, 1999, p.16).

Para Thomas Ogden<sup>93</sup>, dentre as ideias introduzidas por Donald Winnicott, talvez a mais importante e, ao mesmo tempo, menos acessível seja o conceito de espaço potencial. Nas palavras de Ogden:

---

<sup>91</sup> Texto ESTE FEMINISMO (Rascunho de uma palestra proferida na Progressive League, 20 de novembro de 1964) Livro Tudo Começa em Casa

<sup>92</sup> Texto O conceito de indivíduo saudável - Palestra proferida na Royal Medico-Psychological Association, Psychotherapy and Social Psychiatry Section, 8 de março de 1967 - Livro Tudo Começa em Casa

<sup>93</sup> Thomas Ogden (1946) é psicanalista e escritor de livros psicanalíticos, dentre eles “A Matriz da Mente – Relações Objetais e o Diálogo Psicanalítico”. Editora Blucher, 2018.

“Espaço Potencial é o termo genérico utilizado por Winnicott para se referir a área intermediária da experiência que reside entre fantasia e realidade. Formas específicas de espaço potencial incluem o espaço de brincar, a área do objeto transicional e seus fenômenos, a área da experiência cultural e a área da criatividade.” (OGDEN, 2018, p.207)

A capacidade de gerar espaço potencial constitui um conjunto organizado e organizador de atividades psicológicas. Essa área intermediária de experiência, incontestada quanto a pertencer à realidade interna ou externa (compartilhada), constitui a parte maior da experiência do bebê e, através da vida, é conservada na experimentação intensa que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador (WINNICOTT, 1975, p. 30).<sup>94</sup>

Podemos questionar: No processo do desenvolvimento emocional humano que inicia na dependência (1º-absoluta e 2º-relativa) e segue rumo à independência (princípio da realidade), como o indivíduo pode adquirir uma atividade psicológica saudável e criativa capaz de gerar espaço potencial?

A teoria psicanalítica de Winnicott preconiza que quando o ambiente cuidador propicia um holding, um "segurar satisfatório", o bebê é capaz de realizar o desenvolvimento pessoal de acordo com suas tendências herdadas (WINNICOTT, 1999, p.4<sup>95</sup>)

O resultado é uma continuidade da existência, que se transforma num senso de existir, num senso de self e finalmente resulta em autonomia.

Estas conquistas estão associadas à ideia de:

- uma vida saudável/madura (“saúde” não é sinônimo da palavra “fácil”) e
- experiência de uma vida que vale a pena ser vivida (“...experimentar o viver criativo é sempre mais importante do que “se sair bem”).
- **O sentimento de estar vivendo a própria vida é saúde.**

“A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que estão vivendo sua própria vida, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas. Em outras palavras, pode-se dizer que o indivíduo emergiu da dependência para a independência, ou autonomia.” (Idem - p. 10)

---

<sup>94</sup> Texto OBJETOS TRANSICIONAIS E FENÔMENOS TRANSICIONAIS - Livro O Brincar e a Realidade

<sup>95</sup> Livro Tudo Começa em Casa

Em termos de desenvolvimento, pode-se dizer que para Winnicott, maturidade emocional significa saúde, o que não significa dizer ausência de distúrbios psiconeuróticos. A seu ver, saúde é possuir uma liberdade dentro da personalidade - mesmo diante dos medos, dificuldades e desafios do viver -, capaz de sentir criatividade e riqueza enquanto qualidade da realidade psíquica pessoal (WINNICOTT, 1999, p. 9, 10).

As questões da ontologia estão presentes nos estudos de Winnicott. Tais temas que dizem respeito a condição humana trouxeram para a psicanálise considerações sobre os modos de ser no mundo que encontram ressonâncias com aspectos que a filosofia propôs, em especial, nas formulações da obra heideggeriana e vêm apresentando urgência nos tempos atuais.

- **Transtorno psicossomático**

Winnicott considerou os efeitos do corpo e sua saúde sobre a psique. Em suas avaliações, a base da psique seria o soma, e, em termos de evolução, o soma foi o primeiro a chegar.

A psique começaria, então, como uma elaboração imaginativa das funções somáticas, tendo como sua tarefa mais importante a interligação das experiências passadas com as potencialidades, a consciência do momento presente e as expectativas para o futuro. Desta forma, o self passaria a existir.<sup>96</sup>

Winnicott traz um conceito importante: pacientes que “viveram um não-acontecido” não teriam um inconsciente reprimido, mas ao invés disso teriam mecanismos de defesas mais primitivos como a cisão e dissociações.<sup>97</sup>

“Não é possível conceber um inconsciente reprimido com uma mente cindida; ao invés, o que se encontra é a dissociação.”

Para Winnicott, o transtorno [disorder] psicossomático seria, na realidade, uma dissociação no paciente.<sup>98</sup> Pela perspectiva do autor, muitos pacientes não dividem o seu cuidado médico em duas partes; a cisão se dá em **fragmentos múltiplos**, e os

---

<sup>96</sup> D. W. WINNICOTT. CAPÍTULO 3 - O RELACIONAMENTO ENTRE DOENÇA FÍSICA E DISTÚRBO PSICOLÓGICO, p. 37. Livro natureza Humana

<sup>97</sup> D. W. WINNICOTT. C. G. Jung Resenha de Memories, Dreams, Reflections 1964, p.370. livro Explorações Psicanalíticas.

<sup>98</sup> D. W. WINNICOTT. Transtorno [disorder] Psicossomático, p. 82. livro Explorações Psicanalíticas.

**médicos agem no papel de um desses fragmentos** ("disseminação dos agentes responsáveis")<sup>99</sup> para descrever esta tendência.

Os pacientes com dissociações múltiplas também exploram as divisões naturais na profissão médica, tais como: cirúrgica, psiquiátrica, psicanalítica, psicoterapêutica, homeopática, osteopática, cura pela fé e diversos serviços auxiliares.

A enfermidade psicossomática seria, por fim, o negativo de um positivo.

O positivo seria a tendência herdada que cada indivíduo tem de chegar a uma unidade da psique e do soma, uma identidade experiencial do espírito, ou psique, e da totalidade do funcionamento físico. Desta forma, o indivíduo viveria o EU SOU no corpo (personalização), estaria enraizado em si, conquistaria a morada do self no corpo, vivendo a vinculação psicossomática potencial.<sup>100</sup>

“A enfermidade psicossomática, tal como a tendência anti-social, possui este aspecto esperançoso, o de que o paciente se acha em contato com a possibilidade de unidade psicossomática (ou personalização) e dependência, ainda que a sua condição clínica ilustre ativamente o contrário disto através da cisão, de variadas dissociações, de uma tentativa persistente de cindir a profissão médica e do cuidado onipotente do self.”<sup>101</sup>

A esperança está presente no trabalho de Winnicott que compreende o humano como uma organização em marcha, cuja centelha vital e ímpeto para a vida lhe põe como um bulbo de narciso ao desenvolvimento<sup>102</sup>. O que os cuidadores propiciam é um ambiente favorável (não moldável) que auxilia a nature (hereditariedade) com o nurture (nutrição)<sup>103</sup>.

- **Problema do corpo e a Psicossomática: a crítica fenomenológica da Psicossomática.**

No Prefácio à primeira edição dos Seminários de Zollikon<sup>104</sup>, o psiquiatra suíço Medard Boss, primeiro representante da Daseinsanalyse, confidenciou que “para combater o tédio” começou a estudar (sem assistência) o livro Ser e Tempo do filósofo Martin Heidegger<sup>105</sup>.

---

<sup>99</sup> Idem, p. 83

<sup>100</sup> Idem, p. 90

<sup>101</sup> Idem.

<sup>102</sup> D. W. WINNICOTT. O bebê como organização em marcha, p. 29. livro A Criança e seu Mundo.

<sup>103</sup> D. W. WINNICOTT. SAÚDE FÍSICA, p. 29. livro Natureza Humana

<sup>104</sup> Disponível em <https://i-f-da.org/what-about/> Acesso em 01/02/2024.

<sup>105</sup> Prefácio à primeira edição - Seminários de Zollikon – Editora EDUC, Petrópolis: Vozes, 2001, p. 12 Disponível em: <https://www.daseinsanalyse.org.br/biografia-detail.html> Acesso em 01/02/2024.

“Precipitei-me sobre o texto, mas logo verifiquei que não entendia praticamente nada de seu conteúdo. Nesse livro eram colocadas questões e mais questões com as quais nunca tinha me deparado em toda minha educação científica natural. As respostas eram principalmente novas perguntas. Desapontado, deixei também esse livro de lado, lido pela metade. Mas, estranhamente, ele não me deixava em paz. Muitas vezes tive de recomeçar a estudá-lo.”<sup>106</sup>

O psiquiatra Medard Boss editou os Seminários Zollikon (cidade suíça, local de residência de Boss).

O livro registra as sessões de estudo que Heidegger transmitiu para médicos psiquiátricos e estudantes de medicina. O trabalho é um marco na história e no desenvolvimento da Daseinsanalyse.

Os seminários têm como pergunta inicial: O que significa existir? Outros conceitos discutidos incluem existência empírica, realidade, objetividade, extensão como propriedade do espaço, o que significa ocupar o espaço, percepção, noção de corpo material (Körper), corpo do homem (Leib) e fenômeno corporal (Leibphänomen) e liberdade.

A história da introdução da filosofia para Boss revela que existiu da sua parte uma busca pela compreensão do conteúdo de Ser e Tempo que Heidegger correspondeu pois também estava interessado em compartilhar seus pensamentos filosóficos para a área Psi (psiquiatria, psicologia e psicanálise).

No Seminário de Zollikon, Heidegger propõe que a corporeidade essencial do *Dasein* integra o gesto, que reúne e revela todos os comportamentos do ser-no-mundo. O psíquico e o somático são expressões desse gesto originário e uno. Nessa perspectiva, não caberia mais nem mesmo a denominação de psicossomática.

Medard Boss, em sua obra *Introdução à medicina psicossomática*, de 1959, buscou afastar-se da tradição que considera o homem como sendo uma composição de corpo, alma e espírito, considerando o termo psicossomática incômodo e imperfeito.

Explica Boss que, em sua obra, pretende estar menos preso à terminologia, a fim de buscar “uma descrição fiel dos fenômenos” e que somente essa tarefa já exigiria “uma longa investida e um novo olhar” (BOSS, 1959, p. 4).

O adoecer em uma perspectiva daseinsanalítica defende que todo o adoecer é sempre psicossomático, pois atinge a abertura que é o Dasein, ser-aí, como um todo, e representa uma restrição a determinada possibilidade, a doença com suas limitações, em detrimento de outras.

---

<sup>106</sup> Idem



Algo que nos atinge física ou psiquicamente já nos afetou de maneira mais originária, tendo em vista a nossa existência como abertura antes de tudo. Em cada adoecer, sugere Boss (1959), deve-se perguntar qual é a relação com o mundo que se encontra perturbada, quais as possibilidades existenciais que um determinado adoecer impede que se realizem.

Sobre o corpo, com base nas reflexões de Heidegger (2001), nos diz Boss (1959): “O corpo constitui uma condição necessária, mas em nenhum caso a condição suficiente da existência humana” (p. 31). Nossos órgãos sensoriais, como soma, funcionam por meio dos olhos, dos ouvidos, da língua, da pele, porém eles não podem ver, escutar, sentir, provar ou tocar. Apenas pela e na corporeidade o homem se relaciona com aquilo que lhe vem ao encontro.

Ainda, com base nas considerações de Heidegger sobre o corpo, o médico suíço afirma que a presença humana não se limita ao espaço ocupado pelo corpo.

A corporeidade é uma das esferas do nosso ser, nela se atualiza a existência humana, que engloba os fenômenos do “corpo” e da “alma”, do somático e do psíquico.

Embora, diferentes, ambos constituem aspectos de uma mesma estrutura originária que é a existência humana, o modo de ser do homem, isto é, o Dasein ou ser-aí. A partir dessa abertura é que se pode vir a falar em soma e psique.

A corporeidade humana como esfera da existência se atualiza de modo físico ou somático. O aspecto corporal é o modo físico de relações com o mundo, relações que definem o que o Dasein é. A doença é uma estagnação de possibilidades vitais na corporeidade. A existência estagnada e reduzida somente à corporeidade aparecerá sob um aspecto patológico e anormal.

## PARADIGMA EXISTENCIAL E FENOMENOLÓGICO DA TEORIA WINNICOTTIANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS CLÍNICAS

### Aula 9. PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DE AÇÃO NA ÁREA DA SAÚDE ESCOLAR

- **Filosofia e psicanálise para pensar a educação: Nussbaum e Winnicott;**
- **A formação da democracia como a ética do ‘viver bem’ e do ‘viver com’**

### SUGESTÕES DE LEITURA PARA AULA 9:

→ \* WINNICOTT – “Algumas Considerações sobre o Significado da Palavra Democracia” Podcast: <https://na01.safelinks.protection.outlook.com/?url=https%3A%2F%2Fpodcasters.spotify.com%2Fpod%2Fshandrea-graciano%2Fepisodes%2FAlgumas-consideraes-sobre-o-significado-da-palavra-democracia--Winnicott-e2fdatv&data=05%7C02%7C%7Cdcf19ff8512f4d07bc7708dc58c6b02c%7C84df9e7fe9f640afb435aaaaaa%7C1%7C0%7C638482857581978500%7CUnknown%7CTWFpbGZsb3d8eyJWljiMC4wLjAwMDAiLCJQIjoiV2luMzliLCJBTiI6IjEhaWwiLCJXVCi6Mn0%3D%7C0%7C%7C%7C&sdata=RqYc%2Fxa7u5wcSdMfHzwgoyGmHaSa3dG%2BhVOHXk7TF2A%3D&reserved=0> (\* **texto principal**)

→ NUSSBAUM, Sem Fins Lucrativos – Por que a democracia precisa das humanidades. Ed. Martins Fontes, 2015

→ Almeida AP de, Naffah Neto A. A teoria do desenvolvimento maturacional de Winnicott: novas perspectivas para a educação. Rev latinoam psicopatol fundam [Internet]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p517-3> Acesso em: 09/04/2024.

## PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DE AÇÃO NA ÁREA DA SAÚDE ESCOLAR

A partir do encontro dos conceitos teóricos do autor inglês, pediatra e psicanalista Donald Woods Winnicott (1896 – 1971)<sup>3</sup> e das contribuições da filósofa estadunidense Martha Craven Nussbaum (1947) sobre a formação da educação como *ethos* democrático, estudaremos o tema da educação - representadas pelas obras destes dois autores - para pensarmos sobre: a prevenção, a promoção de ação na área da saúde escolar e as concepções do bem viver.

Em 1950, Winnicott escreveu “Algumas Considerações sobre o Significado da Palavra Democracia” para *Human Relations Journal*<sup>107</sup>. Nesta oportunidade, reconheceu estar abordando um assunto que se situava fora da sua especialidade, correndo o risco de ser considerado inadequado ou impertinente.

No entanto, lhe parecia valioso que os pesquisadores cruzassem temporariamente as fronteiras, desde que ponderassem (como ele) que as observações poderiam “inevitavelmente parecer ingênuas aos que conhecem a literatura relevante ao tema e estão familiarizados com um jargão profissional que o intruso ignora”<sup>108</sup>.

No texto Diagnóstico Educacional<sup>109</sup>, Winnicott mais uma vez cruzou as fronteiras, saindo além das suas áreas de trabalho (medicina e psicanálise) para questionar sobre a Educação: “O que poderia um médico dizer de útil a um professor?”:

“Obviamente, não pode ensinar-lhe como ensinar; e ninguém quer que um professor adote uma atitude terapêutica em relação aos alunos. Os alunos não são pacientes. Pelo menos: não são pacientes em relação ao professor, enquanto este está ensinando.”<sup>110</sup>.

O Diagnóstico Educacional<sup>111</sup> de Winnicott ampliou a avaliação de desempenho escolar e aprendizagem. Seu diagnóstico sobre o aprendizado infantil considerava as características da natureza humana em relação a provisão ambiental recebida. Destas relações objetais originárias sucederiam as distintas necessidades emocionais da criança e do adolescente.

---

<sup>107</sup> Periódico com uma longa tradição de reunir disciplinas das ciências sociais para compreender o caráter e a complexidade dos problemas humanos através de investigações incisivas de uma rede internacional de importantes estudiosos em administração, psicologia, sociologia, política, antropologia e economia. <https://journals.sagepub.com/description/HUM>

<sup>108</sup> WINNICOTT, Tudo Começa Em Casa. São Paulo. Editora Martins Fontes, 1999, p. 249

<sup>109</sup> WINNICOTT, A Criança e seu Mundo, p. 231

<sup>110</sup> Idem

<sup>111</sup> Idem

Os *bons lares comuns*<sup>112</sup> forneceriam o principal contexto em que se poderia constituir um ser humano emocionalmente maduro, responsável e preparado para aprender.

Segundo Winnicott, a partir desta premissa, adviria o *desenvolvimento da capacidade de envolvimento*<sup>113</sup> com o outro, uma conquista indispensável para a realização do trabalho construtivo de acesso a um modo de vida social saudável e democrático.

- **Filosofia e psicanálise para pensar a educação: Nussbaum e Winnicott**

Martha Nussbaum também oferece um pensamento interdisciplinar que alarga as fronteiras do conhecimento incluindo a antropologia, a sociologia e a psicanálise. As interlocuções da professora da Universidade de Chicago com pensadores como John Dewey, Jean-Jacques Rousseau, Donald Winnicott, Ralph Ellison e Rabindranath Tagore<sup>114</sup> revelam o pluralismo de suas referências com outros saberes que incrementam as argumentações e afiam as ferramentas conceituais de seu trabalho em defesa de propostas de ações nas políticas públicas da educação e para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e democrática.

Segundo Nussbaum, as humanidades em suas especialidades como a filosofia, a arte e a literatura abririam espaço para o pensamento livre, reflexivo, argumentativo e seriam importantes para habilitar os sujeitos a serem participantes ativos dos processos de justiça.

Neste sentido, Nussbaum emprega a referência de Rabindranath Tagore (1861 – 1941)<sup>115</sup>, “o nacionalismo agressivo precisa anestesiar a consciência moral”<sup>116</sup> para criticar as influências das ideias nacionalistas sobre pessoas que não se reconhecem como indivíduos, mas que agem como burocratas dóceis.

Para a autora, a arte seria uma das formas de despertar desse estado de anestesia.

---

<sup>112</sup> Para Winnicott, “o lar bom e normal é comum, costumeiro”. WINNICOTT, A Família e o Desenvolvimento Individual, p. 139 Disponível em: [file:///C:/Users/55119/Downloads/A\\_FAMILIA\\_E\\_A\\_FAMILIA\\_E\\_DESENVOLVIMENTO%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/55119/Downloads/A_FAMILIA_E_A_FAMILIA_E_DESENVOLVIMENTO%20(2).pdf) Acesso em 15/01/2024

<sup>113</sup> WINNICOTT, Privação e Delinquência, 2005. Martins Fontes, p.111

<sup>114</sup> Polis, Revista Latinoamericana, Volumen 15, Nº 45, 2016, p. 461-467 Disponível em: [https://www.scielo.cl/pdf/polis/v15n45/art\\_23.pdf](https://www.scielo.cl/pdf/polis/v15n45/art_23.pdf) Acesso em 20/01/2024.

<sup>115</sup> Poeta indiano, romancista, músico, dramaturgo e Nobel de Literatura.

<sup>116</sup> NUSSBAUM, Sem Fins Lucrativos – Por que a democracia precisa das humanidades. Ed. Martins Fontes, 2015.p. 24

A arte, em princípio, permitiria a liberdade de pensamentos fazendo a função de *saltar a estupidez* com imaginação criativa, ultrapassando os limites do habitual para proporcionar novas visões de mundo<sup>117</sup>.

Por esta razão, afirma Nussbaum, os educadores que defendem o crescimento econômico fazem campanha contra inclusão das humanidades e das artes no ensino fundamental, fixando-se em currículos excessivamente tecnológicos. Esta afirmativa de Nussbaum pode ser compreendida como um manifesto contra um ensino utilitarista que se pretende impor visando o lucro à custa de comprometer a postura democrática.

“Se não insistirmos na importância crucial das humanidades e das artes, elas vão desaparecer gradativamente porque não dão lucro. Elas só fazem o que é muito mais precioso do que isso: criam um mundo no qual vale a pena viver, pessoas que são capazes de enxergar os outros seres humanos como pessoas completas, com opiniões e sentimentos próprios que merecem respeito e compreensão, e nações que são capazes de superar o medo e a desconfiança em prol de um debate gratificante e sensato”.<sup>118</sup>

Neste panorama, a democracia estaria correndo risco de sucumbir ao fracasso, uma vez que, o individualismo não permitiria o sujeito viver a capacidade de perceber os outros para construir um senso coletivo. A perspectiva de Nussbaum faz recordar as palavras do sociólogo brasileiro Darcy Ribeiro, “A crise da educação (...) não é uma crise: é projeto.”<sup>119</sup>.

Para que o cultivo das humanidades sobreviva aos nefastos projetos econômicos-políticos, os pensamentos de Nussbaum se valem do conceito filosófico clássico de um ‘bem viver’ que se iniciaria, desde a mais tenra infância.

Conforme os princípios apresentados no modelo da pedagogia socrática da obra *A República* de Platão, o conceito de vida feliz - a Eudaimonia - se colocaria diretamente relacionada a educação integral recebida dos cuidadores e tutores. Uma educação integral, reflexiva e plural que contribuiria para a experiência viva e concreta de uma postura democrática.

Os *indivíduos capacitados a ser e fazer* poderiam, portanto, se posicionar contra um modelo econômico que produz destruição da autonomia, da liberdade e da dignidade humana.

---

<sup>117</sup> Idem.

<sup>118</sup> Idem, p. 143-144.

<sup>119</sup> <https://monitormercantil.com.br/a-crise-da-educacao-no-brasil-nao-e-uma-crise-e-projeto/>

## ✓ FINALIDADES DA EDUCAÇÃO

Baseada em suas pesquisas sobre os modelos de ensino dos Estados Unidos da América e da Índia, Martha Nussbaum na obra “Sem Fins Lucrativos – Por que a democracia precisa das humanidades” expõe dois paradigmas que norteariam as finalidades da educação na atualidade.

O primeiro paradigma estaria voltado para a finalidade do lucro com objetivos que visariam o aumento do produto interno bruto (PIB) per capita, beneficiando o crescimento econômico do país. Este modelo estaria dentro da lógica do Desenvolvimento Econômico avaliado pelos indicadores do PIB<sup>120</sup>.

No entanto, de acordo com as pesquisas de Nussbaum, produzir crescimento econômico não significaria produzir democracia, muito menos constituiria a criação de uma população saudável, participativa e educada com oportunidades de boa vida. A riqueza de rendimentos de um país nem sempre proporcionaria o bem-estar ao alcance de todas as classes sociais<sup>121</sup>.

Neste modelo de desenvolvimento, a finalidade do ensino estaria inserida numa mentalidade neoliberal, capitalista e mercadológica. Em tal padrão de progresso não seriam considerados a igualdade distributiva econômica e social, tão pouco seria levado em conta a qualidade das relações raciais e de gênero, assim como, não seriam interessantes as propriedades da vida do ser humano que não estivessem completamente ligadas aos fins lucrativos e ao crescimento econômico<sup>122</sup>.

O segundo paradigma apresentado por Nussbaum está baseado no trabalho de Amartya Sen<sup>123</sup> sobre o Modelo do Desenvolvimento Humano. De acordo com esse modelo, o país seria responsável por proporcionar oportunidades de aquisições indispensáveis a condição humana, tais como: educação básica, cuidados de saúde e repartição equitativa da terra<sup>124</sup>.

---

<sup>120</sup> NUSSBAUM, Sem Fins Lucrativos – Por que a democracia precisa das humanidades. Ed. Martins Fontes, 2015.p. 14

<sup>121</sup> Idem, p. 15

<sup>122</sup> Idem, p. 14

<sup>123</sup> Professor de economia e filosofia da Universidade Harvard. Por suas contribuições para a economia do bem-estar, Sen recebeu o Prêmio Nobel de Economia de 1998. Disponível em: <https://news.harvard.edu/gazette/story/1998/10/amartya-k-sen-wins-1998-nobel-prize-in-economics/> Acesso: 20/01/2024.

<sup>124</sup> SEN, A., “A pobreza como carência de potencialidades”. O Desenvolvimento como Liberdade, Lisboa: Gradiva, 2003: 101-124.

Nesta concepção, *todos*, indistintamente, possuem potenciais latentes a serem manifestos. Para Amartya Sen, a pobreza de potencialidades humanas está relacionada com a pobreza de rendimentos e vice-versa.

Segundo Sen, o reforço das potencialidades humanas alargaria a capacidade de uma pessoa ser mais produtiva e obter um rendimento mais elevado. O sentido inverso também seria verdadeiro, na direção de uma melhor qualidade de vida proporcionada pelo acesso à educação básica e aos cuidados de saúde. Consequentemente, estas oportunidades permitiriam melhores hipóteses de ampliação das potencialidades humanas<sup>125</sup>.

Nussbaum ressalta o direito a dignidade humana afirmando que este preceito é inalienável e precisa ser respeitada pelas leis. Em sua teoria, um país correto que respeita a vida, a saúde, a integridade física, a liberdade política, a educação, e outras áreas de expressão humana sabe reconhecer que seus cidadãos possuem direitos, e para tanto, estabelece estratégias e condições para fazer acontecer estas oportunidades.

Nussbaum assegura que o “O Modelo do Desenvolvimento Humano está comprometido com a democracia”<sup>126</sup> e não é idealismo, mas é um modo de vida que está estritamente relacionado com os direitos humanos fundamentais, bem como, com os compromissos constitucionais, nem sempre cumpridos.

#### ✓ WINNICOTT E A EDUCAÇÃO

Baseado na longa experiência como pediatra, Winnicott construiu a teoria do desenvolvimento apresentada em muitos e importantes pressupostos. Um deles seria a tendência inata ao desenvolvimento herdada geneticamente (*nature*), ou seja, um conjunto de determinadas características da natureza humana que, em geral, seriam encontradas nos bebês.

A tendência inata ao desenvolvimento seria expressa através de uma *excitação agressiva*, uma *força vital* observada nos movimentos musculares dos bebês. Esta disposição para a vida permitiria as futuras aquisições e existiriam de forma similar (em certa medida) em todos os seres humanos, independentemente, de origens

---

<sup>125</sup> SEN, A., “A pobreza como carência de potencialidades”. O Desenvolvimento como Liberdade, Lisboa: Gradiva, 2003, p. 104.

<sup>126</sup> NUSSBAUM, Sem Fins Lucrativos – Por que a democracia precisa das humanidades. Ed. Martins Fontes, 2015, p. 25

raciais, condições socioeconômicas, localização geográfica ou posicionamentos religiosos<sup>127</sup>.

No entanto, Winnicott afirmava que para o processo do desenvolvimento seguir bem, a saúde<sup>128</sup> da criança dependeria da interação com o ambiente, primeiramente, com o lar familiar (*nurture*)<sup>129</sup>, e posteriormente, com o ambiente escolar. Estes deveriam ser, necessariamente, *ambientes suficientemente bons*.

Em outras palavras, se houvesse uma provisão ambiental suficientemente boa, a criança se desenvolveria saudavelmente. Porém, se o ambiente não proporcionasse cuidado satisfatório (*nurture*), tal situação comprometeria a continuidade da linha da vida, e as tendências herdadas (*nature*), ainda que muito poderosas, não poderiam levar a criança à plenitude pessoal.

Winnicott discorreu ao longo de sua teoria que a “mãe” (ambiente-cuidador/a)<sup>130</sup> seria a matriz da relação do indivíduo com ele mesmo e com o mundo. A mãe seria quem inauguraria o primeiro círculo ambiental da criança.

Após esta iniciação, seguiriam a formação de outros círculos sociais gradualmente conquistados no decorrer do processo do desenvolvimento socioemocional. No início da vida, no entanto, mãe-bebê viveriam o “um só” (amalgamados/fusionados), numa fase que o autor denominava de dependência absoluta.

De acordo com este pensamento, se tudo corresse bem, a conquista da confiança que a criança recebeu (proporcionada pelo ego-auxiliar da mãe), se repetiria no encontro com o educador. Winnicott dizia que a confiabilidade na personalidade do professor poderia atender as necessidades de crianças que iam para a escola não para aprender, “mas, para encontrar um lar fora do lar”<sup>131</sup>.

Assim sendo, a criança precisaria da escola, prioritariamente, para brincar de forma organizada, para viver a socialização, ter experiência democrática e não para se enquadrar a um modelo social-econômico que garantisse um formato performático de vida bem-sucedida.

---

<sup>127</sup> WINNICOTT, Privação e Delinquência, 2005. Martins Fontes, p.104

<sup>128</sup> Para Winnicott maturidade emocional é saúde psíquica – WINNICOTT, Natureza Humana, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 29

<sup>129</sup> Winnicott diferenciava *nature* (saúde física hereditária) de *nurture* (nutrição da saúde psíquica proporcionada pela criação, ou seja, cuidados suficientemente bons). WINNICOTT, Natureza Humana, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 29

<sup>130</sup> “Mãe” na teoria winnicottiana, pela perspectiva do bebê, se mistura com o ambiente que cuida, independente de ser a mãe biológica e/ou gênero do cuidador.

<sup>131</sup> WINNICOTT, A Criança e seu Mundo, p. 234



O diagnóstico sobre o aprendizado infantil em Winnicott, portanto, considerava as características da natureza humana (*nature*) em relação com a provisão ambiental recebida (*nurture*), distinguindo dois grupos de crianças, de acordo com os lares:

1. Lar suficientemente bom: “As crianças vão para a escola para que se adicione algo à sua vida; querem aprender lições.”<sup>132</sup>;
2. Lar que não deu provisão ambiental adequada: “Frequentam-na com a ideia de que a escola talvez lhes forneça o que o lar não logrou propiciar.”<sup>133</sup>

Destas relações objetais adviriam as distintas necessidades emocionais que com frequência preocupavam os profissionais docentes. Winnicott se defrontava na sua clínica com professores que apresentavam preocupações, não tanto com a capacidade intelectual de seus alunos, mas com as distintas necessidades emocionais das crianças e adolescentes.

Dificuldades estas que foram diagnosticadas nos trabalhos de Winnicott e que permanecem presentes nos ambientes educacionais, tais como:

- ✓ crianças com fechamento autístico - incluído como um dos déficits na reciprocidade socioemocional dos critérios diagnósticos do TEA (Transtorno de Espectro Autista)<sup>134</sup>;
- ✓ alunos que exigem supervisão constante para agirem com regularidade e direção – presente no padrão persistente de desatenção e/ou impulsividade do TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade)<sup>135</sup>;
- ✓ humor de crianças com acessos extremos de agressividade e não-cooperação - padrão de humor raivoso/irritável exibido no TOD (Transtorno de Oposição Desafiante)<sup>136</sup>.

Estes e outros comportamentos são denominados na atualidade como Transtornos do Neurodesenvolvimento e estão contemplados no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5).

Nas palavras do professor e psicanalista Alfredo Naffah (2021), a escola passa, então, a ser vista como um terreno de esperança para que as potencialidades dos alunos venham a se desenvolver, complementando a função do meio familiar. Nesse sentido,

---

<sup>132</sup> Idem

<sup>133</sup> Idem

<sup>134</sup> Manual Diagnóstico E Estatístico De Transtornos Mentais (DSM-5), p. 50

<sup>135</sup> Idem, p. 59

<sup>136</sup> Idem, p. 462

a regressão (emocional) de alguns alunos pode ser interpretada como a verdadeira expressão de um chamado por socorro — “o último respiro antes do mergulho.”<sup>137</sup>.

Isso amplia a dimensão do compromisso da instituição escolar para a produção de uma sociedade saudável e emocionalmente equilibrada. A escola não pode ser reduzida, de modo algum, a um espaço que tende priorizar somente os aspectos de aprendizagem.

Sem a oportunidade de vir a ser, é impossível começar a aprender — o que nos fornece uma outra perspectiva acerca dos problemas de aprendizagem.<sup>138</sup>

Dentro desta análise, a relação da criança e do adolescente com os ambientes suficientemente bons (lar e instituições educacionais) permitiriam a conquista da confiança e dariam as condições necessárias para o indivíduo *vir a ser* e viver de modo criativo, se servindo das capacidades da educação.

O bem-estar social provido pelo ambiente escolar, portanto, contribuiria como um complemento da função familiar e atuaria como medida de prevenção contra saídas patológicas (transtornos psicológicos) e destrutivas (comportamentos antissociais), especialmente, na infância e juventude.

- **A formação da democracia como a ética do ‘viver bem’ e do ‘viver com’**

Para Nussbaum, o cuidado com a educação levaria a concepção de um existir democrático, isto é, um modo de viver, cujas bases estariam na formação de um *ethos* democrático (correspondente ao *concern* e a identificação cruzada da teoria em Winnicott<sup>139</sup>).

O resultado seria uma aquisição maturacional indispensável para o ‘viver com’, no exame de si mesmo e na sua relação como cidadão com o mundo, através de um pensamento livre, exercido sobre o bem comum e a justiça.

Segundo Winnicott, o uso da palavra “democracia” poderia ser estudado do ponto de vista psicológico, com base no que esse uso implicava em termos de maturidade.

---

<sup>137</sup> Almeida AP de, Naffah Neto A. A teoria do desenvolvimento maturacional de Winnicott: novas perspectivas para a educação. Rev latinoam psicopatol fundam [Internet]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p517-3> Acesso em: 15/01/2024.

<sup>138</sup> Idem

<sup>139</sup> Winnicott diz que a criança descobre o “Nós”, através de uma depressão de compreensão, passa a viver o concernimento, que é a preocupação com o outro. Aqui nasce a identificação cruzada, que é a gênese da empatia, da capacidade de calçar o sapato do outro, de socializar. WINNICOTT, Natureza Humana, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 25

Sendo assim, uma sociedade democrática seria uma sociedade saudável formada por um grupo de pessoas maduras emocionalmente. Nas palavras do autor, "*Se democracia é maturidade, a maturidade é saúde e a saúde é algo desejável, é natural que procuremos saber se podemos fazer algo para promovê-la.*"<sup>140</sup>.

No entanto, para Winnicott nem a democracia nem a maturidade poderiam ser implantadas numa sociedade; elas seriam conquistadas. Mas, como se conquistaria o *ethos* democrático na teoria winnicottiana?

Sua proposição articulava que a criança descobriria o "Nós" através de uma depressão de compreensão. Em algum momento da segunda metade do primeiro ano de vida, a criança começaria a demonstrar certa habilidade para viver o estado depressivo em relação a descoberta do uso da mãe e a culpa pelas fantasias destrutivas. A partir daí, o bebê passaria a viver o *concernimento* (*concern*), que significava a conquista da *capacidade de sentir preocupação pelo outro*.

A contar desse momento, nasceria o *ethos* democrático winnicottiano, que é a gênese da empatia, da identificação cruzada, da capacidade de calçar o sapato do outro e de socializar.<sup>141</sup> A responsabilidade passaria a ser uma necessidade do amadurecimento como uma forma de reparação pelo uso e dano que teria causado a mãe.

Por estes motivos, para Winnicott, nem maturidade nem democracia se ensinariam, mas se conquistariam.

#### DIGNIDADE HUMANA, COMO ADQUIRIR CAPACIDADES?

No livro *Fronteiras da Justiça*, Nussbaum apresenta uma lista de dez capacidades que segundo a autora passou por modificações ao longo de seu trabalho de pesquisa e que certamente passará por novas atualizações no decorrer de futuras críticas.

As capacidades humanas centrais na teoria de Nussbaum incluem:

1. A capacidade de viver uma vida humana sem o risco de morrer prematuramente ou viver uma vida tão reduzida existencialmente, que seja uma vida que não vale a pena ser vivida;
2. A capacidade de ter saúde corporal, podendo ser nutrido adequadamente e ter um abrigo digno na proteção do corpo;
3. A capacidade de viver a integração corporal, podendo transitar livremente sem o risco de uma morte violenta, incluindo a violência sexual e doméstica;

---

<sup>140</sup> Idem, p. 139

<sup>141</sup> Idem, p. 13

4. A capacidade de usar os sentidos, a imaginação e o pensamento não se limitando a uma alfabetização e a um treinamento matemático e científico básico. Ou seja, ser capaz de usar a imaginação e o pensamento em produções próprias, especialmente enriquecidas pela arte, literatura, religião, poesia e música.
5. A capacidade para viver as emoções, podendo amar e não ter o seu desenvolvimento emocional prejudicado pelo medo ou pela ansiedade;
6. A capacidade de formar sua própria reflexão crítica e isso implica viver a liberdade religiosa sem discriminação;
7. A capacidade de se afiliar, de viver com e para os outros, mostrando preocupação com o outro, sendo capaz de imaginar a situação do outro;
8. A capacidade de viver a preocupação em relação aos animais, plantas e o mundo da natureza;
9. A capacidade para brincar, podendo ser livre para rir e desfrutar atividades recreativas;
10. A capacidade de viver a participação política com liberdade de expressão, poder trabalhar e viver em igualdade de direitos com os outros.

- A CAPACIDADE DE CRIAR MUNDO

As ideias de Nussbaum encontram ressonâncias nas concepções winnicottianas de uma “vida que vale a pena ser vivida”.

Winnicott trouxe ideias de uma moralidade humanista baseada no conhecimento da natureza humana e do mundo real. Dentre estas ideias, estava a criatividade como “a capacidade de criar o mundo” (WINNICOTT, 1999, p.24)<sup>142</sup>.

Ao contrário da submissão impensada, a capacidade de ser criativo, brincar e “ter uma visão pessoal de tudo” conservaria o acesso à imaginação criativa dentro da crueza da realidade.

“Através de um processo de crescimento extremamente complexo, geneticamente determinado, e da interação do crescimento individual com fatores externos que tendem a ser positivamente facilitadores — ou então não-adaptadores e produtores de reação -a criança torna-se você ou eu, descobrindo-se equipada com alguma capacidade para ver tudo de um modo novo, para ser criativa em todos os detalhes do viver.” (WINNICOTT, 1999, p. 25).

A exposição da teoria de Winnicott reconhecia que as atividades rotineiras poderiam ser entediadas e sufocantes, porém, enfatizava a necessidade de uma organização,

---

<sup>142</sup> WINNICOTT, Tudo Começa em Casa

de forma que, a atividade psicológica alimentasse a imaginação e o indivíduo gerasse um espaço potencial no trabalho, no casamento, no ensino, na arte, na bagunça das crianças, na cozinha, na vida sexual ou na engrenagem da vida política.

O conceito do espaço potencial se originava no pressuposto da criação de um espaço com bom suprimento ambiental (físico e mental) entre mãe e bebê. A capacidade de gerar espaço potencial constituiria um conjunto organizado e organizador de atividades psicológicas.

Essa área intermediária de experiência, incontestada quanto a pertencer à realidade interna ou externa (compartilhada), fundaria a parte maior da experiência do bebê e, através da vida seria conservada na experimentação intensa no que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador (WINNICOTT, 1975, p. 30)<sup>143</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto Nussbaum quanto Winnicott, cada um a seu modo, expõem que, no outro lado da moeda, um ser humano que não recebeu os cuidados da educação ou inicialmente teve e os perdeu (uma privação circunstancial) ou os teria negado; seja como for, este sujeito viveria dificuldades em desenvolver as capacidades maturacionais para ser e fazer.

O indivíduo em questão apresentaria um comprometimento dos seus potenciais inatos (da sua *tendência inata para integração*), manifestaria ainda limitação ou obstrução das suas habilidades de cultivar os recursos da personalidade humana, bem como, viveria perda ou embotamento do belo e do espontâneo na experiência de seu *self* na vida criativa.

Sem riqueza pessoal e social, a vida estaria exposta à indignidade humana e a subserviência se apresentaria na atitude de uma relação de dependência a um dominador autoritário e tirânico (Nussbaum) ou ainda, o indivíduo se tornaria - ele mesmo - um ditador (*psicologia do ditador*<sup>144</sup>), apresentando um desenvolvimento com uma tendência antissocial e antidemocrática (Winnicott).

**A psicologia do ditador** para Winnicott se situaria no polo oposto a tudo o que poderia significar a palavra democracia. Dentro de sua análise, uma das possibilidades

---

<sup>143</sup> WINNICOTT, *Objetos transicionais e fenômenos transicionais* - Livro O Brincar e a Realidade

<sup>144</sup> WINNICOTT, *A Família e o Desenvolvimento Individual*, p. 143

das raízes da necessidade de ser um ditador seria uma compulsão de lidar com o temor da mulher abarcando-a e agindo em seu lugar.

Talvez, a partir desta hipótese brotaria a fonte do curioso hábito que os ditadores têm de exigir dos súditos não só a obediência e a dependência absolutas, mas também o amor.

## Bibliografia

AB'SÁBER, Tales. Winnicott: experiência e paradoxo. Ubu Editora, 2021.

ALMEIDA, A. P. de ., & NAFFAH NETO, A.. (2021). A teoria do desenvolvimento maturacional de Winnicott: novas perspectivas para a educação. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental*, 24(3), 517–536. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p517-3> Acesso em 28 de Maio de 2023.

ANA LILA LAJARRAGA. O amor de Winnicott – Rio de Janeiro – Garamond, 2012.

BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

BUSNARDO, Alice McCaffrey. Criatividade e Clínica em Winnicott. Tese de doutorado em Psicologia Clínica – PUC, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15135/1/Alice%20McCaffrey%20Busnardo.pdf> acesso em 28 de Maio de 2023.

I COLÓQUIO DE FILOSOFIA E PSICANÁLISE: PSICOPOLÍTICA E AS PATOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS. Filosofia e Psicanálise: Psicopolítica e as Patologias Contemporâneas, Vol. 2. Editora Fundação Fênix. Porto Alegre, 2020.

DAVIS M, WALLBRIDGE D. “Os Antecedentes”. In: Limite e Espaço - Uma Introdução à Obra de D. W. Winnicott, Imago, 1982.

DEBORD, G. A Sociedade do Espectáculo. Edições Antipáticas. Lisboa, 2005. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/0ByGOj9\\_gW1Y7bzlyc3dwc05vc2M/view?resourcekey=0-lyz1p\\_ur4yQ3qrpi-ApiCw](https://drive.google.com/file/d/0ByGOj9_gW1Y7bzlyc3dwc05vc2M/view?resourcekey=0-lyz1p_ur4yQ3qrpi-ApiCw) Acesso: 24 abr. 2023.

DIAS, Elsa Oliveira. Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Revista Natureza Humana* 2(1):9-48, 2000. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v2n1/v2n1a01.pdf> Acesso em 28 de Maio de 2023.

DIAS, Elsa Oliveira. A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. Editora Imago. Rio de Janeiro 2003.

FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006.

FREUD, O Inconsciente (1915) – VII – Avaliação do Inconsciente

\_\_\_\_\_. Sobre a psicologia dos processos oníricos. Livro A interpretação dos Sonhos.

\_\_\_\_\_. Introdução ao Narcisismo (1914).

FULGENCIO, L. Pode a psicanálise de Winnicott ser a realização de um projeto de psicologia científica de orientação fenomenológica? *Psicologia USP*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 303-313, ago. 2018.

FULGENCIO, L. Artigo Aspectos gerais da redescrição winnicottiana dos conceitos fundamentais da psicanálise freudiana – Disponível em <https://www.scielo.br/j/psusp/a/F4xcjjVCXp4sf8QYZs69mps/?lang=pt&format=pdf> acesso em 28 de Maio de 2023.

FULGENCIO, L. Artigo Aspectos diferenciais da noção de ego e de self na obra de Winnicott. Disponível em

file:///C:/Users/55119/Downloads/Aspectos\_diferenciais\_da\_nocao\_de\_ego\_e.pdf Acesso em 28 de Maio de 2023.

FULGENCIO E DECIO GURFINKE. Relações e objeto na psicanálise – ontem e hoje. Editora: Blucher. São Paulo: 2022.

GIROLA, R. Winnicott: rumo a uma clínica do self”. In: A psicanálise cura?. Aparecida: 2004.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço / Byung-Chul Han; tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Campinas – SP. Editora da Unicamp. Editora Vozes, 2009.

HEIDEGGER, Martin. Seminário de Zollikon. São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

HEIDEGGER, Martin. Ensaio e conferências. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Foge], Marcia Sá Cavalcante Schuback. - 8. ed. - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Coleção Pensamento Humano)

LOPARIC, Zeljko. Ética e Finitude. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Editora Escuta, 2004. Disponível em: file:///C:/Users/55119/OneDrive/%C3%89tica-e-finitude.pdf Acesso: 24 abr. 2023.

LOPARIC, Zeljko. Origem em Heidegger e Winnicott. Volume 2 nº 1, série 2 ano 2007. Disponível em: <https://ibpw.org.br/wp-content/uploads/2007/01/%E2%80%9COrigem-em-Heidegger-e-Winnicott%E2%80%9D.-Winnicott-e-Prints-s%C3%A9rie-2-vol.-2-n.-1-pp.-28-44-2007.pdf> Acesso: 24 abr. 2023.

LOPARIC, Zeljko. Heidegger e Winnicott. Volume 1 nº 2, série 2 ano 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/wep/v1n2/v1n2a02.pdf> Acesso: 24 abr. 2023.

LOPARIC, Zeljko. Heidegger – Filosofia passo-a-passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. Disponível em: <https://ibpw.org.br/wp-content/uploads/2004/01/Heidegger.-Rio-de-Janeiro-Jorge-Zahar-2004.pdf> Acesso: 24 abr. 2023.

LOPARIC, Zeljko. Winnicott e o Pensamento Pós-Metafísico. Psicologia USP, São Paulo, v.6, n.2, p. 39 -61, 1995. Disponível em: <https://ibpw.org.br/wp-content/uploads/1995/01/%E2%80%9CWinnicott-e-o-pensamento-p%C3%B3s-metaf%C3%ADsico%E2%80%9D.-Psicologia-USP-v-6-n-2-pp-39-61-1995..pdf>

Acesso: 24 abr. 2023.

LOPARIC, Zeljko. Winnicott e Heidegger: Afinidades. Palestra proferida no III Encontro Latino-americano sobre o pensamento de D. W. Winnicott, organizado em Gramado, entre 2 e 4 de dezembro de 1994. Disponível em: <https://ibpw.org.br/wp-content/uploads/1995/01/%E2%80%9CWinnicott-e-Heidegger-afinidades%E2%80%9D.-Boletim-de-novidades-janeiro-de-1995-pp.-53-60.-S%C3%A3o-Paulo-Pulsional..pdf> Acesso: 24 abr. 2023.

LOPARIC, Zeljko. Winnicott e Heidegger: Primeiras Aproximações. Disponível em: <https://ibpw.org.br/wp-content/uploads/1994/01/Winnicott-e-Heidegger-primeiras-aproxima%C3%A7%C3%B5es.pdf> Acesso: 24 abr. 2023.

MARIA CAROLINA SIGMORELLI. “Agressividade na clínica com crianças: uma perspectiva winnicottiana”. Editora Zagodoni, 2021.



MARGARET LITTLE. O Valor da Regressão. Livro Ansiedades Psíquicas e Sustentação -- Registro Pessoal de uma Análise com Winnicott. Rio de Janeiro. Imago Editora.

MELLO FILHO, Júlio. "O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott", São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

MORAES, Ariadne Alvarenga de Rezende Engelberg de. Winnicott e o Middle Group: a diferença que faz diferença. Nat. hum., São Paulo, v. 10, n. 1, p. 73-104, jun. 2008. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302008000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302008000100004&lng=pt&nrm=iso) Acesso em 25 de abril de 2023

OGDEN, Thomas H. A Matriz da Mente – Relações Objetivas e o Diálogo Psicanalítico. Editora Blucher, 2018

OGDEN, Thomas H. Psicanálise ontológica ou "O que você quer ser quando crescer?". Traduzido por Fernanda Sofio. Rev. bras. psicanál [online]. 2020, vol.54, n.1 [citado 2023-05-21], pp. 22-45 . Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2020000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2020000100002&lng=pt&nrm=iso) . ISSN 0486-641X

PONDÉ, Danit Zeava Falbel. O conceito de medo em Winnicott - Campinas, SP:2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/296867331.pdf> Acesso em 28 de Maio de 2023.

RIBEIRO, Caroline Vasconcelos e SANTOS, Eder Soares. Loparic, um pensador radical. Nat. hum. [online]. 2019, vol.21, n.2 [citado 2023-05-21], pp. 03-11. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302019000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302019000200002&lng=pt&nrm=iso) . ISSN 1517-2430. Acesso em 22 de Maio de 2023.

ROUDINESCO, E. Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo – editora Zahar, 2016

SANTOS, Ana Leonor. PARA UMA ÉTICA DO COMO SE. CONTINGÊNCIA E LIBERDADE EM ARISTÓTELES E KANT – Dissertação de Mestrado. Disponível em: [http://www.lusosofia.net/textos/santos\\_ana\\_leonor\\_para\\_uma\\_etica\\_do\\_como\\_se.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/santos_ana_leonor_para_uma_etica_do_como_se.pdf) Acesso em 28 de Maio de 2023.

WINNICOTT, W. D. O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

\_\_\_\_\_. Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott / Clare Winnicott, Ray Shepherd & Madeleine Davis; Trad.: José Octavio de Aguiar Abreu. — Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994. Disponível em: <file:///C:/Users/55119/Downloads/Explora%C3%A7%C3%B5es%20Psicanal%C3%ADticas.pdf> Acesso em 22 de Maio de 2023.

\_\_\_\_\_. Natureza Humana. IMAGO EDITORA. Rio de Janeiro: 1988.

\_\_\_\_\_. O Ambiente e Os Processos de Maturação. Estudos Sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional. São Paulo. Editora Artmed, 1983.

\_\_\_\_\_. Tudo Começa Em Casa. São Paulo. Editora Martins Fontes, 1999.